

ELISANE PINTO DA SILVA MACHADO DE LIMA

**SE FORMOS FIÉIS A ELE,
ELE CERTAMENTE SERÁ FIEL A NÓS:**

a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Lingüística Aplicada.

Orientadora: Prof^ª. Dr^a. Aracy Ernst-Pereira

Pelotas

Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL

2002

L732s Lima, Elisane Pinto da Silva Machado de
Se formos fiéis a ele, ele certamente será fiel a nós : a
condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal
do Reino de Deus. / Elisane Pinto da Silva Machado de
Lima. - Pelotas: UCPel, 2002.
190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Pelotas,
Mestrado em Letras, Pelotas, BR - RS, 2002.
Orientador: Ernst-Pereira, Aracy.

1. Análise do discurso. 2. Discurso religioso – Igreja
Universal do Reino de Deus. 3. Enunciados condicionais. I.
Ernst-Pereira, Aracy. II. Título

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Aracy Ernst-Pereira, pela orientação competente e criteriosa. A ela, todo meu carinho e admiração.

À Coordenadora do Mestrado em Letras da UCPEL, Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pela atenção que me dispensou durante o Curso.

À amiga Clóris Freire Dorow, pela amizade, incentivo e pelos debates teóricos sempre tão produtivos.

À amiga Catarina Maitê Macedo Machado Barbosa, pelo apoio, pelo carinho e pelo esforço desmedido nas incontáveis viagens em que trazia livros da Biblioteca da PUCRS.

Ao amigo Marco Antônio Adamoli, pela amizade, lealdade e incentivo.

Ao amigo Mário Luís Studzinski dos Reis, pela competência com que realizou a versão francesa do resumo deste trabalho.

À amiga Maria Cecília Carvalho Amaral, pela dedicação com que realizou a editoração deste trabalho.

À Direção do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas e à Coordenadoria de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias desse Centro pela concessão da licença em tempo integral para dedicação a este trabalho.

Aos meus queridos pais, Carlos Alberto e Maria Célia, pela vida, pelo amor, pelo exemplo, pelo estímulo constante, pelo abraço nos momentos mais difíceis.

Ao meu marido Jailson, companheiro em todos os momentos, pelo incentivo diário e pelo amor capaz de compreender a minha presença ausente.

Aos meus tios Agostinho e Maria Lídia pela confiança em mim depositada.

A Deus, a quem meu assujeitamento foi essencial para vencer as dificuldades desta longa caminhada.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	8
1 O DISCURSO RELIGIOSO CRISTÃO: UMA TRAJETÓRIA DO CRISTIANISMO AO NEOPENTECOSTALISMO	12
1.1 O discurso religioso	12
1.1.1 Características	12
1.1.2 O discurso religioso e os sujeitos	18
1.1.3 O desejo de Deus	23
1.1.4 O eu e o Outro	25
1.2 O cristianismo	27
1.2.1 Breve histórico.....	27
1.2.2 O homem chamado Jesus.....	31
1.2.3 Os fundamentos da doutrina cristã	32
1.3 O pentecostalismo brasileiro	36
1.3.1 Breve histórico.....	36
1.3.2 Fundamentos do pentecostalismo.....	37
1.3.3 Caracterização das três ondas do pentecostalismo brasileiro.....	40
1.3.4 O neopentecostalismo	41
1.4 A Igreja Universal do Reino de Deus	43
1.4.1 Histórico e funcionamento	43
1.4.2 A salvação	50
1.4.3 A cura.....	52
1.4.4 A prosperidade.....	54
1.4.5 Satanás: o grande inimigo	58
2 A ARGUMENTAÇÃO E A CONDICIONALIDADE	63
2.1 A Argumentação.....	63
2.1.1 A argumentação na Análise de Discurso	70
2.2 Os enunciados condicionais	73
2.2.1 Os enunciados condicionais e a Análise de Discurso	92
3 INTRODUÇÃO À ANÁLISE	95
3.1 Algumas considerações sobre a Análise de Discurso.....	95
3.2 Metodologia	97
3.3 Investigação do <i>corpus</i>	100

4 ANÁLISE.....	102
4.1 A possessão	102
4.2 A fé	112
4.3 A obediência.....	118
4.4 O pecado	121
4.5 A oferta e o dízimo	127
4.6 A prosperidade	131
4.7 A solução dos problemas	138
4.8 A salvação	144
5 CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
ANEXOS.....	160
Anexo 1: Orixás, caboclos e guias	161
Anexo 2: Dez passos rumo à salvação	164
Anexo 3: A fé e o sacrifício	170
Anexo 4: Doutrinas 2	173
Anexo 5: Doutrinas 1	175
Anexo 6: O dízimo	178
Anexo 7: Um pai amoroso.....	182
Anexo 8: Diálogo por telefone entre o bispo e um senhor trabalhador autônomo com problemas financeiros	185
Anexo 9: Diálogo por telefone entre o bispo e uma senhora convertida da umbanda para a Igreja Universal	187
Anexo 10: Folha Universal.....	190

RESUMO

Este trabalho compreende um estudo do discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, elaborado a partir da análise do discurso de líderes dessa Igreja, veiculado em artigos, livros, jornais e no programa Ponto de Luz, exibido pela Rede Mulher. Para tanto, focalizam-se os enunciados condicionais ou aqueles com matiz condicional, no intento de compreender-se o modo como eles contribuem para o aumento da persuasão nesse discurso. Utilizando-se como suporte teórico e metodológico a Análise de Discurso, procura-se mostrar, ao longo deste estudo, como funciona esse tipo de construção no dizer de um sujeito que, sem reconhecer seu assujeitamento, busca assujeitar outros. Procura-se, pois, mostrar como a língua e a ideologia mesclam-se num discurso que, "em nome de Deus", consegue assujeitar milhares de indivíduos os quais, abrindo mão de sua liberdade, entregam-se à Igreja, permitindo que suas vidas sejam conduzidas e manipuladas em troca das promessas de cura, salvação e prosperidade. Essa trilogia, que compreende o cerne ideológico da Igreja Universal, materializa-se num discurso que, envolvendo os sujeitos, nega as misérias pessoais e espirituais e afirma a possibilidade de vitória.

RÉSUMÉ

Ce travail comprend une étude du discours religieux de l'Igreja Universal do Reino de Deus, élaborée à partir de l'analyse du discours des leaders de cette église. Ce discours est véhiculé dans des articles, livres, journaux et dans le programme "Ponto de Luz", présenté par la chaîne de télévision "Rede Mulher". Pour cela, on envisage les énoncés conditionnels ou ceux qui ont une nuance conditionnelle, dans le but de comprendre la façon comme ils contribuent pour la croissance de la persuasion dans ce discours. En utilisant comme support théorique et méthodologique l'Analyse de Discours, on cherche à montrer, au long de cette étude, la démarche de cette sorte de construction au dire d'un sujet qui, sans reconnaître son assujettissement, il cherche à assujettir les autres. On cherche, donc, de montrer comme la langue et l'idéologie se mélangent, dans un discours, que "au nom de Dieu", réussit d'assujettir des milliers d'individus lesquels renoncent de leur liberté et se livrent à une église, en permettant que leurs vies soient guidées et manipulées en troc des promesses de guérison, de rédemption et de prospérité. Cette trilogie, qui comprend le cerne idéologique de l'Igreja Universal, se matérialise dans un discours qui, en exhortant les sujets, il nie les misères personnelles et spirituelles et il affirme la possibilité de la victoire.

INTRODUÇÃO

Partindo-se do princípio de que o discurso é o lugar onde se relacionam língua e ideologia, num processo de produção de sentidos por sujeitos e para sujeitos, interessa fazer-se uma análise de como funciona essa relação no discurso religioso. Nessa modalidade discursiva, o sujeito, através do uso da linguagem, produz sentido em uma determinada situação, conseguindo rebanhar milhares de outros sujeitos, unindo-os em torno de uma ideologia religiosa. Tendo em vista, então, que o discurso religioso exerce um grande poder sobre os sujeitos, decidiu-se focalizar a atenção sobre seu funcionamento para se investigar como se dão a transmissão de seus conteúdos ideológicos, a persuasão e o domínio sobre homens e mulheres pertencentes às diversas camadas sociais¹.

Observando-se, pois, que a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD - tem sido, nos últimos anos, uma das igrejas que mais cresce no Brasil, conquistando milhares de fiéis oriundos, inclusive, de outras religiões, o que comprova seu elevado grau de proselitismo, e sabendo-se que o instrumento utilizado pelos pastores e bispos da Igreja Universal para fazer proselitismo é o discurso, propõe-se a analisá-lo sob os pressupostos da Análise de Discurso, visto que o que existe de mais evidente nesse tipo de discurso religioso é o poder de persuasão, alcançado através da inculcação de saberes referentes a uma determinada formação discursiva.

¹ Vale ressaltar que, embora a IURD possua, entre seus fiéis, indivíduos das camadas média e alta da sociedade, é na camada mais baixa que está o maior número de seus adeptos.

Observando-se o *corpus* selecionado para este trabalho, percebe-se que o poder de persuasão que os pastores e bispos alcançam com seu discurso é intensificado através de enunciados condicionais, construídos com uma oração condicional formal ou por diferentes construções que expressem, entre as proposições, uma relação de condicionalidade. Nesse sentido, é fundamental dizer-se que o trabalho com os enunciados condicionais não incide sobre o funcionamento gramatical dessas estruturas, mas sim sobre o seu funcionamento discursivo no que diz respeito à questão da subjetividade determinada pela historicidade do sujeito.

O presente trabalho apoia-se sobre alguns questionamentos. O primeiro deles é: como se dá o poder de persuasão do discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus? A partir disso, uma vez que, no *corpus* selecionado, há grande incidência de construções condicionais, surge um segundo questionamento: de que forma a condicionalidade pode contribuir para o aumento do poder de persuasão do discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus? Por fim, tem-se a questão: como os saberes mobilizados pelo interdiscurso e materializados no intradiscurso contribuem para aumentar o poder de persuasão do discurso da IURD? São, pois, esses questionamentos a base fundante deste estudo, através do qual se pretende mostrar como a língua e a ideologia funcionam no discurso, sendo este último materialização da ideologia e local em que ocorre a materialidade lingüística, ou seja, deseja-se mostrar que é através de elementos lingüísticos existentes no discurso que se faz presente a historicidade.

É necessário dizer-se, ainda, que o estudo que é desenvolvido neste trabalho não tem por objetivo promover críticas, mas sim mostrar o funcionamento do discurso religioso da Igreja Universal, que, através do uso da linguagem, interpela

ideologicamente massas infindáveis de indivíduos livres, os quais, agindo livremente, permitem-se assujeitar².

Sendo o discurso um veículo de manifestação ideológica, é importante mostrar-se, no caso desse discurso religioso, não só suas características, mas o modo como, ao longo dos tempos, foram se agregando saberes que hoje compõem a ideologia religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus. Por isso, no primeiro capítulo desta dissertação, mostram-se as principais características do discurso religioso cristão, bem como a história religiosa, ainda que bastante resumida, do cristianismo ao neopentecostalismo, com o fim de apresentar-se a origem, os conteúdos e o funcionamento do discurso da IURD.

No segundo capítulo, aborda-se a questão da argumentação, tendo em vista que ela é o cerne de um discurso persuasivo, como o é o da Igreja Universal. A argumentação é estudada, então, a partir de Perelman, com sua Teoria da Argumentação; de Foucault, com sua abordagem sobre o poder; de Ducrot, com a teoria da Argumentação na Língua (os *topoi*); e, por fim, sob a ótica da Análise de Discurso, com sua concepção sobre a argumentação na composição de discursos persuasivos. Ainda nesse capítulo, apresenta-se um estudo dos enunciados condicionais, passando-se pela gramática tradicional, pela lógica, pela gramática funcional, pela semântica lingüística e, finalmente, pela semântica discursiva.

No terceiro capítulo, fazem-se, primeiramente, algumas considerações sobre a Análise de Discurso, procurando-se mostrar quais os aspectos fundamentais a serem considerados pelo analista ao examinar um *corpus* discursivo tendo por base essa teoria. Num segundo momento, estabelecem-se os princípios metodológicos adotados no trabalho, incluindo-se as estratégias selecionadas para a análise. Por fim, apresentam-se

² Foi inevitável o uso dessa paráfrase de Althusser (1998).

os questionamentos que nortearam o desenvolvimento desta dissertação, assim como os objetivos pretendidos pela pesquisadora.

No quarto capítulo, realiza-se, então, o estudo do *corpus* correspondente ao discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, em que se procura, através de uma análise semântico-discursiva, mostrar como se relacionam inter e intradiscursos na constituição de um discurso tão envolvente e convincente.

Para finalizar, no quinto capítulo, faz-se a conclusão do trabalho, mostrando-se as respostas obtidas a partir deste estudo.

1 O DISCURSO RELIGIOSO CRISTÃO: UMA TRAJETÓRIA DO CRISTIANISMO AO PENTECOSTALISMO

1.1 O discurso religioso

1.1.1 Características

O discurso religioso³, instrumento de um dos aparelhos ideológicos de Estado⁴ que é a Igreja, caracteriza-se por ser autoritário e assimétrico quanto à posição dos interlocutores. O pregador busca ser suficientemente claro a fim de evitar a multiplicidade de sentidos, com o propósito de fazer-se entender pelo ouvinte e dominá-lo. Conforme Orlandi (1996a), não se pode dizer que o discurso religioso seja monossêmico, mas sim que ele tende à monossemia, uma vez que todo discurso caracteriza-se pela incompletude e pelo sentido intervalar, motivo pelo qual os sentidos podem se tornar outros. Então, justamente para que os sentidos não se tornem quaisquer sentidos, é que, no discurso religioso, a interpretação é regulada, sendo estabelecida pela Igreja e perpetuada pelo pregador. Nesse tipo de discurso, a reversibilidade na relação dos interlocutores é estancada, pois, mesmo que o sujeito cristão possa se dirigir ao pregador e a Deus, o que causa a ilusão da reversibilidade⁵, o seu "poder de dizer" e o seu lugar na interlocução não são modificados. Essa ilusão, fundamental para o sujeito religioso, envolve não só a troca de papéis no processo discursivo, mas também a possibilidade de ele realizar a travessia do plano terreno para o plano espiritual.

³ O discurso religioso aqui tratado é o discurso religioso cristão.

⁴ Dizer que a Igreja é um AIE (Althusser 1998) significa entendê-la como uma instituição que, através da ideologia, "obriga" uma classe de sujeitos a submeter-se a uma outra dotada de certo poder.

⁵ Expressão utilizada por Orlandi (1996a).

No discurso religioso há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (O Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo mortais efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. (Orlandi, 1996a, p.243)

Essa modalidade discursiva trabalha no limite entre o sagrado e o profano, ou seja, funciona no mundo terreno, que se encontra influenciado pelo mal, ao mesmo tempo em que veicula o conteúdo sagrado, semeando a sacralidade no real da existência humana. A presença do sagrado é fortemente desejada pelo sujeito religioso que, atormentado por suas misérias pessoais, deseja e busca essa comunicação com Deus, ansiando por amparo. Convém frisar-se que o sujeito, ao mesmo tempo em que aspira à manifestação do sagrado e maravilha-se diante dele, é tomado por um terror em face da revelação desse outro mundo. Segundo Otto (1995), esse terror provocado pelo sagrado é uma reação proveniente da consciência que o indivíduo tem de sua pequenez em frente ao poder divino.

A concretização da presença do sagrado no mundo profano dá-se através do símbolo, o qual está presente não só nas cerimônias religiosas, mas também no cotidiano do sujeito religioso. O símbolo pode ser definido como um elemento que, por um determinado aspecto particular, representa, num grupo social ou numa determinada cultura, um ser abstrato ou ausente. No universo religioso, o símbolo, que antes pertencia exclusivamente ao mundo profano, passa a ter um valor sagrado, uma vez que é através dele que ocorre a epifania, ou seja, a manifestação do Ser transcendente. Segundo Eliade (1993), o símbolo revela uma realidade sagrada que nenhum outro meio

consegue revelar, uma vez que proporciona a ruptura e a travessia, tão desejada pelo ser humano, entre o sagrado e o profano, fazendo com que o sujeito curve-se diante de um elemento do mundo real por sentir ali a presença e a vigilância divinas.

O discurso religioso é marcado também pela obscuridade, a qual se deve ao fato de ocultar o que não convém que seja dito e, principalmente, por fazer com que os sujeitos tenham que se esforçar para entender o desconhecido, o intocável, o enigmático, o que está tão perto e ao mesmo tempo tão distante. Na tentativa de entender todo o conteúdo aportado pelo discurso religioso, o fiel nem sempre faz uso da racionalidade, sendo capaz de compreender ou até mesmo de aceitar somente através da fé o que lhe é apresentado. Esse fazer crer que cabe ao discurso religioso, apesar de seu caráter obscuro e não-empírico, é a confirmação do poder que o envolve. Conforme Rabuske (1984), não é possível, a esse discurso, oferecer uma confirmação empírica assim como o fazem outros discursos que envolvem o mundo material, uma vez que o discurso religioso fala do transcendente, ou seja, daquilo que escapa ao alcance do sujeito, ultrapassando os limites da experiência e do conhecimento. A esse respeito, Zilles (1984, p.158) diz que "a linguagem religiosa é a tentativa de dizer o indizível, o infinito na finitude humana. Eliminar esta dimensão da linguagem humana é mutilá-la". Aqui convém esclarecer-se que a referência feita anteriormente à clareza como uma das características do discurso religioso dizia respeito à contenção da polissemia, cujo objetivo é fazer que o sentido do discurso seja "preferencialmente" aquele estabelecido pelo pregador, e não à ausência do mistério e do desconhecido (obscuridade), os quais, como se acabou de ver, estão entre os aspectos fundantes desse tipo de discurso.

O funcionamento e o sentido do discurso religioso, assim como de todo discurso, são garantidos através do interdiscurso, o qual compreende todos os já-ditos

que fazem sentido no discurso do sujeito. No discurso religioso, os já-ditos que correspondem à questão da fé, da obediência a Deus, do pecado, do Diabo, do dízimo etc. são responsáveis pelo funcionamento do discurso e pela inculcação da ideologia religiosa nos sujeitos. A partir do momento em que os sujeitos se vêem interpelados pela ideologia religiosa, passam a agir de acordo com os pressupostos dessa formação ideológica (conjunto de saberes que determinam o indivíduo como sujeito), o que vai ao encontro da teoria da interpelação do sujeito proposta por Althusser (1998, p.93), segundo a qual "só há prática através de e sob uma ideologia" e "só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito". É importante salientar-se que a interpelação ideológica significa a constituição dos indivíduos concretos em sujeitos, ou seja, ela é o que os faz ocupar um lugar na estrutura social. Diz Althusser:

Sugerimos que a ideologia "age" ou "funciona" de tal forma que ela "recruta" sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou "transforma" os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos **interpelação**, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: "ei, você aí." (Althusser, 1998, p.96).

Pêcheux (1997a, p.161) postula que "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes". Para esse autor, o sujeito é uma constituição ideológica prévia que se atualiza pelo discurso, constituição essa que se dá a partir de formações discursivas referentes a formações ideológicas. Por seu turno, a formação discursiva, que domina o sujeito e com a qual ele se identifica, é tudo o que "pode e deve ser dito" no âmbito de uma formação ideológica. Essa identificação do sujeito discursivo com a formação

discursiva que o domina é definida por Pêcheux através da noção teórica "forma-sujeito", esta introduzida por Althusser, que a coloca nos seguintes termos:

"Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma de sujeito. A 'forma-sujeito', de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais." (Althusser, apud Pêcheux, 1997a, p.183).

No discurso religioso, a ideologia religiosa interpela os sujeitos, fazendo com que se comportem, pensem e ajam de modo a satisfazer as exigências do outro Sujeito – o único e todo-poderoso – Deus. O discurso religioso é aquele que veicula a palavra divina, e o ser que o profere não se apropria dessa palavra, apenas a proclama, fazendo com que os sujeitos obedeçam-na. Dessa forma, o discurso religioso é um discurso de coação, porque espera, como resposta, uma mudança de comportamento. Convém salientar-se, ainda, que os representantes de Deus na Terra não têm autonomia sobre o que deve ser dito, sendo o conteúdo de seu discurso regulado pelos *dogmas* da Igreja, os quais compreendem as verdades fundamentais e indiscutíveis que envolvem a religião, e pela Bíblia, cujos textos trazem a revelação de Deus.

Um dos traços específicos do discurso bíblico é que nele ocupa lugar central o referente Deus. A significação deste referente está implicada nas múltiplas significações solidárias das formas literárias da narração, da profecia, do hino, da sabedoria, etc. O referente Deus é, ao mesmo tempo, o coordenador destes discursos parciais e o indício da sua incompletude (...) Compreender a palavra de Deus é seguir a seta de sentido e de referência destes discursos parciais. (Rabuske, 1994, p.81)

Há, no discurso religioso cristão, uma forte relação de poder em que Deus, o Sujeito Único, através dos seus representantes, impõe regras, às quais os sujeitos interpelados devem se submeter para poderem unir-se a Ele e Dele receberem recompensas. Um forte argumento que os pregadores usam para convencer os sujeitos

de que devem seguir essas regras é a existência do "pecado", visto como obra demoníaca, o qual os conduz ao "inferno". Então, para não terem esse fim, os sujeitos devem ser bons, obedientes e imprescindivelmente ter muita fé. A grande promessa dos representantes de Deus para aqueles que vivem conforme as leis desse Sujeito Supremo é a salvação e, conseqüentemente, a vida eterna.

Outro aspecto muito importante do discurso religioso é a incidência de formas opostas características da cultura ocidental, como vida/morte, Deus/Diabo, céu/inferno, bem/mal, salvação/condenação, que fazem com que os indivíduos, para terem direito ao lado positivo dessas formas, não tenham outra alternativa a não ser a de se submeter aos mandamentos do Ser Onipotente que fala através do locutor. Entre essas formas antagônicas que balizam o discurso religioso cristão, destacam-se o bem e o mal, que funcionam como um carro-chefe, representando e conduzindo as demais dualidades. O bem e o mal, simbolizados respectivamente por Deus e pelo Diabo, são as duas forças que polarizam o cosmos, determinando as ações dos sujeitos: a primeira representa tudo aquilo que vem de Deus, e a segunda, tudo aquilo que por ele é rejeitado. Por sua vez, o mal apresenta-se sob duas formas: o mal moral, aquele cometido pelo ser humano, e o mal físico, sofrido pelo ser humano. A diferença entre essas duas ocorrências do mal é que a primeira, em função do livre-arbítrio, é uma opção do sujeito, enquanto que a segunda lhe é imposta. O sujeito que sofre o mal é, normalmente, vítima de alguém que cometeu esse mal:

fazer mal é sempre, de modo direto ou indireto, prejudicar outrem, logo, é fazê-lo sofrer; na sua estrutura racional – dialógica – o mal cometido por um encontra sua réplica no mal sofrido por outro; é neste ponto de intersecção maior que o grito da lamentação é mais agudo, quando o homem se sente vítima da maldade do homem ... (Ricoeur, 1988, p.24-5).

Para explicar a existência do mal cometido e sofrido, o discurso religioso cristão recorre à figura do Diabo, este o responsável direto pelas ações malignas praticadas pelo indivíduo, estando sempre à espreita, esperando uma oportunidade para induzi-lo a praticar o mal. Quanto ao mal sofrido, o argumento utilizado no discurso religioso é o de que ele é o resultado de algum mal cometido ou, então, no caso de o sofredor ser justo, não merecendo tal pena, o sofrimento é uma espécie de "passaporte" para o reino dos céus, uma purificação para a alma, pois, quanto maior a cruz a ser carregada nesta vida, maiores as chances de salvação. Faz-se necessário, neste momento, abrir-se um parêntese para se esclarecer que o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, foco de investigação neste trabalho, diverge um pouco daquele das demais igrejas cristãs quanto à questão do mal, pois aqui todo o mal, seja ele cometido ou sofrido, é obra do Diabo, não sendo concebida a idéia de que alguém possa sofrer injustamente (ser um mártir) com o fim de alcançar a vida eterna. Esse é, pois, um dos motivos, como se mostrará mais adiante, que faz com que as pessoas, buscando uma solução para os seus males, adiram em massa à religião propalada por essa Igreja.

1.1.2 O discurso religioso e os sujeitos

O funcionamento do discurso religioso baseia-se em cinco categorias de sujeito: o Sujeito (Deus), o sujeito religioso (indivíduo interpelado), o pregador, o Diabo e os maus sujeitos.

A primeira categoria de sujeito refere-se a Deus, ou seja, ao Sujeito Absoluto e todo-poderoso que fala no discurso religioso através do pregador. Esse Sujeito é detentor de um poder tão intenso que, mesmo sendo transcendental, isto é, não

pertencendo ao mundo da experiência, sendo impossível de ser vislumbrado pelos seres humanos, consegue atraí-los para a Sua verdade e para o Seu caminho. Nesse sentido, reportando-se a Foucault (1999) vale dizer que a verdade não só é produzida em função de coerções, como também é geradora de poder. É em nome desse sujeito, diz Althusser (1998), que a ideologia religiosa interpela os indivíduos como sujeitos. Entre o Sujeito e os sujeitos interpelados há, conforme esse autor, uma relação especular visto que um necessita do outro para, nessa relação, se constituir como sujeito. A essas palavras, juntam-se as de Nery (1998, p.168), para quem o homem é um "correlato de Deus", ou seja "a concreção daquilo que Deus, em si, não é e não tem e por isso admira e ama. Da mesma forma que Deus é para o homem aquilo que o homem, em si, não tem e não é e, por isso, incansavelmente deseja e busca". Para realizar seu desejo de ser sujeito, "Deus duplica a si mesmo" (Althusser, 1998) e envia Jesus, seu filho, o sujeito/Sujeito para viver entre os homens e mostrar-lhes que, tão logo deixarem este mundo, rumarão para o reino de Deus, do qual são e sempre serão indivíduos assujeitados. No discurso religioso, Deus é exaltado a todo momento como um ser único e perfeito, a cuja vontade os sujeitos devem se submeter para alcançar a graça e a salvação. Os sujeitos interpelados são controlados em suas ações pela onisciência divina, que os recompensa por suas boas ações, os castiga pelas más ou os perdoa em face do arrependimento.

O sujeito religioso, por sua vez, é aquele que, ciente de suas limitações e fraquezas, busca uma união com Deus, o qual passa a ser a resposta e a solução de todas as suas angústias e problemas. Essa união é mediada pela Igreja que, com seu discurso, oferece-lhe respostas e propõe-lhe caminhos e regras de vida. Conforme postula Martins Filho (1991, p.25), "O discurso religioso tende a invadir a totalidade do campo das

significações, determinando as práticas sociais. Consagra um modo de comportar-se, gera um imaginário que se infiltra nas profundezas do campo da consciência social".

A interpelação sofrida pelo sujeito pela ideologia religiosa dá-se ao longo de sua vida, uma vez que, a todo momento, recebe valores religiosos do grupo social de que faça parte, os quais vão sendo armazenados no inconsciente, vindo, mais tarde, a emergir no pensamento consciente, delegando as crenças, sentimentos e atitudes desse sujeito. Eis, pois, o que faz com que muitos sujeitos encontrem-se sentados no banco de uma igreja, crendo fervorosamente e obedecendo. O sujeito religioso é um sujeito dividido. Primeiramente, dividido entre os planos divino e terreno, lutando com toda a sua fé para livrar-se dos sofrimentos deste plano e poder atingir aquele que, segundo sua crença, seja o mundo perfeito, o mundo das respostas, o mundo da contemplação, o mundo de Deus. Nessa luta incessante, encontra-se o sujeito mais uma vez dividido, desta vez entre o sujeito real⁶, aquele que pensa e age de acordo com as limitações de um simples mortal, e o sujeito ideal, ou seja, aquele que deve pensar e agir de acordo com as leis de Deus para que possa entrar em sintonia com Ele e, só assim, atingir o plano divino. O sujeito real é, de fato, aquele sujeito que, tentando seguir os preceitos da religião, cai involuntariamente em erro, o qual recebe o nome de "pecado". Faz-se necessário, aqui, retomar-se a palavra "involuntariamente", referindo-se ao pecado, para se esclarecer que ele, normalmente, ocorre independentemente da vontade do sujeito, sendo mais uma das ações atribuídas às manifestações do inconsciente. Os pecados cometidos pelo sujeito religioso nada mais são do que ímpetos de agir contra as normas

⁶ Os termos *sujeito real* e *ideal* foram tomados emprestados de James (1995).

impostas pela religião, as quais são reforçadas a todo o momento pelo discurso religioso. Esses ímpetos são imediatamente rejeitados pela consciência e recalcados no inconsciente, mas, sendo este ativo no psiquismo do sujeito, o que nele estava guardado traduz-se em atos, aparentemente conscientes, porém independentes da vontade consciente do sujeito. Neste momento, cabe uma alusão ao *livre-arbítrio*, o qual, grosso modo, define-se como a faculdade dada por Deus ao homem que, livre e consciente de sua vontade, pode errar ou seguir a verdade. Levando-se, pois, em conta o que já foi dito sobre a influência do inconsciente nas ações do sujeito, só resta afirmar-se aqui que o livre-arbítrio parece não ser tão livre quanto se pensa, pois o sujeito, em função do inconsciente, não possui total domínio de suas ações como o desejaria. Sendo assim, contesta-se, neste trabalho, a idéia de livre-arbítrio, por entender-se que o sujeito é surpreendido, conforme define a Psicanálise, por manifestações do inconsciente.

Uma outra categoria de sujeito, de relevante importância, é o pregador, o qual funciona como um mediador entre o Sujeito e os sujeitos, detentor da verdade divina, falando como se estivesse no lugar do primeiro para inculcar saberes referentes a uma determinada formação discursiva nos últimos. Segundo Orlandi (1996a, p.242), "o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus". O locutor (padre, pastor, pregador) diz falar em nome de Deus, havendo, então, uma relação simbólica, uma vez que o Sujeito Absoluto jamais desce de seu plano para, materializado, falar com os sujeitos. Esse sujeito humano age como se fosse o representante de Deus na Terra para auxiliar os indivíduos a chegarem até Ele. A função de tal sujeito é, pois, garantir a dominação de Deus sobre os indivíduos, promovendo a coerção através da linguagem. No entanto, não se pode esquecer que esse indivíduo, que interpela os outros sujeitos com a ideologia religiosa, também é um sujeito interpelado por essa mesma ideologia. É

importante colocar-se que o pregador, apesar de ser concebido como um representante de Deus – atributo que o diferencia dos outros sujeitos interpelados –, faz parte do mundo temporal, estando sujeito a fraquezas e tentações. Esse sujeito compreende uma divisão tensa entre ser representante de Deus, portanto modelo de conduta, e ser um indivíduo do plano terreno, passível de erros. O pregador é um sujeito "desapossado de seus desejos por sua tarefa de pastor..." (Legendre, 1983, p. 66).

A quarta categoria de sujeito diz respeito ao Diabo, o qual não participa do processo interlocutivo, mas é referido a todo momento como um sujeito capaz de, por suas forças malignas, interpelar os sujeitos, desviando-os do caminho do bem e conduzindo-os ao inferno. Sendo assim, a única forma que os sujeitos vêem de livrar-se das tentações do Diabo é aderir incondicionalmente ao Sujeito Supremo e Todo-Poderoso, o único capaz de salvá-los. No âmbito das religiões cristãs, Deus e Diabo são os seres mais poderosos do Universo, representando, respectivamente, o bem e o mal, como protagonistas de um embate eterno envolvendo essas duas forças. Esse sujeito maligno, justamente por suas qualidades negativas, funciona como um elemento de reforço para o discurso religioso cristão, uma vez que boa parte do conteúdo que este veicula tem por base livrar os fiéis do pecado, defender-lhes do mal, salvar-lhes e conduzi-los à vida eterna, o que traduz o desejo mais íntimo de cada sujeito cristão, que luta para manter-se distante do Diabo e de todo o mal que dele emana. É importante considerar-se que um dos motivos pelo qual Cristo veio ao mundo era para salvar os homens do pecado, o qual é obra do Diabo, e, nesse sentido, conforme pode-se ler no Novo Testamento (Mateus 4:1; 4:5; 4:8; Lucas 4:12-13), durante Sua vida terrena, por muitas vezes, o Filho de Deus teria lutado contra esse sujeito do mal, resistindo e vencendo as tentações, provando ser mais forte o poder de Deus.

Por fim, tem-se a quinta categoria de sujeito, os maus sujeitos⁷, que compreende os indivíduos que não se permitem assujeitar pela ideologia religiosa. Por influência da visão antitética, os sujeitos interpelados entendem que se estes sujeitos não estão do lado de Deus, só podem estar do lado do Diabo. Enfim, o que os maus sujeitos não permitem é a domesticação de suas almas pela instituição da Igreja, não condicionando sua vida à prática religiosa e ao respeito às leis divinas, ainda que isso não signifique que levem uma vida totalmente isenta de religiosidade, pois

a grande maioria dos "sem-religião" não está, propriamente falando, livre dos comportamentos religiosos, das teologias e mitologias. Estão às vezes entulhados por todo um amontoado mágico-religioso, mas degradado até a caricatura e, por essa razão, dificilmente reconhecível. (Eliade, 1992, p.167).

Em suma, ainda que consigam furtar-se à interpelação religiosa institucional, esses sujeitos não alcançam evitar a estruturação religiosa que envolve a sociedade, absorvendo-a consciente ou inconscientemente, tornando-a inerente a eles.

1.1.3 O desejo de Deus

Geralmente, o ser humano não consegue resistir à atração que sente pelo mistério que envolve o Outro (Deus), o qual, por sua vez, o seduz fazendo com que se torne dependente e manipulável. O que faz com que o indivíduo deseje incansavelmente a união com o Ser Transcendente é o fato de ele se reconhecer como um ser frágil, limitado, mortal e finito. Para superar tais limitações, próprias do sujeito mundano, ele passa, então, a desejar Deus. Segundo Oliveira (1997), o sujeito, no exercício de sua liberdade, experimenta o assujeitamento ao Outro, do qual tudo depende e por meio do qual o absoluto lhe vem ao encontro. Esse desejo do ser humano de atingir o

⁷ Termo emprestado de Althusser (1998).

transcendente é definido como o "desejo de Deus", não entendido como algo que o sujeito busque com o fim de apropriar-se, pois o transcendente nunca será apreendido, quanto mais adquirido como algo concreto, mas sim como uma busca de união, de comunhão, através da qual possa sentir-se completo, pois o sujeito é um ser "desejante", ou seja, ele sofre de uma falta estrutural, de um vazio que deseja preencher.

Uma das maneiras que o sujeito vê de unir-se a Deus é através da oração, pois esse é o momento em que entende estar falando com Deus, desfrutando de Sua presença. Para aquele que crê, assim como a oração é o instante em que fala com Deus, a leitura da Bíblia é o momento em que O escuta. Faz-se necessário aqui retomar-se a questão da ilusão da reversibilidade, pois ela, como já se mencionou, é fundamental para a construção do discurso religioso, e é através dela que o sujeito sente o contato com o Absoluto, como se estivesse realizando a passagem de um mundo a outro. É somente através da sensação de comunicação real entre os dois mundos (divino e temporal) que se dá a experiência do sujeito com o Outro, o Todo-Poderoso. Para o sujeito religioso, uma prova real e incontestável de reversibilidade, ou seja, de que é possível falar a Deus e ser por ele escutado, é o milagre, o qual significa também uma revelação divina no mundo temporal. Os representantes de Deus, por sua vez, usam o milagre como meio de persuadir os fiéis, os quais, presenciando ou tomando conhecimento da atuação sobrenatural, lançam-se com mais sede à religião e obedecem mais cegamente a "Deus", esperando chegar a sua hora de receber a manifestação divina.

O que permite ao ser humano perseverar na sua busca a Deus é a fé, a qual faz com que o indivíduo creia que existe um ser supremo, absoluto, todo-poderoso e com que acredite ser possível encontrar formas que lhe propiciem o contato com Deus.

Tal fenômeno não pertence à esfera da razão, uma vez que o crente confia em algo que não é evidenciável, amando e desejando o desconhecido. A fé é dada por Deus ao homem, possibilitando conhecê-Lo e experienciá-Lo; ela é a capacidade de se crer em algo que poderia ser totalmente diferente do que se espera, ou que poderia até mesmo não existir.

1.1.4 O eu e o Outro

O desejo de alcançar Deus, entendido como a atração que o sujeito religioso tem pelo mistério do Outro, é o que proporciona a relação entre o ser humano e Deus, os quais se completam mutuamente. Essa é uma relação de alteridade em que o sujeito toma consciência de si através do reconhecimento do outro. A partir do encontro entre esses dois sujeitos, tem-se um EU que passa a existir em função do Outro, um EU que se liberta para ser com o Outro e para o Outro, que se vê limitado e, portanto, designado para unir-se ao Outro Divino, ao TU, que seduz, que "desce" ao plano terrestre, que a ele fala e revela-se. Na relação sujeito/Deus, este último, até então apenas nomeado, inatingível, do qual o sujeito conhecia apenas os predicados, passa a ser um TU a quem o sujeito dirige-se:

uma vez conquistado e ferido o coração humano, o Outro Bem-amado se esconde, retirando-se da capacidade de ser atingido por aquele ou aquela em quem ele acendeu uma chama inextinguível de desejo. Ele se revela, assim como o Imanipulável, sobre o qual o ser humano não tem poder, mas ao contrário deixa bem claro que é o próprio ser humano aquele que deve viver sob sua dependência. O Deus assim desejado e experimentado não se rende às impaciências frenéticas do homem, nem à sua ansiedade apaixonada, mas, soberanamente livre, vai encher com sua plenitude, quando e como desejar, a pobreza expectante e humilde que não deixa de desejá-lo e buscá-lo onde ele se deixa encontrar, para dele receber a salvação (a saúde) e a santidade. (Bingemer, 1998, p.81-2).

É necessário deixar-se claro que, mesmo que o indivíduo prove da experiência divina, o seu papel na relação continua sendo limitado, e o seu dizer não tem o poder de transformar, ainda que o sujeito possa "falar" ao Deus-Tu; ele continua sendo, acima de tudo, alguém que escuta e obedece. A alteridade envolvendo o EU e o TU-eterno, ao mesmo tempo em que permite ao EU se instituir como sujeito e existir, o seduz e o domina. Não há uma simetria nessa relação, pois o sujeito religioso, o EU, está diante de um interlocutor transcendente e absoluto.

Sabe-se, no entanto, que a total simetria num discurso não ocorre na prática, havendo sempre um desnível entre os interlocutores, o que, no discurso em questão, ultrapassa as fronteiras da razão por ser da ordem do transcendente. Logo, a simetria no discurso religioso só poderia se dar entre o fiel e o pregador, o que, ainda assim, não se verifica. Vale lembrar que ao se falar em assimetria e em discurso autoritário sempre surge a idéia de que o sujeito que se encontra na posição inferior é uma vítima, cuja fala está desprovida de qualquer poder, que se vê alienada e escravizada pelo poder do outro. Isso até pode ocorrer em outros tipos de discurso, mas parece não ser exatamente a condição do sujeito do discurso religioso, pois o que se percebe é que esse sujeito, quando procura a Igreja e se predispõe, muito provavelmente levado pelo inconsciente,

a ser o receptor desse discurso, não está buscando a oportunidade de poder falar também, mas de ouvir, de receber orientação e alento para suas angústias e incertezas do próprio Deus ou de alguém, ungido pelo Seu poder, que neste plano o represente.

1.2 O Cristianismo

1.2.1 Breve Histórico

O cristianismo⁸, definido como conjunto das religiões cristãs, teve seu início no período da vida adulta de Jesus, tornando-se doutrina após Sua morte e ressurreição. A difusão da doutrina cristã foi realizada pelos doze apóstolos, os quais haviam sido escolhidos pelo próprio Jesus entre Seus discípulos, tornando-se, em seguida, apóstolos⁹ anunciadores de Sua palavra. A igreja cristã teve sua manifestação, então, num dia de Pentecostes¹⁰ quando Deus enviou o Espírito Santo, revelando-se, assim, a Santíssima Trindade, e Pedro fez ao povo a grande revelação: Jesus, o filho de Deus, que morrera na cruz e fora ressuscitado pelo Pai, d'Ele recebera o Espírito Santo, que ali derramava sobre eles. Nesse momento, estaria confirmada a igreja iniciada por Jesus, a qual tivera continuação com os apóstolos e fora crescendo com a adesão de milhares de pessoas.

A história da vida e as mensagens do Messias¹¹ passaram às sucessivas gerações da humanidade, perpetuando o cristianismo, devido à atuação dos apóstolos que não só teriam dado continuidade à igreja de Cristo, mas também produzido os livros

⁸ O cristianismo está sendo aqui abordado conforme o relato religioso do *Novo Testamento*, uma vez que é essa concepção que adotam os pentecostais e que influencia o seu discurso. Contudo, não se ignoram as diversas análises críticas que têm sido feitas a propósito do cristianismo.

⁹ Palavra de raiz grega, que significa "enviado". Os discípulos de Jesus tornaram-se apóstolos quando Ele os enviou para pregar a "boa-nova". Inicialmente, eram doze; após a morte de Judas, juntaram-se a eles Matias, Barnabé e Paulo (Samuel, 1997, p. 231).

¹⁰ A palavra *pentecostes* é de origem grega e quer dizer "quingentésimo" (dia), contado a partir da Páscoa. Nessa data, ocorria a Festa da Colheita e teria sido num desses dias a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (Atos 2:1-4).

¹¹ O termo "messias" significa, em hebraico, "ungido".

que compõem o *Novo Testamento*, o qual seria um testemunho que lembra a vida e os ensinamentos de Jesus. Contudo, é preciso esclarecer-se que os textos que compõem a Bíblia Cristã, além de terem sido escritos muito depois do período correspondente à vida de Jesus – o que não descarta a possibilidade de alguns equívocos quanto aos relatos – foram, antes de serem editados, manipulados e adaptados aos interesses da igreja da época.

No início, nem todo o povo judeu cria que Jesus era o filho de Deus, rejeitando o cristianismo e perseguindo os membros de sua igreja, a qual, por algum tempo, existiu como seita. Os cristãos sofreram perseguições não só daqueles que não aceitavam sua doutrina, mas também e intensamente do Império Romano pelo fato de não aceitarem o sincretismo religioso e o culto ao Imperador, uma vez que deveriam orar e dirigir culto somente a Cristo, seu único Senhor. As perseguições seguiram até o século III quando os imperadores Constantino e Teodósio concederam liberdade religiosa aos cristãos, devendo estes integrar a marcha do Império. Sendo assim, em pouco tempo, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano. Assim, "inicia-se o processo de fusão do Império Romano e Cristianismo originando o estado de Cristandade que vigorará até os dias de hoje" (Zanotelli, 1998, p.79). O Estado de Cristandade, conforme escreve o autor, envolve uma relação de "inclusão e dependência" entre a Igreja cristã e o Estado, sendo "uma totalidade institucional econômico-político-cultural-religiosa constitutiva, emblemática, cerne da identidade da 'civilização Ocidental'..." (Ibid., p.69).

Com o passar do tempo, a igreja conquistou seu espaço na sociedade, passando a se considerar a "cidade de Deus" e a julgar "pagãos" todos aqueles que dela não fizessem parte. O crescimento da igreja cristã e de seu poder deram-se de tal forma,

que ela passou a dominar a sociedade de um império cristão. Igreja e imperador dividiam suas atribuições, ou seja, este administrava a sociedade, e aquela controlava as almas dos cidadãos. A religião exercia o controle e a censura sobre a sociedade.

Não simplesmente impregnava as mentes com seus valores, símbolos, conhecimentos, como impedia que outras culturas, opostas ou em desafinação com a religião, pudessem propagar-se. A Santa Inquisição, depois chamada de Santo Ofício, tem toda uma história de controle cultural bastante conhecida. A instância sagrada tutelava a cultura, o pensamento, as publicações, as representações artísticas. Deviam corresponder aos cânones da fé e da moral, que exprimiam o universo religioso de então. (Martins Filho, 1991, p.31)

No século XI, a reforma gregoriana (papa Gregório VII) tentou realizar a separação entre a Igreja e o século, determinando que a Igreja se envolvesse apenas com a questão da espiritualidade e que não se sujeitasse ao poder secular. A partir de então, a Igreja passou a libertar-se da autoridade leiga, ficando restabelecida a autoridade papal. Essa ruptura entre o clero e os leigos estendeu-se ao longo dos séculos, de modo que, na Renascença, Estado e Igreja estivessem separados¹², ficando esta impedida de envolver-se na vida social, política e econômica, restringindo-se à função primordial de evangelizar o mundo. No entanto, a Igreja "nem sempre soube resistir à tentação de evangelizar pela política, chegando a confundir sua presença no mundo com a instauração de um regime político de acordo com seus princípios" (Samuel, 1997, p. 201).

A igreja cristã, que dominava toda a Europa, foi marcada também por dois grandes cismas. O primeiro ocorreu no século XI, entre Ocidente e Oriente,

¹² Vale dizer que isso não aconteceu simultaneamente em todo o mundo cristão; há países em que, até hoje, ambos estão interligados.

ocasionando a ruptura entre a Igreja Ocidental (católica apostólica romana)¹³ e a Igreja Oriental (ortodoxa). A separação entre católicos e ortodoxos deu-se por divergências políticas, o que compreendia entre outros a contestação, por parte dos gregos, da autoridade do papa romano sobre a igreja do oriente e por divergência teológica, na qual os ortodoxos refutavam a afirmação dos católicos de que o Espírito Santo procedesse do Pai e do Filho, afirmando proceder apenas do Pai. O segundo e mais importante cisma foi o da Reforma Protestante, ocorrido no século XVI, dando origem à Igreja Protestante. Esse protesto cristão, denominado protestantismo, repudiava os abusos cometidos pelos papas e outros sacerdotes, como a venda de indulgências, afirmando seus defensores, então, que só Deus poderia perdoar e salvar. Para Lutero, líder da Reforma, o homem salvava-se pela fé em Cristo ressuscitado e não pelas obras que praticava. A doutrina luterana pregava a liberdade das nações para construírem sua igreja, o fim do celibato sacerdotal e da primazia do latim como língua da igreja, a descentralização do poder do sacerdote, a não necessidade da intermediação do sacerdote na relação sujeito-Deus e, sobretudo, a livre interpretação da Bíblia, única fonte de verdade para o cristão. Também fazendo parte do movimento protestante, João Calvino, assim como Lutero, via, na Escritura, o fundamento do cristianismo. Sua doutrina baseava-se na soberania absoluta de Deus e na predestinação do sujeito a ir ou para o céu, ou para o inferno, assim como na predestinação à prosperidade material, entendendo-a, pois, como uma bênção divina. Além das igrejas Luterana e Calvinista ou Reformada, surgiu a Anglicana, a qual significa a continuidade da igreja da Inglaterra.

¹³ A igreja cristã recebeu a denominação de católica por volta do século VIII. Tal expressão deriva da palavra grega *katholikos* que significa "universal" justamente pelo fato de a igreja cristã poder ser seguida por todo mundo e por levar a salvação a todos. Já o termo "apostólica" refere-se ao fato de ter sido iniciada pelos apóstolos, chefiados por Pedro, e comandada por sucessores dos apóstolos (papa, bispos, padres...).

A partir dessas igrejas, foram surgindo outras comunidades cristãs, como Igreja Metodista, Igreja Batista e Igrejas Pentecostais.

1.2.2 O homem chamado Jesus

Segundo o *Novo Testamento*, por volta do ano 28 desta era, surgia na Palestina um homem chamado Jesus, o qual viera trazer, à humanidade, a boa nova da salvação. Conforme se lê em Mateus (1:16-18), esse homem seria filho de uma virgem, chamada Maria, e de um carpinteiro, chamado José, e teria nascido em uma manjedoura, em Belém, vindo mais tarde a apresentar-se como o enviado de Deus. Vivia entre o povo, dando o exemplo de bondade e sabedoria, realizando milagres para abrandar o sofrimento dos pobres, doentes e oprimidos. Jesus seria, assim, um ser cindido entre o divino e o humano, pois ao mesmo tempo em que possuía a perfeição, a graça e o poder de Deus, experimentava sentimentos próprios dos seres humanos. À guisa de exemplo, faz-se referência ao momento da crucificação, em que Jesus, apesar de sua divindade e de saber a que estava predestinado, desesperou-se diante do sofrimento e da morte, pronunciando as seguintes palavras: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Lc 27,46).

Jesus dizia ser o filho de Deus e prometia o Seu Reino a todos aqueles que O seguissem. Pregava, aos seus discípulos e ao povo, o amor de Deus pelos homens e dizia que era preciso amar-se a Deus, amar-se uns aos outros e amar-se os inimigos. Durante a vida de milagres e pregações, Jesus tinha, a seu lado, discípulos, doze dos quais se tornariam apóstolos, tendo sido por Ele escolhidos para testemunhar a Sua vida, anunciar as Suas palavras e formar a comunidade daqueles que O aceitavam.

Após fazer o bem e operar milagres, Jesus teria sido condenado, morto e crucificado, mas, ao terceiro dia, teria ressuscitado e ido viver junto de Deus. Com a morte e a ressurreição, estaria se confirmando a Sua divindade e cumprindo-se a profecia de que Sua vinda ao mundo tinha como objetivos pregar a palavra de Deus e salvar a humanidade, a qual possuía a mácula do pecado original. Então, "Cristo, por sua morte, nos restituiu a filiação divina, e nos deu a força moral de cumprirmos a lei divina" (Boehner & Gilson, 1988, p.21). Para os adeptos do cristianismo, o final dessa história de obediência, caridade e amor dar-se-á no dia em que Jesus retornar para escolher aqueles que serão merecedores da salvação.

1.2.3 Os fundamentos da doutrina cristã

O cristianismo tem como princípios fundamentais¹⁴, que devem ser aceitos por todos aqueles que se digam cristãos, os seguintes credos: há um só Deus, criador do céu e da Terra; a palavra de Cristo, enviada por Deus e contida no Evangelho, é a única a ser seguida; a morte e a ressurreição de Jesus são a salvação para aqueles que nelas acreditem.

A doutrina cristã prega um monoteísmo trinitário, ou seja, reverencia um só deus, que se manifesta pela Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Esse deus é provedor, onipotente, onisciente, onipresente, dominador dos homens, mas faz do amor o cerne de sua divindade, pois teria sido por amar a humanidade que chegou ao extremo de enviar ao sacrifício o Seu único filho, parte de Si. Segundo Boehner & Gilson (1988), a idéia de que Deus é amor foi um elemento novo, acrescentado pelos evangelhos, ou seja, foi uma noção apresentada por Jesus que se somou ao poder e à

¹⁴ Os fundamentos da doutrina cristã, aqui abordados, são aqueles cultivados no seio da civilização ocidental.

magnificência de Deus, antes referidos no Antigo Testamento. Assim teria dito Jesus em oração ao Pai: "... e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim" (Jo 17,23). Jesus ensinou que é dever do cristão amar sem medida, não só os indivíduos de quem se recebe o bem, mas também e, principalmente, aqueles que lhe façam o mal. No Sermão da Montanha, Jesus teria dito à multidão que o escutava:

Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto os pagãos? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito. (Mateus 5, 44-48).

Os sujeitos cristãos tentam seguir essa lei dada por Jesus, mas, na maioria das vezes, não conseguem, justamente por possuírem sentimentos como o orgulho e a vaidade, que impedem a prática incondicional do amor. Com isso, os cristãos sentem-se imperfeitos em relação a Deus, esforçando-se, de todas as formas, para superar esse *déficit* da ética cristã.

Ao falar em amor, Jesus teria falado também em caridade, pois, havendo amor mútuo entre os homens, tudo o que possuírem será comum a todos, sendo que aquele que praticar a caridade de forma humilde dará um grande passo rumo à salvação. Jesus, durante sua vida, por inúmeras vezes, teria praticado a caridade não só através de palavras e simples ações, como também através das curas e milagres. No entanto, Gaarder (2000, p.161) observa que "os milagres da cura não foram simplesmente uma expressão da compaixão de Jesus, mas uma prova de que o poder do reino de Deus estava ativo". Também sobre a prática da caridade pregada pelo cristianismo, diz Zilles (1996, p.33):

O cristianismo estruturou-se hierarquicamente em comunidades, com forte unidade e coesão no plano social, através do exercício da caridade fraterna, cuidando dos mais pobres. Desenvolvendo um forte sentimento de fraternidade universal e valorizando a todos e a cada um, deu o valor à pessoa humana, independentemente de sua condição social.

Para o cristão, a Bíblia, que se divide em Antigo e Novo Testamentos, é o livro sagrado, pois entende ser nela que está contida a palavra de Deus revelada. De acordo com a doutrina cristã, no Novo Testamento estaria veiculada a mensagem de Jesus aos homens e, sendo assim, aquele que aceitar a Sua palavra e crer que ele morreu para salvar a humanidade será salvo. Eis o que diz o Evangelho: "Portanto, se com a tua boca confessares que Jesus é o Senhor, e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rom 10,9).

O cristianismo prega que ter fé em Jesus significa seguir-se completamente os Seus ensinamentos, fazendo parte da comunidade dos cristãos, a qual se une através de dois ritos fundamentais, chamados sacramentos, que são o batismo e a ceia. O batismo, representado pelo mergulho na água, significa a purificação do indivíduo que se liberta do pecado, o nascimento para uma nova vida e a entrada do sujeito para a comunidade cristã. A ceia, por sua vez, simboliza a refeição fraterna entre os fiéis e Jesus, bem como o chamamento aos cristãos para participarem da vida do Senhor.

Os sacramentos, longe de serem atos mágicos, não têm sentido senão pela fé da comunidade. Requerem a cooperação daquele que os recebe e o envolvimento da comunidade para viver seu sentido. São sinais da vida de Cristo, que transforma os cristãos em sinais vivos do amor de Deus pelos homens. (Samuel, 1997, p.193)

A busca do cristianismo pelo sujeito é motivada por seu desejo de ser como Jesus e de ganhar poder para suportar e vencer as agruras da vida. O cristão vive no limite entre o bem e o mal, vendo, em Jesus, a única chance de vitória sobre as forças

malignas. Por sua vez, o cristianismo faz alusão à existência de dois mundos, aos quais o ser humano está sujeito: o primeiro diz respeito à eternidade junto a Deus, à qual farão jus somente aqueles que trilharem o caminho do bem, enquanto o segundo compreende o inferno, reino de Satanás, que é para onde irão os adeptos do mal, ou seja, os pecadores. Segundo a doutrina cristã, o pecado significa o desejo (inconsciente) de auto-suficiência por parte do ser humano. Conforme a lei divina, a humanidade deve viver segundo a vontade de Deus; portanto, ao contrariá-la, pecando, o sujeito passa a viver sem a ordenação divina, o que, conseqüentemente, significa um rompimento com Deus. Contudo, para aqueles que caem na tentação de Satanás e cometem o pecado, há ainda uma chance, pois Deus, com Sua misericórdia e amor, perdoá-los-á, desde que haja sacrifícios e arrependimento sincero dos pecados. Convém salientar-se que o sacrifício é bastante cobrado dos cristãos, não só como forma de expiação¹⁵, mas também como prova de merecimento e fé. Na Bíblia, está escrito que "o sacrifício do justo é aceito por Deus. O Senhor não se esquecerá dele" (Eclo 35,9). "Nada nesta doutrina é obtido sem sacrifício, e a morte do Filho na cruz mostra a que ponto o próprio Deus pode chegar em sua capacidade de sacrificar-se por amor aos homens" (Machado, 2000, p.34-5). É, pois, por temer não ser merecedor de partilhar da plenitude com Deus que o sujeito cristão luta com todas as forças contra as ciladas de Satanás e vive em amorosa obediência¹⁶ a Jesus Cristo.

¹⁵ Termo religioso que significa castigo, penitência, ato de purificação dos pecados.

¹⁶ A expressão "amorosa obediência" é de Oliveira (1997).

1.3 O Pentecostalismo brasileiro

1.3.1 Breve histórico

O pentecostalismo é um movimento religioso, de origem protestante, surgido nos Estados Unidos nos primórdios do século XX, por influência do metodismo wesleyano – cuja doutrina postulava o arrependimento, a salvação pela fé em Cristo, a santificação e a experiência com o Espírito Santo – e do movimento de santidade, chamado *holiness*, o qual defendia a busca imediata do "batismo no Espírito Santo". O nome, originado do termo *Pentecostes*, justifica-se pelo fato de, em reuniões de evangélicos americanos, ocorrer a manifestação de línguas estranhas, imediatamente entendida como uma revelação do Espírito Santo. Essas pessoas e seus seguidores passaram, então, a acreditar que os dons do Espírito Santo, recebidos pelos apóstolos e pela igreja primitiva, continuam ao alcance dos cristãos na atualidade.

As dádivas do Espírito Santo, proclamadas pelos primeiros pentecostais, eram tantas que, em pouco tempo, o pentecostalismo atingiu a Europa e a América Latina, onde, principalmente no Brasil¹⁷, encontrou um bom campo de propagação. O pentecostalismo teve início no Brasil com a chegada das igrejas Congregação Cristã, em 1910, e Assembléia de Deus, em 1911, as quais reinaram absolutas durante quatro décadas. Porém, na década de 50, com a expansão do pentecostalismo e com a chegada da Cruzada Nacional da Evangelização, a qual pregava a mensagem da cura divina, surgiram as igrejas Quadrangular, em 1951, Brasil para Cristo, em 1955, e Deus é Amor, em 1962. Em 1960, ao romper com a Assembléia de Deus, instaurando "um

¹⁷ A história do pentecostalismo em outros países não será contemplada, uma vez que este trabalho visa a um estudo da Igreja Universal do Reino de Deus, cuja origem é brasileira. Sobre o pentecostalismo na América Latina, recomenda-se especialmente a leitura de Rolim (1994).

pentecostalismo menos legalista e com um estilo calcado na incipiente renovação carismática norte-americana" (Freston, 1994, p.133), o missionário canadense Robert McAlister fundou a igreja Nova Vida, da qual ramificaram-se as igrejas Universal do Reino de Deus (1977) e Internacional da Graça de Deus (1980), ambas trazendo grandes inovações ao pentecostalismo tradicional. Esses três momentos do pentecostalismo no Brasil compreendem o que Freston (1994) denomina "ondas do pentecostalismo brasileiro".

1.3.2 Fundamentos do pentecostalismo

O movimento pentecostal prega a manifestação contemporânea dos dons do Espírito Santo. Para o pentecostalismo, só haverá salvação para aquele sujeito que aderir exclusivamente à Igreja, aceitando Jesus como salvador e batizando-se na água e no Espírito Santo. É importante frisar-se que o batismo na água significa a adesão do indivíduo à comunidade dos crentes, enquanto que o batismo no Espírito Santo simboliza o recebimento do dom de falar em línguas desconhecidas. No momento em que se manifesta a glossolalia¹⁸, o sujeito deixa de ser um e passa a constituir um corpo coletivo unido em uma só voz. "O fenômeno do 'Batismo no Espírito Santo' estabelece [no indivíduo] um corte, o fim da dispersão identitária, uma reorientação centralizada e centrípeta" (Sanchis, 1994, p.47). O falar em línguas estranhas é resultado de uma entrega total do sujeito a Deus, de uma relação pessoal entre ambos, na qual o indivíduo recebe, de Deus, esse dom tão desejado. A glossolalia não constitui uma fala ordenada,

¹⁸ Glossolalia é um termo de origem grega que significa o Dom de falar em línguas estranhas.

compreensível, pois não corresponde a um pedido, a um agradecimento ou a um louvor, mas sim a uma irrupção da fala inesperada e desconhecida para o sujeito. Conforme Corten (1995, p.262),

La glossolalie, ou "le parler en langues", est une communication verbale incompréhensible, vue parfois comme la langue des illettrés et des pauvres. Communication dont l'énoncé glossolalique ne s'apprécie pas en termes de vérité ou de fausseté mais en termes de réussite et d'échec. Parfaitement non reproductible, il est pure énonciation. Cette énonciation réussit lorsque, tout en exhibant sa cacophonie ou son caractère frustré, elle parvient à être une "rhapsodie divine". Elle efface le pauvre et la pauvreté devant la beauté et la grandeur divine. Elle la dilue dans l'émotion ¹⁹.

Um outro dom recebido pelos pentecostais é o dom da cura, o qual opera através da imposição das mãos sobre o doente. Segundo os crentes, eles recebem, do Espírito Santo, na atualidade, o dom de cura assim como os apóstolos o receberam. Além dos dons de falar em línguas e de cura, os pentecostais com base em I Cor 12 afirmam receber de Jesus outros dons como realizar milagres, profetizar, interpretar línguas estranhas entre outros.

Todas as práticas e crenças do pentecostalismo são justificadas através da Bíblia, considerada a verdade absoluta por ser a palavra de Deus. Dessa forma, percebe-se uma aproximação entre essa doutrina e o fundamentalismo²⁰, pois seus adeptos, além de aceitarem a Bíblia como guia incontestável, propõem, segundo Comblin (1998), uma volta à tradição dogmática e moral e o fortalecimento da comunidade e da autoridade da Igreja.

¹⁹ "A glossolalia, ou o 'falar em línguas', é uma comunicação verbal incompreensível, vista, às vezes, como a língua dos iletrados e dos pobres. Comunicação cujo enunciado glossolálico não se aprecia em termos de verdade ou de falsidade, mas em termos de êxito e de insucesso. Perfeitamente não-reprodutível, é pura enunciação. Essa enunciação logra êxito quando, exibindo sua cacofonia ou caráter privado, torna-se uma 'rapsódia divina'. Ela suplanta o pobre e a pobreza diante da beleza e grandeza divina. Ela a dilui na emoção." (tradução nossa).

²⁰ Sobre o fundamentalismo, recomenda-se a leitura de Galindo (1994).

A doutrina pentecostal vê o sujeito não como um ser predestinado, mas como um ser que sofre, a todo momento, assédio por parte dos demônios. Sendo assim, é necessário que o indivíduo aceite o Evangelho e entregue-se a Deus para poder lutar contra o Maligno e resistir a suas ciladas. Para o pentecostalismo, o sujeito deve dedicar o máximo de sua vida à religião e à frequência ao templo, pois a vida fora da igreja está tomada pelo mal, e as pessoas não-crentes são influenciadas pelo demônio. Essa postura pentecostal mostra, portanto, um discurso ascético e sectário. Sendo assim,

[a libertação] se alcança às custas de uma submissão às leis morais e se constitui na vitória da vontade sobre o corpo, da razão e da escolha racional sobre os impulsos irracionais. Os pentecostais (...) não vêem o indivíduo como um ser autônomo. Todos dependem de Deus, sem o qual se tornam vítimas de forças malignas. (Mariz, 1994, p.206-7).

Para provar, aos fiéis, que devem seguir os preceitos da igreja pentecostal, os pastores propõem a exposição dos testemunhos, através dos quais os crentes relatam, ao grupo, as graças recebidas em troca da abnegação e devoção. Esse procedimento ajuda os fiéis a suportar o rigor moral do pentecostalismo, principalmente no que diz respeito ao pagamento do dízimo e à recusa ao prazer intramundano. É sabido, por parte dos fiéis, que, quanto maior a devoção e a obediência, maiores serão as chances de salvação. No que diz respeito à devoção, convém mencionar-se o fato de que os crentes pentecostais são considerados os mais devotos, fazendo, dos cultos, momentos intensos de emoção e júbilo (talvez os únicos de seu dia tão privado de prazer) em que oram e louvam a Deus.

A devoção pentecostal antes de ser exaltação de emoções é uma devoção – um fervor – pelas coisas de Deus, da religião. Ela é suscitada da mesma maneira que a devoção puritana: pelo discurso teológico. Este discurso pode ser julgado rudimentar ou pouco inovador, ele pode até mesmo ser puramente oral e ser propagado por pregadores leigos. Seu critério de eficiência não é a verdade. É produzir devoção. O discurso teológico pentecostal é um discurso sobre os dons do Espírito, sobre o seu caráter contemporâneo e direto. (Corten, 1996, p.155-6)

1.3.3 Caracterização das três ondas do pentecostalismo brasileiro

O pentecostalismo brasileiro divide-se em três momentos distintos, denominados primeira, segunda e terceira ondas, os quais correspondem à sua história no País. Define-se, pois, primeira onda do pentecostalismo, o grupo formado pelas primeiras igrejas pentecostais brasileiras, as quais caracterizam-se por enfatizar o dom das línguas, opor-se ao catolicismo, crer no retorno de Cristo, comportar-se de modo sectário e rejeitar os aspectos mundanos da vida. A segunda onda, por sua vez, caracteriza-se pela mensagem da cura divina, através da qual atrai a camada pobre e sofrida da população, que, sem recursos materiais para sanar seus sofrimentos, busca auxílio espiritual.

A ênfase teológica no dom da cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro. As maiores e mais representativas denominações da segunda onda, (...), continuam a enfatizá-la, visto que a cura constitui um de seus mais poderosos recursos proselitistas. (Mariano, 1999, p.31)

Essas igrejas foram as pioneiras no uso da transmissão de sua mensagem pelo rádio, o que visava a seduzir as pessoas no interior mesmo de suas casas.

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro, denominada neopentecostalismo, prega o exorcismo dos demônios, a salvação, a prosperidade e a

cura divina. Convém salientar que a glossolalia, bastante praticada pelas duas primeiras vertentes, não recebe grande ênfase nas igrejas neopentecostais, ocorrendo eventualmente, sem que seja uma imposição para os fiéis. Além disso, o neopentecostalismo é uma inovação do movimento pentecostal não só por enfatizar a prosperidade e o exorcismo, mas também por distanciar-se do sectarismo e do ascetismo do pentecostalismo tradicional.

1.3.4 O Neopentecostalismo

O neopentecostalismo, vertente pentecostal cuja pregação baseia-se fundamentalmente na trilogia cura, salvação e prosperidade, inaugurou um novo tipo de culto, baseado na expressividade corporal, no poder sobrenatural da fé, no diálogo imediato entre o fiel e Deus e no uso de objetos na mediação com o sagrado. Esses recursos, juntamente com a pregação através dos meios de comunicação de massa, que chega aos lares prometendo às pessoas solução para seus problemas, fazem com que o neopentecostalismo venha ampliando consideravelmente o número de seus adeptos. O neopentecostalismo busca transformar a sociedade através da conversão individual dos sujeitos e da conquista de maior espaço social por meio das obras assistenciais e da atuação política partidária de seus representantes.

As igrejas neopentecostais prometem, aos fiéis, uma vida plena e feliz ainda neste mundo, desde que se afastem do Diabo, creiam em Deus incondicionalmente, façam as ofertas e dêem os dízimos sem hesitar. É importante abrir-se aqui um parêntese para comentar-se a ênfase que essas igrejas dão ao Diabo e a sua legião de anjos decaídos, os quais são vistos como os responsáveis por todos os problemas que

assolam a vida das pessoas, como doenças, dívidas, desavenças, desemprego, etc. Para os pentecostais, o mundo é o palco do embate entre as forças do bem e as do mal, ou seja, entre Deus e o Diabo (Gomes, 1994). Diferentemente do pentecostalismo tradicional, o neopentecostalismo atribui, ao Diabo, um papel central, reconhecendo-o como um ser extremamente poderoso, sucumbindo apenas ao poder de Deus, por intermédio de Jesus.

Uma grande inovação que a teologia neopentecostal trouxe ao pentecostalismo tradicional foi a Teologia da Prosperidade, a qual vai de encontro ao que o cristianismo e o próprio pentecostalismo pregam no que diz respeito à abnegação à riqueza. Para os neopentecostais, Deus determinou riqueza, *status*, conforto e sucesso a todas as pessoas:

o discurso da felicidade tem um lado demolidor a respeito dos discursos religiosos, sobretudo cristãos, tradicionais, onde se falava de renúncia, de cruz, de entrega pelos outros, de abnegação, de ascese em vista de uma felicidade eterna. (Martins Filho, 1991, p.96).

Com o neopentecostalismo, portanto, a velha "mensagem da cruz", discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada. Daí que, no cotidiano dos cultos e na vasta programação de rádio e TV dos neopentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e a Ele obedecer constituem, acima de tudo, meios infalíveis para o converso se dar bem nesta vida. Nos templos e na mídia, Cristo é propagandeado como panacéia para todos os males terrenos. (Mariano, 1999, p.9)

Convém salientar-se que, para ter direito ao que está determinado por Deus, o sujeito precisa, sobretudo, contribuir financeiramente para a Igreja, pois os neopentecostais pregam que tudo o que é ofertado a Deus é devolvido multiplicado. Devido à grande arrecadação financeira, as igrejas pertencentes à terceira onda adquirem autonomia e organizam-se como empresas, produzindo e vendendo

mercadorias espirituais. A Teologia da Prosperidade promete recompensa ainda nesta vida, ou seja, a espera do sujeito crente pelo regozijo é reduzida, pois o que antes só ocorreria com o retorno de Cristo, em outro plano, agora é muito mais imediato, é intramundano. Nesse contexto, se o sujeito não alcança o que deseja, ou é devido à pouca fé, ou à pouca oferta.

As igrejas neopentecostais, diferentemente das igrejas pentecostais que lhes precederam, são tolerantes quanto a comportamentos profanos, admitindo o livre uso do vestuário, frequência a festas, praias e cinemas, prática de esportes e uso da televisão, entre outros; contudo, preservam o repúdio ao uso de bebidas alcóolicas e do fumo, à infidelidade conjugal, à prostituição e ao homossexualismo. Ao romper com certas concepções do pentecostalismo tradicional, pregando, por exemplo, a valorização da riqueza, a recompensa terrena, a ênfase no Diabo e a rejeição ao ascetismo, o neopentecostalismo inovou o movimento pentecostal, conquistando, entre todas as igrejas das três ondas, o maior número de fiéis pelo fato de oferecer-lhes o que nenhuma outra até então oferecia: o gozo dos prazeres terrenos, a solução para todos os problemas dos crentes e a possibilidade de sucesso financeiro.

1.4 A Igreja Universal do Reino de Deus

1.4.1 Histórico e funcionamento

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), principal representante da terceira onda do pentecostalismo (neopentecostalismo), foi fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo, dissidente da Igreja Nova Vida. Durante os dez primeiros anos, a Igreja teve uma caminhada lenta, porém, por volta de 1987, começou a tomar forças, diversificando

atividades e atingindo as camadas sociais mais pobres, inclusive através do rádio. Dois anos mais tarde, com o crescimento de seu poder econômico, Edir Macedo comprou a Rede Record, o que fez com que a IURD ganhasse cada vez mais espaço na sociedade. O crescimento da igreja não se limitou apenas ao território brasileiro, mas ultrapassou suas fronteiras, atingindo atualmente um número superior a 70 países. Hoje, com pouco mais de duas décadas de existência, a IURD é uma das maiores, se não a maior, igreja "evangélica" do Brasil.

A expansão da Igreja Universal é surpreendente, pois, sob o postulado de missão religiosa, ela alcançou ampla penetração na sociedade. Segundo Freston (1994, p.143), "Todo império econômico (e força política) é funcional para a missão religiosa...". A IURD é, pois, possuidora de uma rede de televisão, emissoras de rádio, jornais, gráficas, construtora, fábrica de móveis, tudo para atender às necessidades da Igreja no que se refere à sua propagação. Além disso, elege políticos, contando exclusivamente com o voto dos fiéis que, por orientação dos pastores, escolhem o candidato que convém para a IURD, ou seja, que lhe defenda, uma vez que essa instituição apresenta-se como politicamente perseguida.

A IURD identifica-se com o pentecostalismo por pregar a salvação em Cristo – que batiza com o Espírito Santo e salva do demônio – e a glossolalia como a evidência da presença do Espírito Santo. Por outro lado, a Igreja Universal difere das igrejas pentecostais em outros aspectos, ao não interferir na vestimenta e não condenar a vaidade dos fiéis, adotar a Teologia da Prosperidade, dar ênfase ao demônio e fazer forte apelo ao simbólico. Ao lançar mão de símbolos em seus rituais, "... a Universal rompe abertamente com a tradição da Reforma Protestante, que suprimiu, com exceção

da Bíblia e do corpo eclesiástico, todo tipo de mediação material e humana entre Deus e os homens" (Mariano, 1999, p.86).

O funcionamento dos cultos da Igreja Universal possui uma característica bem particular, em que cada dia da semana corresponde a uma corrente, contemplando a prosperidade, a cura, a adoração ao Espírito Santo, os problemas familiares e afetivos e o exorcismo dos demônios. Percebe-se, assim, que a organização dos cultos da IURD tem por objetivo atingir os diversos interesses da população, ao abordar os problemas que ela enfrenta em seu cotidiano. O que chama a atenção sobre os cultos da IURD é o fato de que eles estão entre os mais simples praticados pelas igrejas evangélicas, uma vez que não possuem um ritual e uma ordem litúrgica a serem seguidos, sendo comandados, do início ao fim, pelo pastor ou bispo e seus auxiliares, que intercalam pregações, cantos e momentos de oração. Os cultos, cujo esquema organizacional é praticamente o mesmo em todas as congregações da Igreja Universal, é considerado, pelos fiéis, como um momento em que os males vêm à tona e são retirados através de orações ou pelo processo de exorcismo. Convém salientar-se que não somente as correntes de oração são quase idênticas em todos os templos da Igreja Universal, mas toda a estrutura é a mesma em qualquer sede do País, o que facilita o remanejamento constante de pastores, além de permitir que onde quer que esteja o crente, ele tenha sempre, ao seu alcance, uma igreja oferecendo-lhe tudo aquilo a que já esteja habituado.

Quanto aos pastores, é importante mencionar-se a questão da desigualdade salarial²¹, pois há aqueles muito bem remunerados e outros com baixa remuneração,

²¹ O salário dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus é uma incógnita. Há quem diga que o salário corresponde a uma porcentagem do que é arrecadado nas ofertas, sendo esse o motivo dos insistentes pedidos de doações.

como é o caso dos ex-drogados e dos ex-presidiários, que se contentam com baixos salários, uma vez que garantem seu sustento e sentem-se valorizados, exercendo essa função. Os pastores devem dedicar sua vida inteiramente à Igreja, abandonando estudo e trabalho, bem como a família no caso dos solteiros. Além dos pastores, a IURD também conta com obreiros, cuja mão-de-obra é gratuita, os quais recepcionam as pessoas que chegam à Igreja, cuidam das crianças, exorcizam demônios e cuidam da limpeza e conservação do templo, além de realizar a evangelização fora do ambiente da igreja, como em hospitais, presídios e periferia das cidades. Convém salientar-se que apesar de todo crente ser agente do bem e combatente do mal "em nome de Jesus", só podem ser obreiros aqueles que forem batizados na água e no Espírito Santo e que tiverem uma vida exemplar dentro da Igreja.

Entrar para a Igreja Universal é fácil, pois ela não exige, de seus futuros membros, que conheçam a Bíblia, como o fazem outras igrejas protestantes, e também não determina que a leiam com frequência, o que revela certa contradição, visto que ela prega a importância da Bíblia para o crente. Isso faz pensar-se que há um certo interesse por parte dessa Igreja de que a leitura da Bíblia não seja feita pelos fiéis sem a mediação dos líderes para evitar interpretações independentes e "indesejadas". Para participar das correntes de oração da IURD, não há qualquer exigência, mas, para fazer parte do corpo de fiéis, é necessário que as pessoas aceitem Jesus como salvador, batizem-se na água e sejam dizimistas.

A Igreja Universal, assim como as demais igrejas pentecostais, é voltada para os pobres, para a solução dos problemas concretos que eles enfrentam diariamente. No entanto, a IURD vem conquistando, atualmente, um grande número de adeptos de outras camadas da sociedade, os quais não estão em busca de bens materiais, mas de

curas, de soluções para problemas de ordem pessoal e espiritual, daquilo que o dinheiro não pode comprar. Dentro da Universal, aquelas pessoas que se acham convictas de suas fraquezas e misérias encontram tantas outras com os mesmos problemas que, por terem aceitado Jesus, conseguiram superá-los e até mesmo reconstruir suas vidas. Ao freqüentarem os cultos, as pessoas percebem que há alguém que sabe por que dificuldades estão passando e que para as quais oferece alento. O que se observa, nos templos da Igreja Universal, é o uso do discurso do "senso comum", este entendido aqui como valores e crenças assimilados pelos indivíduos sem contestação. Conforme Lagazzi (1988), o senso comum seria uma "tentativa de calar o desejo", uma vez que a ordem estabelecida, envolvendo direitos e deveres, não deve ser contrariada. O pastor/bispo coloca-se como alguém que conhece todos os problemas dos sujeitos que vão até ele, que sabe que desejam resolvê-los e que tem, "maravilhosamente", uma solução para eles. Sendo assim, o fiel segue "indiscutivelmente" as orientações recebidas. Participando ativamente da Igreja, os indivíduos, antes enfraquecidos e marginalizados, passam a ter poder, oferecido pelo Espírito Santo.

[os sujeitos sofredores] confiam suas vidas com todos os seus fardos, ao Deus que encontram no centro dela. Ao agir assim, experimentam a presença de um Deus cheio de graça que toma conta de suas vidas e as plenifica. Sentem-se ligados a um Poder que lhes dá vida nova e os transforma e fortalece, enchendo-os de nova energia e esperança. (Cesar & Shaull, 1999, p.216)

Essa entrega que os sujeitos religiosos fazem de suas vidas a Deus tem, como aspecto positivo, o fato de saberem que não estão sozinhos em sua caminhada, que há alguém não só para ajudá-los a carregar o seu pesado fardo, mas também para tirá-lo de seus ombros. Em contrapartida, há o risco da devoção e emoção exacerbadas, capazes de afastar o indivíduo da realidade. Nos domínios da Psicanálise, isso é explicado por uma maior deformação da *imago*, a qual diz respeito à deformação da

realidade devido ao componente emocional, diferindo da *imagem*, que, por sua vez, significa a réplica da realidade objetiva. O problema aqui não é a distorção da imagem, pois, de acordo com a Psicanálise, dificilmente se percebe a realidade sem a interferência do componente subjetivo, mas da distorção que se dá de forma bastante intensa:

quanto mais deformada seja a imago que um indivíduo tenha de Deus, sua atitude religiosa – pela irrealidade de seu objeto de referência – apresentará um caráter claramente imaturo; podendo, inclusive, chegar a ter traços claramente patológicos. (Droguett, 2000, p.26)

Um outro aspecto que faz com que as pessoas mais humildes sintam-se acolhidas na Igreja Universal é o fato de que o discurso dessa instituição, diferentemente do da maioria das igrejas, é bastante acessível, externado em linguagem simples, acompanhada de gestos teatrais e cujas palavras traduzem a rotina do dia-a-dia dos fiéis.

O vocabulário é pobre, com frequência a gramática é incorreta, mas a força da palavra está na resposta imediata às aflições do cotidiano: saúde, prosperidade, trabalho, solução de problemas familiares; enfim, libertação do vício, do pecado; enfim, uma vida exemplar, o domínio, a certeza da salvação total. (Cesar & Shaul, 1999, p.75)

Durante os cultos, o pastor demonstra preocupação constante quanto à compreensão de suas palavras por parte da assembléia, fazendo uso, a todo o instante, de questionamentos do tipo "vocês me compreendem?", "amém?". Segundo Corten (1996), o discurso religioso da IURD é construído não para transmitir uma verdade profética, mas para garantir um sucesso. Outra característica desse discurso é o emprego das narrativas sobre cura, conversão e resolução de problemas de toda ordem feitas pelos pastores ou pelas próprias pessoas envolvidas na história relatada, o que se denomina testemunho. Tais testemunhos não se restringem apenas aos templos, sendo

um recurso também muito utilizado pelos teleevangelistas, no afã de atrair novos fiéis desejosos de ter um final feliz assim como os personagens reais de histórias tão semelhantes às suas.

Nos cultos da Igreja Universal, um momento muito importante é o da pregação, pois é através dela que o pastor desencadeia a luta contra o mal, enfrentando os demônios e libertando todos aqueles que, entregues a Deus, buscam a libertação. Na seqüência, o pastor instiga a assembléia a orar, pedir, exigir a libertação, quando todos os fiéis oram em voz alta coletivamente, porém fazendo preces individuais. Nesse momento, há um coro desordenado de vozes, corpos que se levantam, mãos que se erguem, pés que batem no chão, tudo isso num fervor coletivo, visando a vencer o "maligno". Nesse instante, o crente, depositando toda sua fé e esperança no divino, sente intensamente a presença do sagrado em sua vida.

E o sagrado que ressurgiu desse movimento é, além de uma fuga desse mundo, o êxtase, o transcendental, o que impele o homem fora dele mesmo e o coloca em contato com as forças vitais do universo. Trata-se de uma volta à dimensão não trabalhada ainda pela razão, instintiva e desejosa de coisas maravilhosas, tão presentes nas sociedades pré-industriais, onde o sagrado reinava absoluto. Busca-se através deste movimento escapar dessa sociedade racional, industrial, secular, individualista (...) e ser conduzido à realidade real, transcender os limites, a banalidade, a confusão do cotidiano. (Martins Filho, 1991, p. 60)

As portas da Igreja Universal do Reino de Deus estão sempre abertas, com pastores e obreiros de plantão para ajudar não só seus fiéis, como qualquer pessoa que a ela recorra necessitando de auxílio. Nas palavras do bispo Edir Macedo, a IURD funciona como um "pronto-socorro espiritual", recebendo pessoas com todo tipo de problemas, inclusive homossexuais, prostitutas, drogados, os quais são muito bem acolhidos. Eles, após serem libertos do mal, passam a dar seu testemunho em outros templos da Igreja e na televisão, o que reforça o proselitismo da Universal. Para a

Igreja, não importa o que o sujeito era, mas o que ele passou a ser após ganhar vida nova pela ação do Espírito Santo.

A Igreja Universal do Reino de Deus tem seu aporte religioso baseado na trilogia salvação, cura e prosperidade, o que comprova a sua preocupação em sanar os principais problemas que afligem a população e o que faz com que o seu discurso caracterize-se como aquele que privilegia a "solução" em detrimento da "evangelização".

1.4.2 A salvação

Segundo a doutrina, o ser humano foi criado por Deus como um ser dotado de bondade e pureza, mas que, ao pecar, sofreu a queda e conheceu a culpa, que passou a ser herdada de geração para geração. Assim, segundo a visão ocidental, para salvar a humanidade do pecado, Deus enviou seu filho Jesus Cristo que morreu na cruz. A expiação de Cristo é um dos pontos fundamentais da fé cristã, e todo aquele que O aceitar como Salvador será salvo. A salvação, para o cristianismo, significa a vida plena, em outro plano e tempo, livre de limites e privações. No entanto, a Igreja Universal do Reino de Deus, apesar de seguir muitos aspectos da doutrina cristã, prega que a vida plena já inicia nesta vida e neste mundo, quando o sujeito começa a tomar posse de tudo o que Deus lhe havia destinado. Logo, na IURD, há um desvio do sentido da salvação pregado pelo cristianismo, pois a salvação não se resume mais à volta de Cristo e ao estabelecimento de Seu reino, mas apresenta-se também "como resposta imediata ao sofrimento, dor e fraqueza – o que possibilita a caminhada em direção à plenitude de vida com saúde, bem-estar material e felicidade." (Cesar & Shaul, 1999, p.184). Com a premissa de que os efeitos da salvação começam ainda neste mundo, a

IURD leva grande vantagem sobre outras igrejas, que os prometem apenas para o dia do retorno de Cristo. Essa igreja joga, então, com o desejo intenso do crente de ter sua fé imediatamente recompensada. Segundo os pregadores, Jesus não morreu somente para libertar os seres humanos de seus pecados e dar-lhes vida plena na eternidade, mas para dar-lhes uma vida plena, sob a influência do Espírito Santo, já hoje.

... para os pentecostais, a ação salvadora de Deus, centralizada na ressurreição de Jesus e na presença do Espírito Santo, é, acima de tudo, uma experiência com alguma coisa que está ocorrendo diariamente em suas vidas e no mundo em que estão enredados. Além do mais, é um tipo de experiência, que transforma sua percepção acerca do mundo e da vida. Cristo venceu a morte e, como ressuscitado, está presente e em ação **agora**, com o poder de fazer o que foi feito durante seu ministério terreno. (Cesar & Shaul, 1999, p.189-190)

A idéia de posse dos bens deste mundo, como a saúde e a prosperidade, está muito mais presente do que a de céu e inferno, entendidos pelos cristãos como linhas delimitadoras da salvação; no entanto, só pode tomar posse daquilo que Deus lhe reservou aquele que for fiel nas ofertas.

Assim, a salvação imanente e pragmática apresentada pela Igreja Universal é acessível não simplesmente aos que superaram uma "prova ética" do tipo amor, fé e caridade, como no catolicismo, por exemplo, mas uma prova do tipo "fidelidade na oferta". Esta é a nova virtude teológica. (Gomes, 1994, p.249)

A IURD prega que ser salvo é ter vida plena ainda neste mundo, mas os fiéis entendem que essa conquista compreende uma luta árdua, uma vez que os demônios estão a rondá-los. Sendo assim, é necessário que o indivíduo tenha muita fé para permitir a ação do Espírito Santo, pois só assim sentir-se-á fortalecido para lutar contra Satanás e conquistar, ainda em vida, a salvação. Para a IURD, vencer o Maligno e viver uma vida plena neste tempo significa instaurar o Reino de Deus na Terra.

A chave para a salvação é a fé: "A fé é o único instrumento de salvação eterna, ou seja, ela nos leva à comunhão com Deus" (Macedo, 1998b, p.93). É ela, também, que possibilita a generosidade da oferta: "A fé com qualidade é identificada pela oferta (...). De fato, é na oferta que se oferece a Deus, que se identifica a qualidade de fé que se tem" (Macedo, 1998b, p.95).

Quando se fala em salvação, na concepção da Igreja Universal do Reino de Deus, não se pode deixar de falar que o crente, além de buscar a própria salvação, torna-se também um evangelizador cujo objetivo é salvar outras almas. Eis o momento em que o sujeito, já interpelado ideologicamente, ou seja, identificado com uma formação discursiva, ocupando uma posição dada, tem como missão e desafio interpelar outros sujeitos. Ele sabe que o caminho é penoso, mas trilha-o com firmeza e fé pelo fato de ter o poder concedido por Jesus.

Ora, o ganhador de almas precisa se conscientizar dos riscos que existem quando ele se entrega para a salvação de almas. A luta é árdua, difícil e penosa, pois ele tem que considerar que as almas têm estado nas mãos do diabo e para se arrancá-las de lá, tem que se entregar à luta contra ele de corpo, alma e espírito, em Nome do Senhor Jesus! (Macedo, 1993, p.99)

O indivíduo que ultrapassa os domínios da Igreja, evangelizando com o objetivo de mostrar o caminho da salvação àqueles que ainda ignoram o fato de terem sido libertos por Jesus, é um instrumento humano de proselitismo a serviço da igreja que se declara a mais preparada para intermediar a salvação das almas.

1.4.3 A cura

Para a Igreja Universal, a cura dá-se através da fé, pois, muitos dos enfermos estão com o demônio e precisam da fé, da Igreja e do exorcismo para se curar. Na Universal, a causa das doenças são os demônios, os quais, inclusive, têm nomes

relacionados a elas (demônio do câncer, demônio da AIDS), e a cura é sempre associada à expulsão desses seres malignos. Conforme pregam os pastores, o ser humano é o vaso depositário do Espírito Santo, logo, jamais a doença poderia ser atribuída ao indivíduo por Deus. Cumpre dizer-se que a Igreja procura, de certa forma, tranquilizar alguns enfermos, dizendo que, apesar de todas as enfermidades serem obras demoníacas, nem todos os doentes estão possessos. Essa relação existente entre os demônios e as doenças é explicada pelo bispo Edir Macedo da seguinte forma:

A maneira pela qual os demônios causam as doenças não é difícil de entender. Toda doença tem uma causa, e essa causa é sempre um vírus, um bacilo, um germe ou uma bactéria que provoca a destruição dos tecidos. Esse agente microscópico se movimenta, age, tem vida. Perguntamos: de onde vem essa vida? De Deus não pode ser, pois Ele não é destruidor. Para que esse microrganismo se movimente e destrua é necessário que haja uma força dentro dele; um espírito destruidor, e não podemos identificá-lo com nenhuma outra coisa, senão com uma força demoníaca. (Macedo, 1998a, p.96).

A IURD garante curar os seus fiéis de qualquer tipo de doença. Para tanto, basta que tenham fé e façam doações, as quais nada mais são do que uma prova "material" de fé. O processo de cura através da libertação está associado ao milagre, pois o sujeito, que há tanto sofria, refém dos demônios da enfermidade, e que se vê curado repentinamente, entende ter vivenciado um milagre. A partir desse momento, a congregação passa a contar incondicionalmente com o fervor, a devoção, os testemunhos e a submissão desse indivíduo que passará o resto de seus dias procurando retribuir a graça recebida, além de buscar outras. O que acaba de ser expresso confirma-se nas palavras do bispo Macedo: "O demônio foi expulso, o rapaz foi curado e mãe e filho saíram felizes da reunião, tornando-se, mais tarde, fiéis membros da igreja" (1998a, p.124). É muito provável que, em alguns casos, as doenças tenham origem psicológica e sejam curadas através da força do pensamento; porém, para os líderes e

membros da Igreja, não há outra explicação que a de um milagre alcançado através das preces, invocando a ação do Espírito Santo, o que é muito oportuno, uma vez que isso auxilia na ação proselitista da Igreja.

A cura, entendida como um processo de libertação, transforma o sujeito em um novo ser, com vida nova, livre da escravidão demoníaca. A partir desse momento, o sujeito rompe com as amarras do mal e passa a viver com Deus e para Deus. De acordo com seus líderes religiosos, o poder de cura dos cultos da Universal é tão intenso que, mesmo estando ausente, a pessoa pode ser curada, desde que esteja representada por alguém que a ame, que tenha fé e que porte algo material dessa pessoa, simbolizando-a. Também o ritual da cura, que é feito com a imposição das mãos e com o auxílio de elementos materiais como óleo, água, ramos, entre outros, dá-se no universo do simbólico, o qual funciona como um modo de dar sentido à realidade. É importante frisar-se que, apesar de a cura de doenças ser prometida a todas as pessoas, muitas delas não têm a satisfação de alcançá-la. Segundo os pastores, quando isso não ocorre, é porque há pouca intensidade de fé, pois é dela que depende a obtenção de graças. Com isso, a IURD exime-se de qualquer responsabilidade diante da não-realização daquilo que tanto prega, passando-a toda para o crente que, culpando-se e sentindo-se um fracassado, entrega-se mais intensamente às doutrinas e imposições da Igreja.

1.4.4 A prosperidade

A prosperidade pregada pela IURD baseia-se nos fundamentos da corrente religiosa norte-americana denominada Teologia da Prosperidade, a qual promete, às pessoas, a recompensa nesta vida, desde que pratiquem a "confissão positiva" e o investimento financeiro em Deus.

Ao discurso da IURD falta quase completamente a perspectiva escatológica; a preocupação é com a existência das pessoas aqui e agora. Se as pessoas vivem na miséria, com uma situação familiar desequilibrada e a saúde em estado clamoroso, então não é preciso protelar a intervenção de um reequilibrador no final dos tempos, onde os pobres serão 'bem-aventurados' porque herdarão o reino de Deus. As pessoas devem reagir aqui e agora e tomar o seu destino nas mãos: só não possui quem não quer. (Gomes, 1994, p.266)

Para receber a recompensa, os pastores advertem os fiéis para que tenham fé, façam orações, mantenham-se afastados dos demônios, paguem o dízimo e façam doações financeiras. Para que o fiel não confunda o dízimo com as ofertas, considerando-os equivalentes e optando por um ou outro, o bispo Macedo explica:

O dízimo caracteriza a fidelidade do servo de Deus, enquanto que a oferta indica o seu amor e sua consideração para com Deus. Enquanto o dízimo é uma obrigação por (Malaquias 3.7-12) parte do servo para com o Senhor Jesus (Mateus 23.23; Lucas 11.42), a oferta deve ser algo espontâneo e dada com alegria. (Macedo, 1998b, p.97).

A oferta simboliza a Oferta de Deus ao mundo, ou seja, Jesus Cristo (João 14.6). Portanto, a oferta, além de simbolizar a Pessoa de Senhor Jesus Cristo, também é o que aproxima o ser humano de Deus (Levítico 1.3). (Macedo, 1998b, p.98)

Para aqueles que ousam enganar Deus nas contribuições financeiras, a conseqüência é assustadora: "A Bíblia explica em Malaquias 3.10 haver um espírito devorador, causador de toda miséria, desgraça e caos na vida daqueles que roubam ao Senhor nos dízimos e nas ofertas" (Igreja Universal do Reino de Deus,2000). Convém frisar-se que essas doações não têm a mesma conotação que em outras igreja cristãs, em que são praticadas como um ato de gratidão a Deus, em virtude de alguma graça recebida, mas são apresentadas como um investimento em que o crente dá a Deus para que Ele lhe reembolse com juros.

A IURD também estimula os fiéis a lutarem para melhorar de vida, preferencialmente abrindo seu próprio negócio, sendo audaciosos, para que deixem de ser assalariados. No entanto, quando isso não acontece e/ou o fiel fracassa, a justificativa para tanto é a falta de fé, a confissão negativa ou a prática de pecados, sendo o sujeito o único responsável pelo insucesso e nunca a Igreja, pois nem Deus e nem os bispos e pastores falham, já que por Ele são ungidos. Segundo a Igreja, o sujeito está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo, portanto, ele deve esforçar-se para concretizar esse projeto que Deus tem para sua vida, confessando já possuir as graças e fazendo audaciosas doações. A confissão positiva nada mais é do que o agradecimento a Deus pelo que Ele já deu, aos indivíduos, no plano espiritual e cuja concretização no plano material é iminente. Confessar as graças antes mesmo de recebê-las é de fundamental importância para a prosperidade do fiel, pois, segundo os iurdianos, Deus não ouve a oração de quem já se considere um derrotado. Percebe-se, assim, que a fé está associada à força do pensamento positivo, ainda que propositadamente isso seja velado para o crente, que deve acreditar que a fé opera milagres.

A Igreja Universal prega, aos fiéis, que a recompensa divina é sempre proporcional às suas ofertas e que, portanto, quanto maior for o valor ofertado, maior será o recebido. Além disso, o crente é estimulado a dar, muitas vezes, o que não possui, como uma prova de fé e confiança na imediata retribuição divina. Nesses casos, é comum que ele tome atitudes extremas, como desfazer-se de um bem material de extrema necessidade (casa, carro, eletrodoméstico, salário do mês), no intuito de ser prontamente atendido e poder sair da situação periclitante em que se encontre. Segundo os pregadores, quando se dá a oferta, Deus não tem outra escolha a não ser atender ao

que lhe tenha sido solicitado, uma vez que já recebeu antecipadamente; assim, conforme postulam os líderes religiosos, Ele fica na condição de devedor, enquanto que o fiel assume a de credor. O crente iurdiano é instigado a cobrar de Deus o que Ele lhe deva, porém, não em posição de quem implora, mas de quem exige, determina, decreta. Diante dessa postura adotada pelos seguidores da doutrina da IURD, percebe-se claramente a "ilusão da reversibilidade" com grau muito mais intenso que nos outros discursos cristãos, pois aqui o sujeito acha-se em posição privilegiada, pelo fato de sentir-se um credor do Sujeito (Deus), julgando-se no direito de coagi-Lo. Isso evidencia uma troca de posições em que o sujeito comandado encontra-se na condição de comandante e vice-versa. O discurso da IURD é, provavelmente, o único discurso religioso em que a assimetria pode operar de forma inversa, ou seja, em que o sujeito pode estar em posição privilegiada com relação ao Sujeito.

Para convencer os fiéis da importância do sacrifício, representado pelas ofertas em nome de Jesus, os pregadores recorrem a exemplos bíblicos, como o caso de Abraão, que ofereceu seu filho como sacrifício a Deus, e o da viúva que ofertou, a Elias, o pouco que possuía. Dessa forma, o crente, que tem a Bíblia como modelo de vida a ser seguido, sente-se encorajado a oferecer sacrifícios (financeiros) como prova de fé. A todo o momento, lhe é lembrado que "a fé sem obras é morta". Convém salientar-se que, para os iurdianos, o sacrifício remete a doações financeiras, o que indica estar havendo, nessa formação discursiva, um desvio do sentido da palavra "sacrifício" em relação à FD cristã, uma vez que, nesta, significa penitência, abnegação da riqueza, do conforto, dos desejos mundanos, enfim tudo aquilo de que a IURD exime seus crentes.

Um outro recurso persuasivo utilizado pelos pastores é o uso do provérbio "é dando que se recebe", o qual estimula o fiel a agir para alcançar seus objetivos. Esse

provérbio relaciona-se ao "senso comum", uma vez que veicula um conteúdo já sabido e indiscutível, e, portanto, aquele que o emprega apresenta, aos interlocutores, um argumento forte, cuja verdade é inquestionável. Nesse sentido, conforme escreve Pereira (1994, p.XIII) "Os provérbios caracterizam-se como discursos do saber e do poder".

Ainda que as ofertas, geralmente tão penosas para os fiéis, constituam um benefício para os líderes da Igreja, visto que Deus jamais lançará mão delas, não se pode deixar de reconhecer o fato de que os sujeitos, através delas, passam a ter esperanças de uma vida próspera, o que, sem dúvida, ajuda-os a suportar as dificuldades do dia-a-dia. Além disso, "ao pedir para os pobres, ao invés de dar a eles, o pentecostalismo faz com que eles deixem de ser subjetivamente pobres" (Mariz, apud Machado, 2000, p.82). Sendo assim, os sujeitos adotam uma posição diferente da que possuíam até então, uma vez que passam de carentes recebedores a prósperos doadores.

1.4.5 Satanás: o grande inimigo

Segundo os pregadores da Igreja Universal, Satanás manifesta-se ele próprio no mundo ou através de demônios, os quais são comandados por ele para propagarem o mal. É, pois, o Maligno o responsável por todos os tipos de problemas que assolam os indivíduos, como enfermidades, dificuldades financeiras, desavenças, divórcios, vícios, acidentes, etc.

O fato é que realmente tudo o que existe de ruim neste mundo tem sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o ser humano, direta ou indiretamente. Quando Deus criou o homem, o fez perfeito, imagem e semelhança do seu Criador; não o criou cego, paralítico ou canceroso. Hoje, os hospitais vivem lotados; os cárceres apinhados; os manicômios cheios e a miséria, a dor e o caos pairam sobre a face da terra. (Macedo, 1998a, p.95)

Para livrar-se do mal, o sujeito deve buscar a libertação, a qual se dá através de Cristo, que salva as pessoas oprimidas pelo Diabo. No plano terrestre, essa libertação é feita pelos bispos ou pastores que, em nome de Cristo, exorcizam os demônios, seres apontados como os maiores inimigos da Igreja Universal, contra os quais os líderes e fiéis lutam com todas as suas forças e, principalmente, sua fé. Nisso, há uma grande diferença entre a IURD e as outras igrejas pentecostais, pois, enquanto estas procuram manter os demônios à distância, aquela busca-os e enfrenta-os.

Na IURD, os causadores de todos os males são, então, descobertos, nomeados e enfrentados, ou seja, o elemento simbólico de todo mal que ronda o plano terreno pode se chamar Satanás, Diabo, Maligno, Belzebu, Príncipe dos Demônios, os quais inclusive são identificados com os orixás das religiões afro-brasileiras, contra as quais a Igreja trava uma "guerra santa".²² As denominações atribuídas aos demônios relacionam-se às ações desses entes. Omulu é o demônio responsável pelos ataques epiléticos; Zé Pilintra é o instaurador de todo tipo de vício; Pomba-Gira e Maria-Mulambo são responsáveis pela prostituição e pelo homossexualismo; e o Exu-do-Lodo, pela miséria. Assim, o sujeito sente-se fortalecido, ao conhecer o inimigo, além de fazer parte de um seletivo grupo que tem poder para lutar contra ele e sobrepujá-lo. Surge aí a esperança de, vencida a batalha contra o mal, mudarem-se verdadeiramente as condições de vida.

A libertação do sujeito dá-se durante o culto em que os demônios são chamados a se manifestar para depois serem expulsos. No ritual do exorcismo, é imprescindível que eles se apresentem, dizendo seus nomes e o motivo da possessão,

²² É preciso dizer-se que não só as religiões afro-brasileiras são combatidas pela IURD, como também o Espiritismo e, de forma menos agressiva, a Igreja Católica.

para então serem exorcizados, mas não antes de serem humilhados e derrotados. Para os pastores, a vitória sobre esses entes malignos é uma glória e a confirmação do seu poder em nome de Jesus; para os fiéis, esta é a prova de que vale a pena submeter-se aos sacrifícios impostos pela Igreja para verem o inimigo longe de suas vidas. Os cultos de libertação funcionam, assim, como um forte instrumento proselitista, pois eles constituem o momento em que são oferecidas provas concretas, aos crentes, de que tudo aquilo que os pregadores dizem é verdade e que, com o Espírito Santo habitando seus espíritos, é realmente possível derrotar Satanás.

O exorcismo funciona como um cartão de visita da Igreja Universal do Reino de Deus, pois ela é a que mais prega o exorcismo dos demônios e, conseqüentemente, oferece a solução para "todos" os problemas. A pessoa liberta por meio desse ritual de exorcismo renasce para uma nova vida. É importante atentar-se para o fato de que, na igreja do bispo Macedo, o indivíduo, antes de ser culpado por ter aderido ao mal, é visto como vítima deste, pois é o Diabo que persegue as pessoas. "[A idéia de libertação] nos desculpabiliza ao permitir que um 'terceiro' carregue a responsabilidade do fato de que tudo vai mal na nossa vida" (Corten, 1996, p.80-1).

Segundo a IURD, todo sujeito é pecador, porém é possível libertar-se dos pecados e da influência demoníaca através do arrependimento e da aceitação do Senhor Jesus como salvador, o que é possível somente através do batismo nas águas. Sendo assim, é dada ao sujeito uma oportunidade de escolher entre permanecer no mal ou dele libertar-se.

... não é o universo mágico o fator fundamental do sucesso pentecostal, mas sim a forma como esta religião articula a magia e o sobrenatural com a ética. Esta articulação se faz fundamentalmente através do conceito pentecostal de "libertação". (...) ao oferecer uma "libertação do mal", o pentecostalismo leva o crente a se conceber como um "indivíduo", com determinado grau de autonomia e poder de escolha, e a rejeitar a concepção de "pessoa", ou seja, de sujeito que se restringe aos papéis tradicionalmente prescritos e que é incapaz de escolher seu destino. A idéia de "libertação" permitiria, assim, uma transição entre o universo mágico da "pessoa" e o "indivíduo". Enquanto um procedimento mágico, que não tem origem no universo do pensamento racional, a idéia de "libertação" pressupõe que os sujeitos são fracos; não escolhem o mal, mas são dominados por ele. Por isso não são responsáveis pelo mal, mas vítimas deste. (Mariz, 199, p.205)

A doutrina da Igreja Universal vê o sujeito como um ser frágil facilmente dominado pelo Diabo, mas que, ao mesmo tempo, pode escolher entre continuar com o mal ou livrar-se dele através da adesão à Igreja, pois só Deus pode livrá-lo das forças malignas. Desse modo, a Igreja Universal leva mais uma vantagem sobre a maioria das igrejas cristãs na conquista dos fiéis, pois, enquanto estas enfatizam a culpa do pecador, aquela enfatiza a sagacidade de Satanás. Assim, o Diabo é um inimigo essencial, pois seu poder maligno manifesta-se na vida dos indivíduos, e colocando-se como detentora do poder de Jesus, oferecido pelo Espírito Santo para derrotá-lo, é que a Igreja Universal conquista um tão elevado número de fiéis, desejosos de libertação.

Sem o diabo, sem o inimigo incessantemente expulso, humilhado, combatido, vilipendiado, [as igrejas neopentecostais] não seriam quem são nem quem presumem ser. Precisam estar combatendo e vencendo um inimigo forte e poderoso para atestar seu próprio poderio espiritual. Enfim, sem o diabo e seus asseclas, não teriam como justificar, diagnosticar e sanar os males que acometem os fiéis, nem como legitimar sua própria existência ou sua natureza divina. (Mariano, 1999, p.136-7)

Sendo assim, no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, o maior inimigo passa a ser um grande aliado.

Neste capítulo, foi possível perceber-se que o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, no que diz respeito às características e à relação entre os sujeitos (sujeitos e Sujeito), funciona de modo semelhante aos demais discursos religiosos de origem cristã. No entanto, no que tange aos saberes por ele veiculados, observa-se um certo desvio relativamente àqueles pregados pela doutrina cristã, o qual se manifesta através do imediatismo da ação salvífica de Deus, da negação de sacrifícios (com exceção das ofertas) por parte do fiel, da ênfase na prosperidade, do abrandamento da responsabilidade do sujeito pelo pecado, entre outros. Entende-se, pois, que mantendo, alterando ou, ainda, negando elementos característicos do discurso religioso cristão, o discurso religioso da IURD tem se mostrado como um dos mais persuasivos da atualidade.

2 A ARGUMENTAÇÃO E A CONDICIONALIDADE

2.1 A Argumentação

A função argumentativa da linguagem está presente, em maior ou menor intensidade, em qualquer tipo de discurso, uma vez que todos eles visam provocar, de alguma forma, uma mudança no alocutário. Entre os discursos com maior força argumentativa, encontra-se o discurso religioso, modalidade discursiva em que a argumentação não é ocasional, mas sim um elemento constante, em virtude do empenho do locutor em obter a adesão de seu interlocutor.

Segundo Perelman (1999), argumentar é apresentar uma tese a um auditório visando à sua adesão, mas, para tanto, o orador precisa adaptar-se ao auditório ou, em outras palavras, ter uma representação correta do seu ou de seus interlocutores, sabendo o que deva ser dito e de que forma. Tem-se aqui uma estratégia argumentativa do discurso denominada, por Pêcheux, "antecipação", a qual será explicitada mais à frente.

O locutor, ao argumentar, apresenta uma "idéia", conduzindo o interlocutor a uma determinada conclusão. Notadamente, o argumento exposto integra uma formação discursiva (FD) e "força" o alocutário a aceitar os saberes que lhe são correspondentes, o que se torna, por vezes, uma tarefa árdua, na medida em que o sujeito que está sendo interpelado reluta em aceitar os argumentos do locutor por não partilhar dessa mesma FD ou ainda por refutá-la. A partir disso, percebe-se que o locutor do discurso religioso (neste trabalho, referido como pastor ou bispo) encontra-se em posição favorável em relação aos locutores de outros discursos intensamente

argumentativos, como, por exemplo, os do discurso jurídico – o promotor e o advogado de defesa –, justamente por estar lidando com interlocutores que, conforme mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, na maioria das vezes, procuram-no e querem ouvi-lo. O que parece é que boa parte dos sujeitos que ocupam os bancos do templo, que assistem aos programas da IURD pela televisão ou que lêem textos dos bispos e dos pastores já estão convencidos dos saberes inerentes à formação discursiva do sujeito do discurso, ou, se ainda não a compartilham, estão prontos a deixar-se convencer. Dessa forma, para persuadir, o sujeito discursivo, na maioria dos casos, não precisa provocar o choque de duas formações discursivas, mas apenas apresentar argumentos que reforcem os saberes da FD já, provavelmente, aceita, o que torna bem mais fácil a persuasão.

Ao argumentar, o locutor percebe-se e coloca-se como o detentor da verdade, sendo assim visto pelo interlocutor se exercer uma posição de prestígio. Esse é mais um elemento que favorece a argumentação no discurso religioso, pois o pastor ou o bispo são vistos pelo fiel como representantes de Deus na Terra, portanto, veículos da sabedoria divina. Diante de um locutor "tão sublime", o interlocutor é tomado por um sentimento de inferioridade, passando a querer absorver os saberes que lhe são oferecidos. A partir de então, o líder religioso tem total domínio sobre os fiéis, fazendo com que pensem e ajam de acordo com a ideologia religiosa.

Quando se aborda a questão do prestígio do locutor, juntamente com ela vem a questão do poder, pois quanto maior o prestígio do locutor, maior também será o seu poder sobre o interlocutor. É exercendo o poder que um sujeito pode controlar um grupo de indivíduos, tornando-os submissos e mudando, assim, o curso dos fatos e das vidas. Num primeiro momento, em função de um saber já naturalizado, o poder é visto como algo negativo, que regula e oprime os sujeitos sobre os quais ele se exerce; no

entanto, remetendo-se a Foucault (1999) tem-se uma outra apreciação sobre a questão do poder, o qual não é mais visto apenas como uma prática social negativa, mas também sob o ângulo de uma força que produz saber e gera ação:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault, 1999, p.8).

Segundo ainda Foucault, o poder interpela os indivíduos, não sendo possível livrar-se ou ainda preservar-se dele na ordem da estrutura social, uma vez que ele, concretamente, não é propriedade de alguém, existindo, sim, práticas e relações de poder. O poder é, pois, uma propriedade que se manifesta nas relações sociais, o que permite sua transitoriedade, ou seja, ele pode, em certas situações, também, ser exercido por aqueles que sofrem sua força. Transpondo-se isso para as relações sociais fundadas na Igreja Universal do Reino de Deus, percebe-se que, ao mesmo tempo em que o fiel sofre a ação do poder exercido pelo pastor ou bispo, em outros momentos, é ele que exerce o poder sobre outrem, como nas evangelizações realizadas em praças, hospitais e presídios, quando então é ele o detentor de um saber e de uma verdade que, além de serem produzidos e propagados por um poder, colocam o próprio fiel em posição de poder. É imbuído, então, desse poder que o sujeito (tanto o líder religioso como o evangelizador) funciona como instrumento de interpelação ideológica.

É importante ainda dizer-se que o fato de o poder interpelar os indivíduos, controlando suas condutas, não constitui repressão pura e simples, algo que os tolhe, mas uma orientação para suas vidas:

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. (Machado, 1999, p.XVI).

Assim, pois, é que se dá o exercício do poder dos pastores e dos bispos da IURD sobre os fiéis, uma vez que não há uma dominação mordaz sobre a vida desses sujeitos, mas uma orientação, um redirecionamento e um controle – intenso, mas sutil – de suas condutas e de suas vidas²³. É imprescindível assinalar-se que aqueles que vivem sob a influência do poder, na maioria das vezes, assim o desejam, conforme escreve Foucault (op. cit.) . Isso é o que se percebe, pelo menos em relação aos fiéis da IURD, os quais, sentindo-se enfraquecidos, desamparados e desorientados, lançam-se em busca de alguém que tome as rédeas de suas vidas ou que lhes indique o caminho a seguir. Nesse sentido, ainda de acordo com Foucault (op. cit.), há uma regulação de condutas dos indivíduos quando se exerce o poder justamente porque há, também, a prática de certa liberdade. A essa concepção, pode-se unir a de Althusser (1998), segundo a qual é no uso de sua liberdade que o sujeito submete-se a uma ordem superior. Sendo assim, arrisca-se aqui a dizer que os fiéis iurdianos, por falta de perspectivas, desejam, ainda que inconscientemente, que o poder cumpra-se sobre eles.

²³ Ressalta-se que a IURD, ainda que não admita certas práticas de seus fiéis, não os proíbe terminantemente, tampouco os impede de participar das reuniões. O que a Igreja faz é alertá-los para o fato de que Deus não aceita certos comportamentos, ou seja, não atende aos pedidos de quem não ande conforme Sua vontade. Há, pois, aqui, uma diferença entre a IURD e algumas igrejas pertencentes ao pentecostalismo tradicional, como, por exemplo, as igrejas Assembléia de Deus e Deus é Amor, que determinam, a seus membros, regras de conduta, as quais, se não forem aceitas, podem implicar a suspensão do fiel. Sendo assim, pode-se dizer que, entre essas igrejas e a IURD, o controle sobre a vida dos fiéis diferencia-se pela relação imposição x sugestão, uma vez que esta propõe, ao fiel, comportar-se de uma determinada maneira, enquanto aquelas o obrigam. No entanto, não se pode deixar de considerar que, se o fiel iurdiano deseja ser atendido por Deus, passa a se ver "obrigado" a agir conforme as leis, ainda que não haja uma força extremamente repressiva impelindo-o a agir desse modo.

No exercício do poder sobre os fiéis, o pastor ou o bispo, além de os persuadirem a freqüentar os templos da Igreja Universal e a seguirem seus preceitos, promovem a venda de "bens" extraterrenos e espirituais, convencendo-os a comprar mercadorias como salvação, saúde, prosperidade, entre outras. Assim, o locutor consegue persuadir o fiel de que este está comercializando é com Deus, sendo o pastor ou o bispo apenas os intermediários nas negociações, ou melhor, aqueles que simplesmente apresentam a mercadoria. Para tanto, o locutor deve se utilizar de argumentos muito fortes que convençam seus interlocutores da imprescindibilidade desses bens em suas vidas.

A argumentação é um recurso coercitivo na qual se apela não para a força bruta, mas para a força ideológica, em que ainda é permitido, ao sujeito, recuar e dizer não. Assim, mesmo no discurso religioso, em que não há possibilidade de diálogo e contestação, o sujeito pode dar as costas e retirar-se.

O uso da argumentação implica que se tenha renunciado a recorrer unicamente à força, que se dê apreço à adesão do interlocutor, obtida graças a uma persuasão racional, que este não seja tratado como um objeto, mas que se apele à sua liberdade de juízo. (Perelman, 1999, p. 61)

Ducrot²⁴, por sua vez, ao discorrer sobre a argumentação, afirma que ela se encontra na língua e não nos operadores ou conectores argumentativos, estes responsáveis, pela força argumentativa do enunciado, indicando qual *topos* deva ser resgatado e utilizado. O *topos* é, pois, o princípio do encadeamento argumentativo e o ponto de articulação entre a língua e o discurso, uma vez que compreende um conjunto

²⁴ Embora alguns aspectos analisados por Ducrot na Teoria da Enunciação sejam focalizados em AD e, por conseguinte, neste trabalho, sabe-se que não há como unir os pressupostos teóricos de tal linha teórica com a Análise de Discurso de Pêcheux. O distanciamento entre Ducrot e Pêcheux dá-se, principalmente, pelo fato de que aquele não considera a exterioridade lingüística, ou seja, o modo como a língua é afetada historicamente (ideologia), enquanto este, em sua semântica discursiva, define o discurso como o lugar em que se articulam língua e ideologia. Desse modo, Ducrot concebe o sentido como interno ao enunciado, e Pêcheux considera-o como algo determinado historicamente.

de saberes relacionados ao senso comum, ou seja, aceitos pela coletividade, que dão sentido ao enunciado, garantindo o seu funcionamento.

Para pretender buscar fazer admitir que, a partir de um argumento, que uma conclusão é necessária ou razoável, seria preciso supor que a passagem de um a outro é justificada por algum princípio geral, já admitido pelo destinatário (eventualmente por outras pessoas de bom senso), e que vale não só para a situação de que se fala, mas para um conjunto de situações às quais esta é considerada análoga (...) (Ducrot, 1999, p.4)

No encadeamento argumentativo, o locutor atualiza um *topos*, o qual indica caminhos para o interlocutor, uma vez que os *topoi* fazem parte dos saberes apreendidos ao longo da vida do sujeito, ou seja, são crenças e idéias relacionadas a determinadas situações. Conforme a AD, que considera a ideologia como constitutiva do sentido dos enunciados, sempre haverá o risco de o interlocutor, pelo fato de atribuir o sentido de acordo com sua historicidade, fazer uso de uma cadeia de *topoi* diferente daquela sugerida e pretendida pelo locutor a fim de alcançar uma determinada conclusão. Na realidade, isso não deveria ocorrer devido ao fato de o *topos* resgatar uma informação compartilhada (os saberes) pelos interlocutores, mas, em função da formação discursiva do sujeito, é sempre um risco a se correr.

A noção de *topos*, pelo fato de veicular um conjunto de saberes apreendidos ao longo da vivência do sujeito, aproxima-se daquilo que, na Análise de Discurso, recebe o nome de interdiscurso, o qual compreende os "pré-construídos", os "já-ditos". Enfim, o "*interdiscurso enquanto pré-construído*", fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como 'sujeito falante', com a formação discursiva que o assujeita" (Pêcheux, 1997a, p.167). Desse modo, o ato de argumentar só funciona

discursivamente, constituindo sentido, devido a um efeito de memória denominado memória discursiva. Esta, por sua vez, não se relaciona à memória cognitiva e ao registro mental dos acontecimentos e experiências, mas ao "saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra" (Orlandi, 1999, p.31). A essa definição soma-se a de Maingueneau, segundo o qual a memória discursiva é "constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações" (Maingueneau, 1997, p.115).

Segundo a Teoria dos *Topoi*, o *topos* assegura a passagem do argumento à conclusão (encadeamento discursivo), podendo ser atualizado através de duas formas tópicas, as quais possuem formas contrárias, mas equivalentes em sentido. Veja-se o exemplo extraído do *corpus* discursivo deste trabalho.

O homem, por menor que seja, se crer no Senhor Jesus Cristo, pode todas as coisas.

Topos: Para se poder tudo, é preciso crer no Senhor Jesus Cristo.

Forma tópica 1: quanto mais se crê no Senhor Jesus Cristo, mais se tem poder.

Forma tópica 2: quanto menos se crê no Senhor Jesus Cristo, menos se tem poder.

Através da exemplificação acima, percebe-se que as formas tópicas referentes ao *topos* que se atualiza pelo enunciado indicam a ocorrência de duas perspectivas enunciativas, sendo que, de acordo com a perspectivação do enunciado, a forma tópica mobilizada é a FT1. Além disso, pode-se perceber que não é o conector "se" que torna o enunciado argumentativo, mas a presença do *topos*, envolvendo um

saber de ordem cultural. O conector "se" une as duas porções do enunciado, funcionando como um operador argumentativo que orienta o conteúdo *p* no sentido de *q*, sugerindo a graduação "quanto mais..., mais.... / quanto menos..., menos...". Contudo, ainda que o *topos* indique a existência de um saber estabelecido previamente, qual seja, o de que "para se poder tudo, é preciso crer no Senhor Jesus Cristo", não se pode ter certeza de que isso seja assimilado e aceito pelo interlocutor, uma vez que este pode não compartilhar da mesma formação discursiva do líder religioso, não vendo sentido algum para tal afirmação. Sob essa ótica, entende-se por argumentar o ato de se encadear duas porções de um enunciado através de um elemento lingüístico, denominado operador, remetendo-se a uma rede de sentidos referente ao senso comum. No entanto, no âmbito da AD, esse processo caracteriza-se por reportar-se a saberes constituídos historicamente, os quais se referem à formação discursiva a que se filie o sujeito do discurso e cuja adesão ele busque em seu interlocutor.

2.1.1 A argumentação na Análise de Discurso

Com base em AD, pode-se dizer que, ao argumentar, o sujeito procura incutir, no interlocutor, uma determinada formação discursiva ou, então, reforçá-la caso esse interlocutor já compartilhe dessa mesma FD. O sujeito discursivo é um ser interpelado ideologicamente, de forma inconsciente, o que faz com que pense ser fonte e dono do seu dizer, quando, na realidade, é determinado como sujeito por um conjunto de saberes – formação ideológica – que regulam sua prática e seu dizer. Sendo assim, durante o processo discursivo, ele tenta passar, para o interlocutor, esses saberes que o determinam e que, na sua concepção, são os únicos aceitáveis.

A argumentação funda-se na interdiscursividade, sendo os já-ditos, os pré-construídos que antecedem o sujeito que funcionam para orientar a argumentação. Assim, ao longo do discurso e da argumentação, o sujeito expõe saberes inerentes à sua FD ao mesmo tempo em que recusa aqueles estranhos a ela. São, pois, as formações discursivas que determinam o que pode ou deve ser veiculado no dizer do sujeito.

Para conquistar a adesão do interlocutor, o sujeito busca empregar argumentos convincentes, e aí operam dois tipos de processos de ordem psicanalítica: o inconsciente e o consciente. O primeiro perpassa qualquer discurso, quando o sujeito "assujeitado" veicula, em seu dizer, os saberes próprios de sua formação discursiva, podendo ainda agir sobre o inconsciente do interlocutor, assujeitando-o. É, pois, dessa forma, que a ideologia vai interpelando os sujeitos. Os efeitos pretendidos pelo sujeito discursivo sobre o seu interlocutor constituem uma ilusão provocada pelo esquecimento nº 1, devido ao qual o sujeito concebe-se como a fonte do dizer, rejeitando, inconscientemente, todos os aspectos estranhos à sua formação discursiva. Em outras palavras, os saberes que ele objetiva transmitir ao outro sujeito são selecionados no interior de uma rede de saberes pela qual ele mesmo é interpelado. Segundo Maingueneau (1997, p.45), "esses efeitos são impostos não pelo sujeito, mas pela formação discursiva". O segundo processo é aquele pelo qual o sujeito traça seus objetivos previamente com o propósito "consciente" de persuadir o interlocutor. Esse sujeito, na realidade, age oscilando entre os níveis consciente e o inconsciente, pois, ainda que busque conscientemente os argumentos a utilizar, é tomado, a todo o momento, pelos saberes referentes à sua FD, que, armazenados de forma inconsciente, assim também se manifestam.

Segundo Perelman (1999), ao argumentar, o locutor deve fazer uma representação dos interlocutores para saber como deve conduzir o seu dizer. Em AD, essa representação diz respeito ao conceito de formação imaginária. Conforme Pêcheux,

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (Pêcheux, 1997b, p.82).

É, pois, a partir das formações imaginárias que o sujeito discursivo, conforme diz Orlandi (1999), "regula a argumentação", pois assim estabelece os lugares ideológicos ocupados por ele e pelo seu interlocutor, determinando o que convém que seja dito, bem como o efeito de sentido que terá o seu dizer. Logo, as formações imaginárias permitem que o sujeito, ao ocupar uma posição dada, determine sua prática discursiva, tentando atender aos anseios (por ele imaginados) do interlocutor ou, por outra via, procurando conduzir o discurso da forma que julgar mais adequada. Essa antecipação do sujeito é um recurso que favorece o sucesso da argumentação, ainda que não o garanta, uma vez que o sentido não é transparente, constituindo-se também pela historicidade do alocutário, nem sempre apreendida pelas antecipações do sujeito discursivo.

No meio social, cada sujeito ocupa um lugar que é "constitutivo do que ele diz" (Orlandi, 1999, p.39), por aí estar em jogo uma formação ideológica. Portanto, se o sujeito discursivo falar de um lugar que lhe confira um certo poder em relação ao seu interlocutor (relação de forças), a sua argumentação será mais efetiva, tendo maior chance de lograr êxito. É, pois, esse um dos elementos que favorece o poder de persuasão dos pastores e dos bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que esses sujeitos são vistos, pelos fiéis, como autoridades imbuídas do poder de Deus, o que resulta que os argumentos sejam aceitos sem, praticamente, nenhuma contestação.

2.2 Os enunciados condicionais

Tendo em vista que, para a AD, o discurso é o lugar onde se relacionam a língua e a ideologia (Orlandi, 1999), entende-se que é através da forma como a língua é estruturada que se tem acesso aos vestígios da historicidade do sujeito discursivo. Vale lembrar-se que, conforme afirma Ferreira (1999, p.63),

a língua não é o objeto, mas o pressuposto para analisar a materialidade do discurso. Do mesmo modo que o lingüista tem acesso à língua pela fala, o analista tem acesso à ordem do discurso através da organização da língua.

No discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, há elementos do intradiscurso, como a condicionalidade, que veiculam saberes do interdiscurso, correspondentes a uma determinada formação discursiva, contribuindo para que esse discurso seja amplamente persuasivo. A fim de que se possa entender essa relação entre a condicionalidade e a persuasão, é necessário que se comece por explicar o funcionamento das orações condicionais no nível da formulação.

Na gramática tradicional, as construções condicionais são denominadas orações subordinadas adverbiais condicionais, uma vez que, segundo ela, exercem a função sintática de adjuntos adverbiais. Assim como os adjuntos adverbiais, essas orações classificam-se conforme as circunstâncias que expressem, sendo especificadas como condicionais devido ao fato de a oração subordinada exprimir uma condição para a realização do que seja expresso na oração principal do período. Convém salientar-se que alguns gramáticos, como Mendes de Almeida (1965) e Rocha Lima (1992), consideram a oração condicional como a expressão de uma condição ou de uma hipótese, mas não fazem alusão a diferenças que possam existir entre uma e outra situações. Isso também se constata em Vaz Leão (1961), que, ao abordar o "período

hipotético", não faz qualquer distinção entre hipótese e condição. Já Geraldi (1978) admite existir certa diferença entre condição e hipótese. Segundo esse autor, os períodos que expressam condição são aqueles em que "a oração subordinada exprime um fato cuja ocorrência implique, provoque a ocorrência do fato expresso na oração principal", e os períodos que expressam uma hipótese são aqueles em que "a oração subordinada exprime um fato sem relação explícita de causa com o fato expresso na oração principal" (Ibid., p.50), ou melhor, "o conteúdo 'p' é o motivo, explicitado pelo falante, para a enunciação de 'q' (Ibid., p.213). Como períodos hipotéticos, o autor considera também aqueles em que "o conteúdo 'p' poderia levar o interlocutor a uma conclusão errônea a propósito de algo, e por isso o conteúdo 'q' o re-orienta em sentido contrário" (Ibid., p.213).

Neste trabalho, não se fará a distinção entre hipótese e condição pelo fato de as seqüências discursivas selecionadas para este estudo exprimirem uma condição, seja na prótase ou na apódose, e por também expressarem uma hipótese, uma vez que se apóiam em uma suposição, o que é marcado pela presença do *se* ou de um termo equivalente. Convém salientar-se que, em algumas construções, a suposição encontra-se num segundo plano, como é o caso das restritivas, as quais serão enfocadas neste trabalho por exprimirem uma condição entre as proposições.

Apesar de todas as seqüências discursivas (SDs) selecionadas para a análise expressarem uma condição, não há, entre elas, uma padronização no funcionamento da condicionalidade. Tomando-se por exemplo os enunciados "O homem, por menor que seja, se crer no Senhor Jesus Cristo pode todas as coisas", "Se quer que sua vida seja mudada, deve se preocupar em praticar a palavra de Deus" e "Se você não está vivendo uma vida abundante (...) é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de

Deus...", percebe-se que, no primeiro, a condição está expressa na oração condicional, ou seja, a condição para que o homem possa todas as coisas é que ele creia no Senhor Jesus Cristo. No segundo enunciado, parece haver uma inversão, estando a condição expressa na oração principal, isto é, a condição para se ter a vida mudada é preocupar-se em praticar a palavra de Deus. Já no terceiro, a condição está expressa na oração principal, mas de forma implícita, ou seja, a condição para se viver uma vida abundante é não se afastar do verdadeiro lugar diante de Deus. Convém salientar-se que essas diferentes construções serão chamadas de construções condicionais num sentido geral, seguindo-se apenas a nomenclatura da gramática tradicional, uma vez que o objetivo aqui não é a realização de um estudo semântico formal das construções denominadas condicionais, mas de um estudo semântico discursivo, em que o funcionamento dessas construções interessam para a análise do sentido da sentença no que diz respeito à materialidade histórica.

A oração condicional é introduzida pelas conjunções *se*, *caso*, *desde que*, *contanto que*, *sem que*, entre outras. No entanto, é a conjunção *se* a que tem maior número de ocorrências, sendo, então, considerada a conjunção condicional por excelência. Para a gramática tradicional, as construções condicionais, devido a especificações de tempo e modo verbais, são classificadas em reais, possíveis e irreais. Segundo Mendes de Almeida (1965), as condicionais reais são aquelas que sugerem um fato existente, sendo a conjunção *se* equivalente a *já que*, *uma vez que*, o que corresponde a uma oração causal, sendo o modo verbal o indicativo; as condicionais possíveis são aquelas que sinalizam um fato provável, admissível, sendo a subordinada construída no imperfeito do subjuntivo e a principal no futuro do pretérito, ou a subordinada construída no futuro do subjuntivo e a principal no futuro ou presente do

indicativo; as condicionais irrealis são, então, aquelas que concebem o fato como inexistente, apresentando o verbo da subordinada no imperfeito ou no mais-que-perfeito do subjuntivo e o da principal no futuro do pretérito. É importante assinalar-se o fato de que alguns gramáticos, como Garcia (1967) e Rocha Lima (1992), não adotam o termo "real" para classificarem determinado tipo de construção condicional, mas colocam, juntamente com as possíveis e com as irrealis, as de desejo, esperança, pesar, expressas por frase exclamativa ou reticente, em que a oração principal, quase sempre subentendida, abriga um conteúdo vago, indefinível. A classificação desse tipo de construção não se dá por meio de restrições modo-temporais, mas somente por restrições semânticas.

No que diz respeito à taxionomia clássica das orações condicionais, Vaz Leão (1961) diverge dos gramáticos tradicionais ao afirmar, através de uma série de exemplos, que a realidade ou irrealidade de uma oração condicional não se limita à forma verbal da prótase, mas depende do contexto, do caráter conceptual dos vocábulos e sintagmas, podendo um "mesmo esquema hipotético formar frases que expressem realidade ou irrealidade" (Vaz Leão, 1961, p.88). A autora denomina as construções condicionais como períodos hipotéticos, definindo-os como "o conjunto de duas orações, uma das quais (geralmente a primeira) exprime uma suposição, condição ou ponto de partida do raciocínio, iniciando-se pela conjunção *se* e subordinando-se sintaticamente à outra" (Ibid., p.21). É preciso dizer-se, ainda, que a autora considera o período hipotético iniciado por *se* (ou por outra conjunção condicional) como uma das formas de se expressar o período hipotético, mas não a única. Para a autora, a hipótese pode ser expressa pelo contexto – através de verbos como *imaginar*, *supor* –, pela entoação e justaposição de orações, por um verbo no subjuntivo, colocado no início da

frase, funcionando como um elemento compensador da ausência da conjunção condicional, por um adjunto adverbial ou, ainda, por uma oração reduzida. Por sua vez, Mendes de Almeida (1965) também comenta o fato de a hipótese (ou condição) ser expressa de outra forma que não através da conjunção *se*. Das três ocorrências citadas pelo autor, a que difere das de Vaz Leão é a do subjuntivo antecedido de *que*. Vaz Leão aborda ainda outro aspecto em que pecam a maioria dos gramáticos tradicionais, expondo que estes, ao se referirem às conjunções que introduzem o período hipotético, não mencionam que elas, denominadas condicionais, podem, em outras construções, assumir valores semânticos diversos. Da mesma forma, conjunções não classificadas tradicionalmente como condicionais podem assumir o valor semântico de condição. As observações da autora sobre a divisão tradicional dos períodos hipotéticos no que se refere aos tempos e modos verbais, sobre as outras formas de se construir esse mesmo período afora a conjunção *se* (ou mesmo qualquer outra conjunção) e sobre os valores semânticos das conjunções constituem algumas das críticas relevantes à gramática tradicional no que tange às construções condicionais.

Ao considerarem-se outras possibilidades de construções condicionais, ou ainda, de construções com valor semântico condicional, é importante falar-se das orações adjetivas restritivas introduzidas pelos pronomes quem e aquele(s), como em "Aquele(s) que tiver(em) fé, será(ão) salvo(s)...". Esse tipo de construção é tradicionalmente classificado como uma oração subordinada adjetiva restritiva, por restringir o sentido do termo antecedente, identificando "aquele(s)" como um grupo particularizado ao qual é aplicável determinada proposição. No entanto, essa mesma construção possui também um valor semântico de condição (a condição para ser salvo é ter fé), o que se confirma pela paráfrase condicional "Se alguém tiver fé, será salvo".

Segundo Moura Neves (2000), há construções restritivas que envolvem uma pressuposição hipotética, como é o caso das restritivas com o verbo no subjuntivo (*Ganha aquele que fizer menos erros psicológicos*) e das que têm formas verbais infinitivas (*Em matéria de gordura, há muito que malhar e pouco que comer*). Contudo, entende-se que não são apenas esses casos que envolvem a pressuposição hipotética, mas também aqueles que são construídos com formas indeterminadas, como "aquele(s)", "todos os que", o que é ratificado com a afirmação de Fontana (1999), de que enunciados hipotéticos são parafraseáveis por enunciados construídos com essas formas e vice-versa. Além disso, há também enunciados restritivos construídos com determinantes, como "a(s) pessoa(s) que", "o(s) homem(ns) que", os quais também possuem na sua subjacência enunciados hipotéticos ou condicionais.

As orações condicionais também foram estudadas pela Lógica, sendo apontadas como uma relação de implicação lógica. Sendo assim, os enunciados do tipo *se p, q* são concebidos da forma *se p → q*²⁵. Esse tipo de relação não admite que se tenha a primeira proposição como verdadeira e a segunda como falsa, uma vez que *p* é uma condição suficiente para que *q* se realize. Assim, no universo da lógica, a forma *se p → q* não afirma *p* e *q*, mas a relação de implicação existente entre essas duas proposições. Para os lógicos, um problema, no que diz respeito aos enunciados *se p → q*, é o fato de estes suscitarem a inferência conversiva, ou seja, *se ~p, ~q*, o que se dá pelo fato de os usuários da língua entenderem *p* não apenas como condição suficiente para *q*, mas como condição suficiente e necessária, o que corresponde à tabela de verdade 1 e não como condição apenas suficiente, conforme a tabela de verdade 2:

²⁵ Convém mencionar-se que os enunciados da forma *se p, q* não envolvem apenas relações de implicação como as abordadas pelos lógicos, mas outros tipos de relações, o que ocasionou a distinção feita por Geraldí entre enunciados condicionais (relação de implicação) e hipotéticos (sem relação de implicação).

Tabela 1:

P	Q	$P \rightarrow q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

Tabela 2:

P	Q	$P \rightarrow q$
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Sendo assim, em termos lógicos, é impossível que ocorra p sem que ocorra q , mas possível que ocorra q sem p .

Tendo em vista o fato de a relação lógico-semântica ser citada nas gramáticas tradicionais como uma relação expressa pelas construções condicionais, é importante frisar-se uma diferença existente entre a relação lógica $p \rightarrow q$ e a estrutura sintática tradicional das construções condicionais, pois, nesta, a oração condicional é subordinada à principal, ou seja, há uma relação de dependência, enquanto que, na relação $p \rightarrow q$, não há dependência entre as duas proposições, mas uma relação entre elas que não permite a verdade da primeira e a falsidade da segunda. Convém salientar, ainda, que, embora a implicação lógica seja citada por muitos gramáticos como a única relação indicada nos enunciados do tipo *se p, q*, a maioria dessas construções compreendem muito mais do que uma função lógica.

É bastante claro, por outro lado, que a língua tem uma multiplicidade de funções que nada têm de lógica (no sentido até agora atribuído à palavra) e que um ato de enunciação atende a muitas outras necessidades além de propor a premissa ou a conclusão de um raciocínio. E isso mesmo se se deixa de lado as funções que não são inscritas diretamente no enunciado, mas dependem inteiramente da situação de fala ... (Ducrot, 1981, p.38)

Ao se entenderem os enunciados condicionais como uma implicação lógica, admite-se que eles compreendam implicações materiais, uma vez que não admitem que, sendo verdadeiro "p", "q" seja falso. No entanto, os enunciados condicionais não podem ser reduzidos a simples implicações materiais, pois, nessas, não é necessário que haja relação no que diz respeito ao conteúdo das componentes do enunciado, sendo válida apenas a relação de verdade entre as proposições. Desse modo, ao se dizer "Se Brasília é capital do Brasil, a Lua é o satélite natural da Terra", tem-se uma implicação material, devido aos valores de verdade das proposições, a qual porém, em termos pragmáticos, não tem validade, uma vez que não há uma conexão entre p e q que, em termos informacionais, ofereça sentido ao enunciado. No entanto, embora alguns enunciados condicionais como "Se Hitler era um gênio militar, então eu sou tio de um chimpanzé"²⁶ sejam classificados apenas como uma mera implicação material, pelo fato de não comportarem uma relação de conteúdo entre as proposições, há um sentido que pode ser extraído dessa implicação, ou seja, "tais condicionais são usadas como um método enfático ou humorístico de negar o antecedente já que o conseqüente é obviamente falso" (Geraldi, 1978, p.109). Desse modo, entende-se que, ao se limitarem os enunciados condicionais a implicações materiais, está-se também limitando seus significados.

²⁶ Exemplo extraído de Geraldi (1978, p.109).

No que diz respeito à construção *se p, q*, entende-se ainda que ela também envolve um conteúdo ideológico, uma vez que, para que o interlocutor admita haver alguma relação entre as proposições *p* e *q*, é preciso que ela esteja inscrita na formação discursiva desse sujeito. Se assim não for, o interlocutor poderá não considerar válida a relação $p \rightarrow q$. Segundo Orlandi (1996b, p.17), "as formas lingüísticas não são estruturas segundo a ordem do lógico-matemático. Elas são capazes de deslocamento, de transgressões, de organizações".

Entre os lingüistas contemporâneos que se têm dedicado ao estudo das construções condicionais, cita-se Moura Neves, que faz uma abordagem funcional desses enunciados. Num primeiro momento, com base na indicação tradicional lógica de que *p* (prótase) é condição para a realização e *q* (apódose) é consequência/resultado da resolução, Moura Neves (2000) também subdivide as orações condicionais em três grupos. No entanto, essa classificação não se limita a tempos e modos verbais, mas abrange a maneira como funciona a relação entre realização e fato, ficando, então, as construções condicionais divididas em factuais, contrafactuais e eventuais, o que corresponde às reais, irreais e potenciais.

As construções factuais caracterizam-se por, na prótase, "o elemento *se* encabeçar um fato apresentado como verificado (diz-se que é ou não é)" e, a partir disso, diz-se também que o fato apresentado na apódose ou é ou não é. Em termos semânticos, a oração principal encerra, normalmente, uma conclusão.

Ex.: *Se tudo está desse jeito, eu não posso confiar.*

Há, porém, um outro tipo de construção em que a apódose, semanticamente, não expressa uma condição, mas uma causalidade.

Ex.: *Se ela não fala contigo é porque não soubeste dialogar com ela.*

Moura Neves (op. cit.) afirma que, nessas construções, a apódose traz duas indicações: uma conclusão, do ponto de vista discursivo, e uma causa, introduzida pelo conector *porque*, correspondente ao encadeamento dos fatos.

As construções contrafactuais, por seu turno, correspondem à não-realidade. Elas exprimem, normalmente, a relação semântica fato → conclusão, porém com inversão de polaridade nos dois segmentos.

Ex.: *Se a pergunta partisse de Irmã Flora, a resposta teria sido outra.*

1º) Prótase positiva: se a pergunta partisse de Irmã Flora.

⇒ Fato com polaridade negativa: a pergunta não partiu de Irmã Flora.

2º) Apódose positiva: a resposta teria sido outra.

⇒ Conteúdo asseverado negativo: a resposta não foi outra.

Conforme Moura Neves (op. cit.), o que ocorre nesse tipo de construção é que a prótase enuncia um fato como não-verificado, e a apódose enuncia um fato conseqüente não-verificado e dependente do primeiro.

As construções condicionais eventuais, por sua vez, são aquelas em que o enunciado da apódose só será tido como certo se, eventualmente, for preenchida a condição enunciada. Nesse tipo de construção, a oração principal também encerra, de modo geral, uma relação semântica de conclusão.

Segundo Moura Neves (op. cit.), esses três subtipos das construções condicionais envolvem uma motivação icônica, ou seja, uma relação de implicação. Partindo para uma análise funcional das construções condicionais, a autora postula que:

de um ponto de vista da organização da informação no texto, verifica-se que as **orações condicionais** antepostas, que são as mais frequentes, constituem, em geral, um ponto de apoio para referência, um **tópico** discursivo. Sendo assim, as **orações condicionais** formam uma espécie de **moldura de referência** em relação à qual a **oração principal** é factual, ou apropriada. Além disso, frequentemente nessas **orações** está uma informação que não é dita como novidade.(Moura Neves, 2000, p.833).

Indo ao encontro do que escreve Moura Neves, Vaz Leão (1961) também trabalha a noção de topicalização da oração condicional, ainda que de forma implícita, uma vez que não usa essa terminologia, mas assevera que as orações condicionais funcionam como ponto de partida de raciocínio, cuja continuação está na oração principal. Do mesmo modo, Ferreira (1997), em seu estudo sobre a variação posicional das orações condicionais, afirma que as condicionais antepostas "funcionam como tópicos para as orações que as seguem, pois, além de atualizar uma informação já dada, conferem o 'mote' para o discurso subsequente" (Ferreira, Ibid., p.62). Ducrot também considera, na construção *se p, q*, a proposição *se p* como tema. Segundo ele, "enunciar Se A, B é tomar por tema a situação descrita por 'A', e disso afirmar o conteúdo B." (Ducrot, 1972, p.111).

Ao reenforcarem uma informação dada, as prótases antepostas criam o ambiente discursivo para a porção seguinte do discurso, isto é, para a apódose. Porém, quando a prótase está em posição não-marcada, ou seja, depois da apódose, é esta que pode funcionar como tópico discursivo, fazendo a ponte para a porção seguinte do enunciado.

Ao escrever que as informações veiculadas pela oração condicional anteposta não são novas para o ouvinte, Moura Neves (1999) afirma também que há

uma estreita relação entre construções condicionais e perguntas polares e entre tópicos e prótases. A esse respeito, veja-se o exemplo:

Se tudo está desse jeito, eu não posso confiar!

A: *Tudo está desse jeito, não é?*

B: (concordância)

A: (então) *eu não posso confiar.*

Segundo a autora, "o falante A propõe uma questão e fica implícito o consentimento de B para a validade da sua proposição" (Moura Neves, op. cit., p.502). Desse modo, fica evidente que, antes da enunciação da construção condicional, os interlocutores já partilhavam a idéia de que "tudo está desse jeito" (desorganizado).

A partir desse raciocínio, o que a **oração condicional** anteposta apresenta, em geral, é uma parte do **conhecimento partilhado** entre o falante e o ouvinte, e, como tal, constitui uma base selecionada pelo falante para assentar a porção seguinte de seu **discurso**. (Moura Neves, 2000, p.834).

Quando aborda a questão das perguntas polares, Moura Neves (op. cit.) está abrindo caminho para se trabalhar com a inferência conversa²⁷. Veja-se um outro exemplo:

Se eu chegar às nove, a revista vai vender de novo, os anunciantes vão voltar, vai ser uma beleza!

A: *Eu vou chegar às nove?*

B: (Dúvida)

C: (Então): (No caso de concordância) *a revista vai vender de novo, os anunciantes vão voltar, vai ser uma beleza!*

²⁷ A questão da inferência conversa, suscitada pelas construções condicionais, será abordada novamente mais à frente, quando se farão outras considerações referentes à sua ocorrência nas seqüências discursivas selecionadas para este trabalho.

(No caso de discordância) a revista não vai vender de novo, os anunciantes não vão voltar, não vai ser uma beleza!

A partir do exemplo, entende-se que nem sempre o interlocutor acata a proposição do locutor, caso em que pode haver uma inversão de polaridade. Segundo a autora (Ibid., p.835), nesse caso, "o **tópico** não constitui algo que já tenha sido informado no **discurso**, mas constitui uma informação que resulta de um acordo que o falante solicita de seu ouvinte: a pergunta constitui um pedido para afirmação ou reconhecimento da existência do **tópico**." Diante da negação, tem-se, então, por parte do interlocutor, a apreensão de um outro enunciado sugerido pelo primeiro: "Se eu não chegar às nove, a revista não..."

Note-se que o consentimento do falante B ocorrido no primeiro exemplo é uma suposição do falante A, uma vez que este não tem como prever, de fato, a realidade do pensamento de seu interlocutor, ou seja, mesmo que se trate de algo que tenha sido realmente observado e partilhado por ambos, o interlocutor pode não pensar como o locutor, não concordando com ele. Sabe-se que a inferência conversiva é considerada um problema, pelo fato de trabalhar apenas com a noção de que p é condição suficiente e necessária para q , quando, na verdade, é apenas suficiente, ainda que não se possa esquecer que, na língua em uso, os falantes realizam a inferência conversiva nas construções condicionais. Sendo assim, entende-se que a inferência conversiva constitui um ponto de fuga quando não há um consentimento do interlocutor sobre o que esteja sendo assentado na proposição A. Isso mostra que nem sempre o conhecimento é totalmente partilhado entre os interlocutores.

Ducrot (1981) também se refere a conhecimento partilhado ao abordar as construções condicionais. Segundo o autor, nessas construções, há um determinado

conhecimento partilhado pelos interlocutores, responsável pelo funcionamento argumentativo do enunciado. Ducrot (1981, p.208) afirma que "um enunciado *B*, se *A* deixa entender geralmente que existe um acordo prévio dos interlocutores sobre o fato que *A* é favorável a *B*, ou, ao menos, não lhe é desfavorável".

Ao analisar a proposição condicional *se p, q*, Ducrot define-a como um ato de suposição em que o locutor pede ao interlocutor que aceite, por um breve momento, uma proposição *p*, para, imediatamente, assentar a proposição *q*. Segundo o autor,

uma proposição do tipo *se p, q* não tem como significação primeira "*p* é causa de *q*", nem "*p* é condição de *q*" (se bem possa indicar tais relações). Seu valor fundamental é permitir a realização de dois atos ilocucionais: 1°) pedir ao ouvinte que imagine "*p*"; 2°) introduzido o diálogo nesta situação imaginária, afirmar aí "*q*". (Ducrot, 1972, p.179).

Fazendo essa afirmação, Ducrot opõe-se à descrição semântica tradicional, originada na Lógica, segundo a qual o esquema *se p, q* aponta primeiramente a relação de causa ou condição. Além disso, ao postular, com base na Teoria dos Atos de Fala, que as proposições *p* e *q* compreendem dois atos ilocucionais independentes, o que sugere a independência da oração condicional da principal, pelo fato de a primeira ter força ilocucionária própria, o autor opõe-se à definição gramatical clássica, uma vez que esta aponta a total dependência da condicional à oração núcleo. Além disso, Ducrot define a conjunção *se* não apenas como um elemento que relaciona proposições, mas que também introduz um ato de suposição.

Ao analisar o funcionamento do *se* como marcador de suposição, Ducrot (1972) salienta a liberdade que é dada ao falante de aceitar ou não a proposição. Comparando a condicional à pressuposição, o autor mostra que, enquanto nesta o ouvinte é forçado a aceitar os pressupostos, naquela, "o ouvinte é claramente solicitado

a fazer uma hipótese, apresentada como hipótese e cuja eventual anulação, por isso mesmo, é visualizada no próprio momento em que o *se* é pronunciado" (Ducrot, op. cit., p.179).

Diante da afirmação de Ducrot de que a hipótese possa ser eventualmente anulada, é possível depreender-se a idéia de que a proposição introduzida por *se* é polifônica, uma vez que há uma outra voz, a qual aponta para uma perspectiva diferente da que esteja sendo apresentada pelo locutor. Veja-se como isso ocorre no seguinte exemplo:

Se você, leitor, deseja na verdade a salvação, não admita nenhuma ligação com o diabo.

A hipótese apresentada é a de que o leitor deseja a salvação, mas essa é apenas uma suposição feita por um locutor que fala de uma perspectiva cristã, podendo, assim, ser anulada se o interlocutor não partilhar desse mesmo ponto de vista. Dessa forma, ao enunciar-se *Se você, leitor, deseja na verdade a salvação*, está-se admitindo, nessa mesma hipótese, que o leitor possa não desejar a salvação. Sendo assim, ter-se-ia uma segunda voz dizendo "se você, leitor, não deseja a salvação ..."

Ducrot (1981) também faz referência, em seus estudos, ao fato de a construção *se A, B* poder ser interpretada não só como uma condição suficiente, mas também necessária. Nas construções *se A, B*, cuja interpretação corresponde a *A* implica *B*, há uma tendência a se fazer a implicação recíproca *B* implica *A*. Segundo o autor, isso ocorre devido à "lei da exaustividade", o que significa "interpretar toda afirmação restrita como a afirmação de uma restrição" (Ibid., p.210). Assim, ao se enunciar *se A, B*, está-se restringindo a afirmação de um fato a uma hipótese, mas esse fato pode perfeitamente ocorrer sem que esteja relacionado à suposição. Tendo em vista que há

uma tendência geral a se interpretar *se A, B* como uma implicação recíproca (inferência conversas), Ducrot sugere que o locutor insira, após a construção hipotética, um outro elemento lingüístico que negue a reciprocidade implicativa. O autor escreve que

aquele que afirma uma implicação, se não dá nenhuma precisão suplementar, dá a entender (tendo em vista a lei da exaustividade) que ele não pode negar a implicação recíproca – o que pode equivaler a aceitá-la. (...) Tendo dito *se A, B*, e querendo negar a implicação recíproca, a maneira mais natural de continuar é: Mas, mesmo se $\sim A$ (é possível) *B*. (Ducrot, 1981, p.212).

No que tange à conjunção *se*, Ducrot atenta para o fato de que ela pode ser empregada de duas formas: a padrão e a marginal. Na primeira, o *se* indica haver uma relação de verdade entre *p* e *q*, ou seja, *p* assegura a verdade de *q*. Já, na segunda, *p* não assegura a verdade de *q*, não havendo, portanto, uma relação de verdade entre as proposições, mas de conformidade entre *q* e as intenções discursivas. No emprego marginal, o que ocorre é a realização de dois atos de fala sucessivos, o que faz com que alguns lingüistas, como Geraldi (1978) e Sweetser (1990 apud Moura Neves, 2000) classifiquem esse tipo de construção como "dialógica" e como "condicionais de atos de fala", respectivamente. Outra diferença entre essas duas formas de emprego do *se* é que é na forma padrão que Ducrot admite ser possível a ocorrência da inferência conversas.

Geraldi (1978) também afirma que somente os enunciados implicativos admitem a inferência conversas. No entanto, analisando-se as construções condicionais presentes no *corpus* discursivo deste trabalho, chega-se à conclusão de que todas elas admitem a inferência conversas, e não só as implicativas. Vejam-se os seguintes exemplos:

O homem, por menor que seja, se crer no Senhor Jesus pode todas as coisas.

Conversa: *O homem, por menor que seja, se não crer no Senhor Jesus, não pode todas as coisas.*

Se você não está vivendo uma vida abundante, se está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais, é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-O em lugares errados, ou porque não quer se apossar da herança que lhe pertence.

Conversa: *Se você está vivendo uma vida abundante, se não está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais, é porque, além de não estar afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-O em lugares errados, quer se apossar da herança que lhe pertence.*

Convém salientar-se que, nesse segundo tipo de construção condicional, são poucos os casos em que a conversa é admitida, uma vez que o sentido dos enunciados fica muito restrito, ou ainda distorcido. Contudo, essa inferência é aqui possível justamente porque na ideologia religiosa da IURD, a prosperidade decorre do relacionamento que o sujeito tenha com Deus.

Se quer que sua vida seja mudada, deve se preocupar em praticar a Palavra de Deus .

Conversa: *Se não quer que sua vida seja mudada, não deve se preocupar em praticar a Palavra de Deus.*

Entende-se que a semântica formal não admita essa generalização quanto à inferência conversa, mas como, neste estudo, o que interessa é o uso efetivo da língua, incluindo as inferências e sentidos estabelecidos pelo interlocutor, tem-se que reconhecer que essa é uma inferência realizada pelos alocutários. Isso se comprova no

próprio dizer de um locutor quando este, percebendo a recusa do interlocutor às suas palavras, utiliza ele mesmo a forma inversa. Observe-se o exemplo:

A: *Se você quer ser feliz, não se case com Pedro.*

B: (não-aceitação)

A: *Se você não quer ser feliz, então se case com Pedro!*

Além disso, um outro motivo que faz com que se admita a inferência conversa na maioria das construções condicionais está nas palavras de Ducrot (1972), para quem, nessas construções, há uma hipótese sugerida ao interlocutor, a qual pode ser negada no próprio momento da enunciação, o que indicaria um caminho para levar o interlocutor a admitir a conversa. No entanto, é preciso ressaltar-se que, ao se dizer que a conversa pode ser admitida em qualquer uma das construções condicionais que serão analisadas neste trabalho, não se está dizendo que a inferência conversa constitua um raciocínio perfeito, uma vez que há a redução da abrangência e do sentido do enunciado, mas que essa é uma forma de raciocínio que ocorre com frequência e que não pode ser ignorada, pois há uma delimitação do sentido, o que favorece a coerção.

As construções condicionais selecionadas para serem estudadas no interior do discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus são de três tipos, conforme os exemplos utilizados para se abordar a questão da inferência conversa. O primeiro é o tipo implicativo,²⁸ em que aquilo que é expresso em *p* acarreta o que é expresso em *q*; o segundo é o tipo se-inversivo, pelo fato de abrigar uma inversão, ou seja, em vez de *q* conter a consequência do fato expresso em *p*, ele contém a causa. É preciso esclarecer-se que, embora esse tipo de ocorrência tenha se dado uma só vez em todo o *corpus*, não

²⁸ Entende-se aqui o termo *implicativo* no sentido de *acarretar* e não no de uma implicação lógica.

se poderia deixar de analisar o seu funcionamento discursivo. O terceiro tipo de condicional traz uma construção hipotética, pelo fato de que p não é favorável a q , mas é o motivo para que se diga q . A esse tipo de construção, optou-se por denominar *ordem condicional*, uma vez que a suposição feita em p (desejo) autoriza a ordem ou conselho assentado em q (comportamento estabelecido) e este, por sua vez, implica (acarreta) P (concretização do desejo), ou seja, a obediência à ordem é a condição para que o desejo se realize. Para que melhor se compreenda este último, observe-se o exemplo:

Se você leitor deseja na verdade a salvação, não admita nenhuma ligação com o diabo.

Analisando-se o enunciado anterior, percebe-se que a suposição feita na prótase (desejo de salvação) implica a ordem/sugestão de comportamento expressa na apódose (não admita nenhuma ligação com o diabo) e, por conseguinte, a ordem expressa na apódose, se for seguida, conforme a sugestão do locutor, implicará (acarretará) a **concretização** do desejo suposto na prótase (a salvação). O que marca ainda, normalmente, esse tipo de construção condicional é a presença, na prótase, de verbos volitivos (querer, desejar) e, na apódose, de indicadores modais como o verbo *dever* e a construção *ter de + infinitivo*, os quais indicam uma crença ou opinião do falante, e construções imperativas. Esses são, basicamente, os três tipos de construções condicionais encontrados no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, os quais, seja através da apresentação de um argumento p favorável a q , seja através da suposição de um fato p e do conhecimento de sua causa q ou, ainda, da apresentação de uma hipótese p que vem a autorizar a afirmação q , estariam contribuindo para a persuasão através desse discurso.

Para fins de análise, não se fará um estudo lingüístico dos enunciados condicionais, mas um estudo semântico-discursivo – aquele proposto por Pêcheux – em que se verificará a articulação entre o intra e o interdiscurso, ou seja, entre os processos semânticos e os sócio-históricos. O que será, então, focalizado no estudo das orações condicionais é o modo como se dá o encadeamento dos enunciados através do operador discursivo *se* ou equivalente, observando-se como ocorre, no nível intradiscursivo, a veiculação do interdiscurso. Para tanto, serão identificadas as filiações sócio-históricas e as diferentes posições de sujeito delas resultantes, com o fim de se mostrar como ocorre a inculcação da formação discursiva correspondente à Igreja Universal do Reino de Deus em seus fiéis.

2.2.1 Os enunciados condicionais e a Análise de Discurso

Como já foi visto, os enunciados condicionais tanto funcionam como argumentos favoráveis para assentarem a tese do locutor e, assim, contribuirão para a persuasão através do discurso, pois um enunciado da forma *se p, q* orienta, no sentido de *q*, o conteúdo colocado em *p*, como para, a partir de um conteúdo introduzido em *p*, assentarem um conteúdo através de *q*. No primeiro caso, o locutor expõe, ao interlocutor, um argumento *p* seguido de sua conclusão *q* e, no segundo, o locutor apresenta um motivo *p* para dizer *q*. De fato, em ambos os casos, o interlocutor é conduzido pelos meandros da formação discursiva do locutor, visto ser ela que veicula os saberes que constituem esse locutor como sujeito, sendo esses mesmos saberes que ele deseja inculcar em seu interlocutor. O argumento *p* apresentado pelo sujeito

comporta uma das suas filiações sócio-históricas²⁹, pois veicula um dizer compatível com sua formação ideológica. Em termos discursivos, pode-se dizer que, ao argumentar, o sujeito conduz, para o nível da formulação, o saber discursivo relacionado à sua historicidade, e é esse saber que garante o funcionamento da articulação entre o argumento e a conclusão nos enunciados condicionais.

Nos enunciados condicionais, tem-se a presença de heterogeneidade discursiva, indicando diferentes posições de sujeito, correspondentes a filiações sócio-históricas diversas. Ao utilizar o conector *se* na proposição "Se você, leitor, deseja na verdade a salvação...", o sujeito discursivo está admitindo uma segunda possibilidade: a de o leitor não desejar a salvação. Isso indica que ele está trabalhando nos limites de uma outra formação discursiva. Pode-se dizer, aqui, que esses diferentes posicionamentos do sujeito resultam do mecanismo discursivo chamado "antecipação", pois é justamente por situar-se no lugar do interlocutor, prevendo o que deverá ser dito e que efeitos de sentido isso trará, que o sujeito termina por experimentar uma posição diferente daquela por ele adotada.

Nos enunciados da forma *se p, q*, a segunda porção (apódose) mostra que o sujeito discursivo conhece o resultado daquilo que está sendo enunciado, sabe o que deve ser feito para que algo se realize e conhece a causa dos problemas verificados. No discurso religioso, isso é praticamente determinante para o sucesso da argumentação, uma vez que, devido à "relação de forças" que envolve esse processo discursivo, o dizer do pastor/bispo é aceito em virtude da autoridade desses sujeitos sobre os fiéis. O poder exercido pelo sujeito discursivo através das condicionais evidencia-se também pelo fato

²⁹ Cabe lembrar-se que o discurso é atravessado por diversas formações discursivas, embora uma seja a dominante, o que lhe dá o caráter de homogeneidade. A identificação do sujeito com essas diferentes FDs é o que caracteriza a sua heterogeneidade ideológica.

de que "a oração condicional sozinha apresenta um leque de possibilidades de complementação" (Nóbrega, 2001, p.70), o que constituiria uma possibilidade de o interlocutor dar continuidade à idéia (apesar de lhe estarem sendo impostos saberes referentes a uma determinada formação discursiva, que pode ser diferente da sua). No entanto, isso não acontece, ficando o preenchimento das hipóteses recalcado na imaginação do interlocutor, suplantado pela conclusão "sábua" do líder religioso, que, assim, vai dirigindo toda a argumentação.

É, pois, a partir da análise dos enunciados condicionais que se procurará mostrar como se dá a veiculação dos saberes discursivos referentes à ideologia religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus, cujo poder de persuasão é tão intenso sobre os fiéis.

3 INTRODUÇÃO À ANÁLISE

3.1 Algumas considerações sobre Análise de Discurso

A estratégia de análise adotada neste trabalho visa a corresponder às perspectivas teórica e metodológica da Análise de Discurso (AD), a qual considera a não-transparência da linguagem, a produção de sentidos através da relação língua-história e o sujeito afetado pelo inconsciente e pela ideologia. A AD tem por objetivo investigar o funcionamento da linguagem para a produção de sentidos, compreendendo a manifestação da ideologia através da língua e a materialização da língua no discurso. Sendo, pois, na língua que se revela a ideologia, é na língua que se dá a possibilidade de funcionamento do discurso. Conforme Orlandi (1999), é importante que não se entenda discurso apenas como transmissão de informações, visto que há, nele, a constituição de sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, ou seja, o discurso é "efeito de sentido entre locutores" (Ibid., p.21). É importante salientar-se que, ao investigar o sentido, a AD não objetiva encontrar um sentido único e legítimo, mas o modo como ele é produzido por sujeitos e para sujeitos. Cabe, então, ao analista de discurso, identificar, no interior do discurso do sujeito, as formações discursivas e ideológicas para, a partir daí, compreender o sentido, uma vez que não existe sentido em sua literalidade, pois ele é dependente de formações ideológicas. Com relação a esse aspecto, diz Pêcheux:

... o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas). (Pêcheux, 1997a, p.160).

O autor diz ainda que:

...todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro... (Pêcheux, 1997c, p.53).

A análise discursiva compreende dois níveis, o interdiscursivo e o intradiscursivo. O primeiro corresponde ao saber que um sujeito possui, originado dos dizeres de outros sujeitos, apagando-se na memória e passando, então, a fazer sentido no dizer desse sujeito. O segundo nível, compreende a formulação do já-dito, ou seja, a materialização (lingüística) dos saberes do interdiscurso. É nesse nível que o analista examina as famílias parafrásticas, relacionando o que foi dito ao que não foi dito e, ainda, ao que poderia ser dito na veiculação do pré-construído, levando em conta o esquecimento nº 2, este responsável pela ilusão do sujeito de ser o dono do dizer. Essa ilusão deve-se ao fato de que o sujeito "seleciona", no interior da formação discursiva que o domina, seqüências que melhor expressem sua formação ideológica, entendendo só haver um modo de formular o seu dizer. Vale ressaltar-se novamente que, além do esquecimento nº 2, o sujeito é afetado, antes, pelo esquecimento nº 1 (sujeito fonte do dizer).

Na Análise de Discurso, é preciso levarem-se em conta as condições de produção do dizer, analisando-se o lugar social ocupado por quem diz, o modo como algo é dito e em que circunstâncias.

Quando as condições de produção do discurso não são levadas em consideração, a análise não se mostra capaz de explicar o funcionamento discursivo, apontando para um discurso sem memória, em que a contradição entre as várias Fs.Ds. que ali se entrecruzam fica apagada. (Lagazzi, 1988, p.56)

Esse cruzamento contraditório de formações discursivas em um mesmo discurso caracteriza o que Orlandi & Guimarães (1988) denominam "dispersão do sujeito", uma vez que, para a AD, o sujeito discursivo não é uno, chegando a apresentar várias posições enunciativas dentro do discurso. Essas diferentes posições não são, na maioria das vezes, percebidas pelo sujeito, dando-se de modo inconsciente, além de serem por ele mesmo ocultadas, também inconscientemente, através do "projeto totalizante" (Orlandi & Guimarães, op. cit.), o qual, ao equilibrar as diferentes vozes que emergem no discurso, faz com que este pareça uno e coerente. O analista de discurso deve, então, entender a relação do sujeito com sua historicidade – sem deixar de apreender os veios ideológicos por onde este se dispersa –, remetendo o dizer desse sujeito a uma formação discursiva, desvelando os sentidos que dela emergem.

3.2 Metodologia

A análise que virá a seguir constará de um estudo inter e intradiscursivo das seqüências discursivas recortadas do *corpus* empírico formado por textos dos bispos da Igreja Universal do Reino de Deus. A seleção do material empírico, que teve a duração de 18 meses, foi feita a partir de artigos do *site* oficial da Igreja, do *site* pessoal do bispo Edir Macedo, de livros escritos pelo bispo Macedo, do jornal *Folha Universal* e do programa *Ponto de Luz*, veiculado no canal de televisão *Rede Mulher*. O *corpus* deste

trabalho é composto por 44 seqüências discursivas, compreendendo enunciados condicionais, selecionadas dos 30 textos coletados, das quais serão analisadas 16.

Das seqüências analisadas, 50% são do bispo Edir Macedo, o fundador e principal líder da IURD. Essa predominância de seqüências discursivas do bispo Macedo no *corpus* do trabalho não decorreu de uma escolha propositada, mas de uma imposição que se apresentou a partir do próprio material recolhido, uma vez que a maioria dos textos a que se teve acesso são desse sujeito. Não há um jornal ou revista da Igreja Universal que não contenha artigo(s) do bispo, a grande maioria dos livros editados pela Gráfica Universal são dele, o *site* oficial da Igreja traz artigos e mensagens suas em destaque; além disso, ele é o único bispo da IURD que possui um *site* pessoal. Sendo assim, o *corpus* deste trabalho reflete uma realidade que mostra a supremacia de Edir Macedo sobre os demais líderes religiosos da Igreja Universal, além de evidenciar a grande voz que nela impera.

Antes de estabelecerem-se as estratégias de análise adotadas no presente trabalho, faz-se necessário um importante esclarecimento a respeito da construção do dispositivo analítico na AD, que, diferentemente das outras áreas de estudo da Lingüística, não segue uma metodologia previamente definida. Assim, esse dispositivo não se apresenta construído de antemão para o analista, devendo ser por este concebido a partir do seu objetivo em face do *corpus* selecionado para o trabalho. Conforme Orlandi (1999), o dispositivo teórico da AD é o mesmo para todo analista de discurso, porém o dispositivo analítico é particular a cada um, sendo diferentes, também, os conceitos por ele mobilizados. Seja qual for o dispositivo de análise construído pelo analista, este tem que ser capaz de desvelar o sentido a que se filie um sujeito afetado

pelo inconsciente e pela ideologia, ou seja, a relação do sujeito com sua memória para a produção do sentido. Segundo Pêcheux:

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (Pêcheux, 1997, p.53).

Explicitada a singularidade do dispositivo analítico da AD, expor-se-ão, a seguir, as estratégias de análise adotadas para o estudo do *corpus* empírico deste trabalho.

O passo inicial a ser tomado para a análise das seqüências discursivas compreende a de-sintagmatização do enunciado condicional, e assim, primeiramente, far-se-á a de-sintagmatização lingüística, trabalhando-se no nível da formulação, analisando-se a ocorrência de famílias parafrásticas, e, a seguir, a de-sintagmatização discursiva, através da qual remeter-se-á o discurso às formações discursivas e, conseqüentemente, aos fatores a elas relacionados. Nesse sentido, assinala-se que, para Pêcheux,

a de-sintagmatização lingüística (ou ainda: de-superficialização) remete à existência material da língua, caracterizada pela estrutura não-linear dos mecanismos sintáticos e mais profundamente por tudo aquilo sobre o que se exerce o "esquecimento n° 2"; quanto à de-sintagmatização discursiva, ela só pode começar a efetuar esta escalada além do "esquecimento n° 1" apoiando-se na operação lingüística que acabamos de mencionar. (Pêcheux, 1997b, p.180).

Acrescenta-se às palavras de Pêcheux, as de Indursky, para quem:

"Para analisar a superfície lingüística de um discurso, faz-se necessário examinar os mecanismos sintáticos e o funcionamento enunciativo em questão, de-superficializando esses mecanismos e buscando estabelecer suas *famílias parafrásticas* para estabelecer suas matizes de sentido. Somente após essa etapa, é possível buscar a de-sintagmatização discursiva, com vistas a atingir o processo discursivo que lhe subjaz e, através dele, a FD que afeta o sujeito do discurso." (Indursky, 1997, p.33).

Na deslinearização do enunciado condicional, serão identificadas as seqüências *p* (prótase) e *q* (apódose), indicando-se como ou através de qual dessas porções dá-se a veiculação da FD dominante e o processo de coerção. Num segundo momento, será analisado o elemento intradiscursivo *se* (ou equivalentes) que estabelece a relação condicionante entre as duas orações, bem como as diferentes posições de sujeito, manifestadas por esse mesmo elemento intradiscursivo ou por outros que componham as seqüências discursivas analisadas.

Por fim, far-se-á a classificação, em grupos, das seqüências discursivas, de acordo com o tema a que estejam relacionadas, para se conferir como se dão, a partir dele, a formulação do enunciado e a ocorrência dos demais aspectos analisados.

3.3 Investigação do *corpus*

Estando-se diante do *corpus* selecionado abrangendo o discurso correspondente à Igreja Universal do Reino de Deus e levando-se em conta os principais aspectos abordados pela AD, os quais vêm à tona no momento em que se focalizam as atenções para um determinado *corpus* discursivo, fazem-se alguns questionamentos com o fim de se orientar a pesquisa desenvolvida neste trabalho.

Tendo-se em vista que o interdiscurso, enquanto memória discursiva, diz respeito ao conjunto de saberes que antecedem o sujeito, busca-se, então, investigar de

que forma ele contribui para aumentar o poder coercitivo do discurso religioso da IURD. Considerando-se, ainda, que o interdiscurso manifesta-se no intradiscurso (formulação) e que neste há a presença de construções condicionais, questiona-se, nesse caso, como funciona a condicionalidade no sentido de tornar o discurso em questão tão persuasivo. A partir disso, procura-se investigar qual a relação entre a condicionalidade no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus e a inculcação de saberes referentes à FD que lhe corresponde. Por fim, sabendo-se que as formações discursivas, às quais o sujeito se inscreve, regulam o dizer no interior da formação ideológica e que esse sujeito caracteriza-se por ser "ideologicamente heterogêneo", pretende-se saber de que modo emergem, no discurso da IURD, as diferentes posições de sujeito, identificadas pelas distintas filiações sócio-históricas.

Pretende-se, pois, com tais questionamentos, verificar como ocorre a persuasão no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus a partir da relação entre o intra e o interdiscurso, mostrando-se, assim, de que forma o processo de condicionalidade, através da memória discursiva, atinge o interlocutor, garantindo o poder coercitivo desse discurso.

4 ANÁLISE

Neste capítulo, far-se-á a análise das seqüências discursivas selecionadas, com base nos procedimentos metodológicos determinados anteriormente. Procurar-se-á mostrar como se dá a constituição do sentido e, por conseguinte, a interpelação ideológica, através do cruzamento dos eixos inter e intradiscursivo. Em outras palavras, pretende-se apontar de que forma os já-ditos, os pré-construídos, fazem-se presentes, intervindo na formulação.

Passa-se, agora, para a análise dos oito grupos de SDs referentes ao discurso religioso da IURD.

4.1 A possessão

SD1

Movidos por uma inveja muito grande pelos seres humanos, que foram criados menores que eles e acabaram por tomar suas posições, os demônios desencadeiam uma feroz luta contra os homens desejando aproveitar-se destes e levá-los à destruição, a fim de cumprirem seus intentos malignos, o que, quase sempre, implica em um total afastamento de Deus, e à conseqüente submissão a eles.

Graças a Deus por Jesus Cristo, que venceu a potestade maligna e nos dá condições para fazermos o mesmo através do Seu poderoso nome! *Aqueles que rejeitam a soberania do Senhor Jesus são presas fáceis para os espíritos demoníacos; aqueles que rejeitam o amor de Deus estão aceitando indiretamente o ódio dos espíritos revoltados; aqueles que não estão servindo a Deus como templos do Espírito Santo estão à mercê dos demônios.* (Macedo, 1998a, p.35) (Grifo nosso)

SD2

Saiba que o diabo nunca se dará por satisfeito ao perder uma batalha; ele procurará sempre se reabilitar e essa é uma das principais razões pelas quais *aquele que deseja uma libertação completa não pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja.* (Igreja Universal do Reino de Deus, 2000, p.2) (Grifo nosso)

Essas duas seqüências abordam um dos temas fortemente tratados nas reuniões da IURD, que é o da possessão demoníaca. Como já foi visto anteriormente, o maior inimigo dos neopentecostais iurdianos é o Diabo, o qual, ao mesmo tempo em que se apresenta, para os indivíduos, como um vilão destruidor, serve, aos líderes da Igreja, como um pilar de sustentação da ideologia religiosa iurdiana. Nesse sentido, a interpelação ideológica da IURD, atingida através do seu discurso, dá-se justamente pelo fato de esta trazer, para o eixo da formulação, aquilo que faz parte do pré-construído e que emerge no discurso, fazendo sentido. Desde o surgimento do cristianismo, os sujeitos temem o Diabo, por entenderem que ele pode afastá-los do caminho da salvação. Já os neopentecostais temem-no por crerem que ele é capaz de destruir suas vidas e, como conhecem as próprias limitações, o que indica que, sozinhos, não podem vencê-lo, optam por se aliar a quem consideram mais forte, por Sua força sobrenatural, sendo, portanto, o único capaz de vencê-lo: Deus. Percebe-se, então, haver um desvio de sentido da palavra "diabo" da FD cristã para a FD neopentecostal, pois essa palavra significa de modo diferente para os dois tipos de sujeitos: para os cristãos tradicionais, o Diabo é um inimigo em potencial; para os neopentecostais, um inimigo real e ativo. No entanto, todos esses sujeitos buscam a proteção divina contra o adversário, o que resulta na postura antitética, segundo a qual ou se está com Deus, ou se está com o Diabo, esta muito bem enfatizada na SD1. Pensa-se, então, que é por isso que a Igreja Universal ergueu a bandeira de luta contra os demônios, dizendo-se representante "legítima" de Deus, pois assim todos aqueles saberes a respeito de Deus e do Diabo que antecedem o sujeito passam a funcionar ali, fazendo com que esse sujeito, temendo cair nas garras dos demônios, opte por cair nos braços de Deus através da igreja que se diz a única capaz de, em nome Dele, vencer Satanás. Dessa forma, para

convencer os sujeitos da importância de frequentarem a IURD, o sujeito discursivo recorre, em seu discurso, à questão da ameaça demoníaca, que é o receio dos cristãos e o maior temor dos crentes iurdianos.

Observando-se as duas seqüências discursivas, percebe-se que ambas compreendem orações subordinadas adjetivas restritivas ("aqueles que rejeitam", "aqueles que não estão servindo a Deus" e "aquele que deseja"), as quais funcionam delimitando um subgrupo (aqueles) dentro de um grande grupo (todos os sujeitos). A gramática clássica atribui, à oração restritiva, uma função referencial em que o antecedente depende da relativa, sendo o objeto do discurso constituído exteriormente ao discurso. Sendo assim, Henry (1990) afirma que, nesse tipo de construção, há efeitos sintáticos e semânticos³⁰, sendo que, nos semânticos, entram em funcionamento os pré-construídos.

Ao fazer uma restrição entre os sujeitos através da oração restritiva, o sujeito discursivo oscila entre duas posições ideológicas (aqueles que rejeitam x aqueles que não rejeitam / aqueles que não estão servindo x aqueles que estão servindo / aquele que deseja x aquele que não deseja). Essa dupla possibilidade viabilizada pela oração adjetiva restritiva (aquele que X / aquele que ~X) dá-se justamente pelo fato de que, quando se faz uma restrição a um ser, está-se atribuindo a ele determinadas características ou ações que parecem negadas ao restante do grupo a que esse ser pertença. Na SD1, tem-se, então, um sujeito que partilha da ideologia religiosa iurdiana, mas que, ao formular o seu enunciado, o faz da perspectiva de uma FD diferente da sua, pois admite a possibilidade de que um indivíduo rejeite o Senhor Jesus. Porém, o sujeito

³⁰ Entenda-se, aqui, efeito semântico-discursivo.

que age dessa maneira não está negando a sua formação, mas utilizando-se do "mecanismo de antecipação" por imaginar que seu ou seus interlocutores possam não estar filiados à sua FD e, portanto, não partilhar dos saberes a ela correspondentes. Contudo, é preciso dizer-se que, apesar de o sujeito apresentar uma posição diversa de sua FD, aquela que o determina também está presente: é um não-dito que está significando, pois, ao dizer "aqueles que rejeitam" e "aqueles que não estão servindo", o sujeito admite um outro enunciado que não foi dito, mas que significa que é "aqueles que não rejeitam" e "aqueles que estão servindo".

Estando o sujeito discursivo filiado a uma rede de sentidos que o antecedem e que funcionam no seu discurso, é necessário frisar-se o fato de que embora, na primeira parte do enunciado, ele tenha apresentado uma posição diferente daquela que lhe é determinante, a sua conclusão é compatível com o seu saber, com a sua FD, e não com a do interlocutor. Se assim não o fosse, os enunciados poderiam ser do tipo *Aqueles que rejeitam a soberania do Senhor Jesus não serão presas fáceis para os espíritos demoníacos / Aqueles que rejeitam o amor de Deus não estão aceitando indiretamente o ódio dos espíritos revoltados / Aqueles que não estão servindo a Deus como templos do Espírito Santo não estão à mercê dos demônios*, ou, ainda, apresentariam qualquer outra conclusão que não relacionasse rejeição e não-submissão a Deus a intervenções demoníacas. Cabe, então, recordar-se o que escreve Nóbrega (2001) a respeito do leque de possibilidades aberto pela oração condicional, neste caso, a oração restritiva, o que permitiria, ao interlocutor, preencher a conclusão imaginariamente, de acordo com sua filiação sócio-histórica. No entanto, isso não ocorre, pelo fato de o sujeito discursivo preenchê-la ele mesmo, orientando argumentativamente o discurso para a sua formação discursiva. Aqui procede retomar-se o que foi dito no segundo capítulo deste trabalho

acerca do ato de argumentar, o qual objetiva reforçar ou modificar um posicionamento. Então, no intradiscurso, ao falar de uma posição enunciativa correspondente à sua filiação sócio-histórica, o sujeito discursivo imagina que o ouvinte já partilhe dos saberes referentes a ela ou que esteja disposto a partilhá-los e, por isso, o que faz é reforçar esses saberes. Já ao apresentar uma posição enunciativa diferente da sua, está supondo que o interlocutor possa ser seu adversário ideológico e, assim, dirige a argumentação, tentando convencê-lo a aceitar a sua formação discursiva e a agir segundo ela. Além disso, dessa forma ele mostra aos interlocutores que partilham da sua FD, o que acontece àqueles que dela não compartilham, funcionando isso como uma advertência.

Com a posição enunciativa 2, ter-se-ia um enunciado mais ou menos assim: *Aqueles que não rejeitam a soberania do senhor Jesus não são presas fáceis para os espíritos demoníacos.* Dessa forma, seja qual for a posição enunciativa apresentada pelo sujeito, ele mesmo concluirá o enunciado, fazendo prevalecer os saberes de sua FD, pois, ainda que admita o fato de alguém rejeitar Jesus, ele termina sempre mostrando que as conseqüências desse ato serão desagradáveis.

Na SD2, também há um deslizamento do sujeito discursivo entre duas FDs, pois, ao enunciar "aquele que deseja uma libertação completa", ele admite um segundo enunciado, "aquele que não deseja uma libertação completa", o qual, ainda que oculto, está significando. Nesse enunciado, ocorre um processo diferente daquele verificado na SD1, pois aqui o sujeito do discurso não veicula propositadamente, em primeiro plano, os saberes contrários à sua FD, mas admite-os, trazendo-os ancorados em seu dizer. É importante salientar-se ainda outra diferença entre os enunciados da SD1 e o da SD2, pois aqueles, a partir de uma conduta do sujeito, mostram a conseqüência, enquanto

este, a partir de um desejo do sujeito, aponta a conduta que por ele deva ser adotada. Isso faz com que nos primeiros enunciados, apesar de apresentar duas posições enunciativas no discurso, o sujeito discursivo oriente as duas possibilidades com base nos saberes de sua FD, enquanto que, no último (SD2), ele não tenha o mesmo controle para manter esses saberes também na conclusão das duas possibilidades. Observa-se que o que esse sujeito faz é impor uma conduta ao sujeito que deseje algo ou desobrigar aquele que não o deseje. Sendo assim, a partir da posição enunciativa 1 "aquele que deseja uma libertação completa" e de sua conclusão "não pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja", tem-se a posição enunciativa 2 "aquele que não deseja uma libertação completa" e a respectiva conclusão "pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja".

Ainda em relação às duas posições enunciativas ocorridas nas SDs 1 e 2, cabe dizer-se que, na posição correspondente a uma FD diversa da do sujeito do discurso, há também a presença de heterogeneidade discursiva, pois, embora esse sujeito admita que seu interlocutor tenha uma formação totalmente diferente da sua, através do enunciado "aqueles que rejeitam a soberania do Senhor Jesus" e do enunciado oculto "aquele que não deseja uma libertação completa", aí também são veiculados pré-construídos, na forma de saberes ideológicos dizendo que "a soberania do Senhor Jesus deve ser aceita" e que "a libertação deve ser desejada". Sendo assim, ao mesmo tempo em que o sujeito discursivo "simula" aceitar a formação discursiva do interlocutor, impõe a sua. Constata-se ainda que, nesses casos, em nenhum momento, o sujeito admite completamente o saber ideológico que constitui o seu interlocutor. O que ele faz é simular uma aceitação para, mais uma vez, reforçar os saberes inerentes à sua

formação discursiva e, assim, forjando uma certa liberdade ao interlocutor, ele o vai envolvendo em sua teia ideológica.

Na SD1, ocorrem orações restritivas que, na realidade, têm funcionamento condicional do tipo “implicativo” e, na SD2, verificam-se orações restritivas com funcionamento "ordem condicional". A proposição "aqueles que rejeitam a soberania do senhor Jesus", que é restritiva, determina um subgrupo (aqueles) dentro de um grupo (todos os sujeitos). Aqui começa o processo de interpelação do sujeito, pelo fato de o interlocutor sentir-se chamado a colocar-se em um dos grupos. Assim, as formas indeterminadas referentes às orações restritivas funcionam interpelando o sujeito, ou, como diz Pêcheux (1997), chamando esse sujeito a ocupar o seu lugar. As orações restritivas do tipo "aquele(s) que" correspondem às orações condicionais, tanto por exprimirem semanticamente uma condição, como por poderem ser construídas sintaticamente da seguinte forma:

Se alguém rejeita a soberania do Senhor Jesus, é presa fácil para os espíritos demoníacos.

Se alguém deseja uma libertação completa, não pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja.

Pelo exposto, as orações restritivas e as condicionais formam, no discurso, famílias parafrásticas, veiculando o mesmo conteúdo, porém com efeitos de sentido diferentes, pois, em função do esquecimento nº2, o sujeito discursivo seleciona, inconscientemente, uma dessas formas como aquela que melhor "expressa" o seu pensamento. Logo, essa escolha entre um modo ou outro de formular o intradiscurso é decorrente da formação discursiva do sujeito. Sendo assim, analisando-se esses dois tipos de construções, percebe-se que, na restritiva, ao dizer "aquele que", o sujeito está

não só interpelando alguém e mostrando-lhe a consequência de seus atos ou dizendo-lhe como deva agir, mas também afirmando, aos outros sujeitos, que há quem pense ou aja do modo a que ele se refere. Além disso, esses sujeitos citados pelo sujeito discursivo servem de exemplos aos outros sujeitos, pois, mesmo que estes se encaixem no outro grupo, ficam imaginando como é a situação daqueles citados pelo bispo. Se os exemplos são de sujeitos que não partilham da ideologia iurdiana, o efeito é assustador, mas, se são de sujeitos que aderiram a tal ideologia, o resultado é de estímulo. No entanto, quando se trata de restritivas cuja condicionalidade expressa é do tipo "ordem condicional", os sujeitos que não se sentem interpelados por essa ideologia religiosa apenas tomam conhecimento de como o outro deve agir para viver em conformidade com as leis de Deus e da Igreja, o que também não deixa de ser um exemplo para o caso de virem, mais tarde, a se identificar com o grupo citado pelo líder religioso. Já no enunciado condicional, ao dizer "se alguém", o sujeito discursivo não está afirmando que exista alguém que haja ou pense de tal forma, mas supondo que isso possa estar acontecendo e, então, mostrando as implicações de tais pensamentos ou ações. Como o que está em primeiro plano é uma suposição, os sujeitos não-interpelados não vivenciam imaginariamente a situação concreta daqueles aos quais se refere o bispo, como ocorre com as restritivas. No primeiro caso, os sujeitos tomavam conhecimento, através da **afirmação** de que, naquele momento, alguém estava vivendo aquela situação, o que lhes permitia colocarem-se no lugar do outro, enquanto que aqui a presença do conector "se" faz com que tal situação constitua apenas uma **hipótese**, o que indica que possa não estar ocorrendo o que o bispo falou. Sendo assim, entende-se que, nesses casos, a construção restritiva é mais coercitiva que a condicional.

Observando-se, ainda, os dois tipos de construções condicionais (implicativas e ordem condicional) que funcionam nessas duas SDs, percebe-se que as três construções da SD1 são do tipo implicativo, expressando uma relação semântica³¹ fato/conseqüência, ou seja, o fato manifesto na proposição condicional tem sua conseqüência expressa na proposição seguinte. Já a construção da SD2 é do tipo "ordem condicional", expressando uma relação fato/conclusão, o que significa que o fato citado na primeira proposição (desejo) tem sua conclusão (ordem de comportamento) expressa na segunda. Nas construções condicionais que envolvem fato/conseqüência, em que o fato corresponde a uma ação ou comportamento do sujeito, a proposição condicional pode ser parafraseada por uma construção imperativa. Desse modo, em vez de dizer "aqueles que rejeitam a soberania do Senhor Jesus são presas fáceis para os espíritos demoníacos", o sujeito discursivo poderia dizer somente "não rejeitem a soberania do Senhor Jesus". No entanto, usando apenas a forma imperativa, estaria dizendo o que o seu interlocutor deve fazer, mas não estaria especificando por que motivo, ao contrário do que ocorre na construção condicional, em que ele mostra, a esse sujeito, a conseqüência de tomar tal atitude, o que reforça a argumentação, tornando o enunciado mais persuasivo. É importante frisar-se que o sujeito não faz essa escolha entre formular um enunciado imperativo ou um condicional de forma consciente, mas inconscientemente, em função do esquecimento nº 2.

As construções que expressam uma relação de condicionalidade contribuem para o aumento da persuasão do discurso também pelo fato de que os argumentos são proferidos por alguém que detém um certo poder diante do interlocutor. Em outras palavras, "o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz" (Orlandi,

³¹ Neste caso, as relações semânticas constituem relações semântico-lingüísticas, ou seja, puramente no nível lingüístico, e não de relações semântico-discursivas, as quais dizem respeito à materialidade discursiva.

1999, p.39). Assim, na SD1, o sujeito discursivo, que sabe das coisas, mostra o que acontece ao sujeito que tenha determinada conduta. Já na SD2, ao dizer "aquele que deseja uma libertação completa não pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja", o guia espiritual diz o que deve fazer o sujeito que deseja a libertação, ou seja, a partir da ameaça da possessão demoníaca, induz o sujeito a freqüentar o templo, pois seu objetivo é atingir o fiel real e não o fiel virtual. A primeira seqüência é do tipo implicativo, ou seja, p implica q , enquanto que a segunda envolve uma "ordem condicional", em que um desejo requer um comportamento (ordenado pelo sujeito discursivo), e tal comportamento implica (acarreta) a realização do desejo. Ao fazer referência ao desejo, o sujeito discursivo vale-se de algo que já foi atestado pela Psicanálise, ou seja, do fato de que o homem é um ser desejante. Esse desejar tem sua expressão máxima no desejo de Deus, pois o homem, sabendo ser fraco, imperfeito e mortal, passa a almejar a transcendência. É, pois, na igreja, que esse sujeito encontra a possibilidade de transcender, de tornar-se forte e de ser imortal, pois os líderes religiosos pregam que todos aqueles que crêem em Jesus Cristo serão salvos, o que significa que terão vida eterna e vida plena neste mundo. Pode-se dizer que todos os desejos que envolvem o sujeito religioso, como o da libertação (dos demônios), da salvação, da resolução de todos os problemas e de servir a Deus, resumem-se num: o desejo de Deus.

4.2 A fé

SD3

O homem, por menor que seja, se crer no Senhor Jesus Cristo pode todas as coisas. Os demônios, por maiores que sejam, nada podem para quem tem Jesus. (Macedo, 1998a, p.40-41) (Grifo nosso)

SD4

A fé não pode ficar apenas na teoria; dizer que se crê em Deus pura e simplesmente não evidencia de fato a fé. Há algo mais que se tem de fazer para essa fé ficar caracterizada, uma vez que a fé sem obras é morta.

A Bíblia mostra que os heróis da fé fizeram sacrifícios em razão da crença que tinham no coração. (...)

Ninguém, em sã consciência, pode duvidar da atitude de fé de Abraão, porque ele teve que caminhar três dias consecutivos, com Isaque, até o monte determinado por Deus para o sacrifício do filho. Essa longa caminhada caracterizou sua fé consciente.

Quando a fé não é usada com inteligência, então ela se torna cega, e uma fé cega jamais pode trazer benefícios; pelo contrário, a pessoa passa a ser escrava da religião que professa.

A fé cega tem conduzido as pessoas aos desequilíbrios emocionais, tais como as paixões religiosas, os entusiasmos e sentimentos enganosos, provocando afinal as decepções com a própria fé. Daí a razão por que tanta gente crê em Deus e vive uma vida nos limites da miséria e do fracasso. (Macedo, 2000b, p.1) (Grifo nosso)

As SDs 3 e 4 abordam a questão da fé, esta bastante enfatizada na Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo os pregadores, é somente através da fé que os sujeitos religiosos poderão realizar os seus desejos, ou melhor, ter os seus pedidos atendidos e ter poder diante das forças demoníacas. No entanto, é constantemente frisado, ao crente, que não basta se dizer que se tem fé, mas que se deve provar a Deus sua intensidade através de atitudes. Como exemplo, é citada a prova que Abraão deu de sua fé, ao oferecer seu filho para sacrifício, o que faz com que os fiéis sigam o mesmo exemplo, não medindo esforços para provarem sua fé em Deus. A fim de reforçar esse ensinamento, o bispo utiliza a frase bíblica "a fé sem obras é morta". No entanto, o significado dessa máxima cristã tem seu sentido desviado pelos líderes iurdianos, pois,

segundo o relato do Novo Testamento, ao dizer tais palavras, Tiago (2:26) referia-se a obras como caridade, perdão, dedicação, enfim, a todas aquelas atitudes que Jesus teria ensinado aos Seus seguidores como fundamentais a todo cristão. Porém, no discurso da IURD, percebe-se um deslizamento de sentido da FD cristã, passando a palavra "obra" a significar doação, oferta. Isso ocorre porque, às palavras, são atribuídos sentidos em função da formação discursiva dos sujeitos envolvidos no processo interlocutivo. Assim, embora a IURD pratique atos de caridade, principalmente através dos obreiros, e fique subentendido, em seu discurso, que o fiel deva seguir os ensinamentos de Cristo, o que é enfatizado, como obra obrigatória para que os fiéis comprovem sua fé, é a oferta. Dessa forma, a contribuição financeira é destacada a todo instante, no culto, em detrimento dos ensinamentos de Jesus, ainda que estes sejam mencionados em alguns momentos. Os insistentes pedidos de doações chegam a constranger aqueles que não dispõem da quantia imposta.

Na SD3, diferentemente das duas seqüências discursivas analisadas anteriormente, o enunciado não começa com a oração condicional, mas com uma construção concessiva: "o homem, por menor que seja, (...) / será salvo". Essas orações caracterizam-se por possuírem um significado contrário ao esperado, o que, nesse caso, seria o de supor-se que, por ser pequeno, o homem não poderia nada, e ver-se que, no entanto, crendo em Deus, ele pode tudo. Segundo Ducrot (1981), as construções do tipo *A* embora *B* fazem pressupor que *B* seja um obstáculo para *A*, e sendo assim, nesse caso, ser pequeno seria um obstáculo para alcançar a salvação. Tem-se, então, no intradiscorso, a presença de um pré-construído, segundo o qual, aos menores, não são proporcionadas vitórias. Convém salientar-se que o termo "menores" aporta, consigo, toda uma carga de inferioridade que afeta uma grande parcela dos indivíduos, relativa a

categorias como posição social, escolaridade, condições de saúde, entre outras. Sendo assim, aqueles que se julgam os "menores" e, portanto, fadados ao fracasso, podem alcançar a vitória, desde que creiam, ou seja, que tenham fé no Senhor Jesus. A amplitude do poder que o fiel alcançará tendo fé em Jesus é realçada pelo uso do modalizador "todas" em "pode *todas* as coisas", o que vai ao encontro do desejo do sujeito de atingir a transcendência através da onipotência, além de realizar seus desejos de ordem material e espiritual. É, pois, aí que entra a oração condicional.

Segundo Guimarães (2001), no enunciado concessivo, o sujeito discursivo apresenta uma dupla perspectiva enunciativa, uma através da qual diz A, que é a que se faz valer no discurso, e outra da qual diz B, que é a perspectiva que não prevalece. Portanto, no âmbito da AD, pode-se dizer que, ao enunciar B (por menor que seja), o sujeito faz emergir, em seu discurso, um saber referente ao senso comum, mas, ao mesmo tempo, enunciando A (poder todas as coisas), nega-o, fazendo valer um saber de sua formação discursiva, dirigindo assim a argumentação.

Analisando-se a construção condicional "se crer no Senhor Jesus, pode todas as coisas", tem-se uma proposição que se refere à conduta do sujeito e uma conclusão que encerra a consequência dessa conduta. Tais proposições relacionam-se entre si através do conector *se*, o qual marca uma suposição, e sendo que o ato de suposição admite, ao mesmo tempo, uma possibilidade e sua "eventual negação", a proposição iniciada por *se* passa a admitir duas possibilidades. Percebe-se, assim, na primeira proposição, uma oscilação da posição do sujeito, que desliza entre duas FDs (crer e não crer no Senhor Jesus), mas cuja conclusão é compatível com os saberes da FD que o determina, ou seja, aquele que crê pode todas as coisas, enquanto aquele que não crê não as pode. Nesse enunciado, apesar de o sujeito discursivo oferecer, ao interlocutor,

uma formação discursiva diferente da sua, veiculada na oração condicional (inferência conversa) com a qual este possa se identificar, ele não está de fato aceitando a FD do interlocutor, mas ganhando sua confiança, tentando persuadi-lo, uma vez que a proposição conclusiva desse enunciado reforça os saberes referentes à sua própria FD.

Com relação à SD4, é preciso contextualizá-la para que se compreenda o sentido do enunciado. Essa seqüência discursiva foi extraída de um artigo denominado *A Fé e o Sacrifício* (Macedo 2000a), o qual se refere à oferta, entendida como o maior sacrifício capaz de demonstrar a intensidade da fé do indivíduo. Ao dizer, no enunciado condicional, "quando a fé não é usada com inteligência", o sujeito discursivo tenta mostrar, aos seus interlocutores, que a fé não resulta da emoção, mas da razão, do raciocínio, do cálculo, e assim, por meio do "sacrifício", o fiel deve provar sua fé, percebendo que quanto maior for a sua oferta, maior será a recompensa divina. Para convencer o interlocutor da verdade sobre o que diz, o bispo vale-se da intertextualidade, citando textos bíblicos que relatam as provas de fé extrema que os fiéis davam para se tornar merecedores da graça de Deus.

Vale observar-se que tanto a SD4 como a SD3 expressam a relação fato/conseqüência, possibilitando que, no lugar do enunciado condicional, pudessem funcionar os enunciados "Creia no Senhor Jesus" e "Use a fé com inteligência", o que não ocorre, uma vez que, nos enunciados imperativos, não se explicita a conseqüência da recusa ou aceitação de tal conselho.

Lembrando-se que a conjunção *quando* pode funcionar como *se*, formando construções condicionais, aponta-se que, na SD4, tem-se um sujeito que também formula seu enunciado a partir de uma perspectiva diferente daquela de sua formação discursiva, entendendo haver pessoas que não usam a fé com inteligência, mas que

conduz a conclusão do enunciado, conforme os saberes admitidos em sua formação. A primeira parte do enunciado abre uma possibilidade, qual seja, a da aceitação de uma prática diferente daquela imposta pela IURD, ao passo que a conclusão elimina qualquer possibilidade de abertura para outro campo ideológico, o que resulta num discurso coercitivo. Apesar de o sujeito formular o enunciado a partir de uma perspectiva diferente daquela de sua formação discursiva, dirigindo-se mais àqueles cuja prática não corresponda à dos sujeitos iurdianos, há a forma inversa "Quando a fé é usada com inteligência, então ela não se torna cega", com a qual se identificarão aqueles que dela compartilhem. Aqui, é preciso esclarecer-se que os sujeitos que não usam a fé com inteligência, aos quais o líder religioso se refere, não são necessariamente filiados a uma FD diferente, podendo partilhar da mesma que o afeta, porém, desviando suas práticas, o que pode ser entendido como uma tentativa de fugir ao assujeitamento. Sendo assim, o enunciado passa a funcionar como um conselho, uma advertência.

Comparando-se, então, a SD4 e a SD1, percebe-se que há uma importante diferença entre elas, pois, na primeira, há a presença de uma expressão que faz com que a aceitação, por parte do sujeito discursivo, de uma FD diferente da sua seja não só aparente, mas dissimulada. Assim, a proposição "quando a fé não é usada com inteligência" é parafraseável pela proposição "quando a fé é usada com burrice"³², o que mostra claramente que a posição desse sujeito é aquela que associa fé a inteligência, uma vez que a burrice é socialmente vista como algo negativo. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o sujeito discursivo simula aceitar a posição do seu interlocutor, ele o deprecia. Já na SD1, apesar de a expressão "rejeitar o senhor Jesus" trazer ancorado, em si, o pré-construído "deve-se aceitar o Senhor Jesus", ela nada tem de

³² Ainda que o termo seja um tanto indelicado, ele é o antônimo popularmente admitido para a palavra inteligência. O uso de outras palavras, como estupidez ou parvoíce, poderia desviar o sentido popular da palavra.

negativa, de depreciativa para aquele que não O aceita, o que não acontece com a SD4, em que, para assumir uma posição ideológica diferente da do bispo, o interlocutor tem de admitir sua própria "burrice".

Na segunda parte do enunciado, ao dizer "então ela se torna cega", o sujeito discursivo resgata tudo aquilo que se sabe e que já foi dito sobre cegueira. Ser cego é não conseguir orientar-se, não perceber o que está à frente, não poder identificar certas coisas, enfim, é dar passos no escuro, sem se saber ao certo onde se vai chegar. Portanto, ter uma fé cega é não se saber aonde essa fé vai levar, o que é um contra-senso para os iurdianos, pois, para eles, a fé é o caminho para o lucro, não só financeiro, ainda que este seja o principal. Tal posicionamento é explicitado na oração aditiva "e uma fé cega jamais pode trazer benefícios", que sucede a oração principal. A oração aditiva funciona, logo, como uma soma, um acréscimo ao que esteja sendo dito, sendo que, nesse caso, esse acréscimo dá-se justamente pelo "mecanismo de antecipação", através do qual o sujeito orienta o seu discurso, dizendo aquilo que ele imagina fazer sentido para o interlocutor, revelando que ele sabe que o fiel espera algo em troca da fé. Na seqüência, ainda é dito que a fé cega torna a pessoa escrava da religião. Aqui, percebe-se o quanto o sujeito discursivo está empenhado em disseminar uma ideologia religiosa, subtraindo o fato de que escravo da religião é justamente aquele que coloca tudo o que ganha nas mãos de Deus, ou melhor, nas mãos daqueles que se dizem representantes de Deus, sem perceber que, na realidade, os negócios estão sendo feitos é com os homens. Ser escravo da religião, é ter a vida totalmente regida por uma igreja, por uma religião, é não tomar uma atitude sem que esta esteja em conformidade com aquilo que diz o bispo ou o pastor. Não se usar a fé com inteligência é, pois, segundo o líder religioso, entregar-se a uma crença, sem propósitos. No entanto, Droguett adverte que

Crente não é aquele que apóia sua fé no miraculoso, nas intervenções diretas de Deus no marco da natureza cósmica; não é aquele que imagina que Deus manda diretamente na doença ou no raio, na sorte ou no bom tempo; não é aquele que baseia sua fé no milagre: essa religiosidade é a que Freud qualifica como infantil. (Droguett, 2000, p.116).

Pelo exposto, depreende-se que a Igreja Universal do Reino de Deus alimenta, em seus fiéis, uma religiosidade infantil, uma vez que todos aqueles que dela fazem parte são estimulados a esperar ou, ainda, a exigir que Deus intervenha direta e imediatamente em suas vidas como recompensa à fé Nele depositada.

4.3 A obediência

SD5

A palavra "santo" significa na sua expressão mais simples "separado". Ninguém pode querer ser liberto de satanás e dos demônios e continuar fazendo a vontade deles. *Aquele que deseja servir a Deus precisa andar segundo a Sua vontade.* (Igreja Universal do Reino de Deus, 2000, p.2). (Grifo nosso)

SD6

Quando alguém se propõe a seguir o Senhor Jesus, tem de andar segundo as normas por ele estabelecidas. Somos nós quem acompanhamos o Senhor e, por isso, devemos dar ouvidos à Sua voz. (Igreja Universal do Reino de Deus, 2000, p.4). (Grifo nosso)

As seqüências discursivas 5 e 6 abordam a questão da obediência, entendida como um requisito fundamental para aqueles que desejam a salvação, sendo a postura de obediência adotada pelos crentes um dos fatores que faz com que os líderes religiosos consigam manipulá-los com tanto sucesso. Como já foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, os fiéis, acreditando obedecer a Jesus, obedecem aos pastores e bispos.

Esses dois enunciados são do tipo "ordem condicional", envolvendo o primeiro um desejo (servir a Deus) e o segundo, uma intenção (seguir o Senhor Jesus), o que não deixa, nesse caso, de ter um caráter de desejo, sendo que, para que ele seja realizado, há uma condição, expressa na conclusão do enunciado. Na SD5, a conclusão do enunciado restritivo "Aquele que deseja servir a Deus" é "precisa andar segundo a sua vontade" e, na SD6, a conclusão do enunciado condicional "Quando alguém se propõe a seguir o Senhor Jesus" é "tem de andar segundo as normas por Ele estabelecidas". Percebe-se, com isso, que o sujeito discursivo está conduzindo a situação, pois, a partir do momento em que conhece os anseios do sujeito, dita o modo como este deva agir para realizá-los. É preciso esclarecer-se que, ao se dizer que o sujeito discursivo conhece os anseios do interlocutor, não se está afirmando que ele saiba objetivamente desse fato ou que o próprio interlocutor tenha lhe confessado, mas que ele supõe tal fato, afinal, a construção condicional é aquela em que funcionam suposições. O mais interessante dessas construções é que elas, ao oferecerem a possibilidade da forma inversa, resguardam a imagem do líder religioso, fazendo com que ele não corra o risco de ser visto pelo interlocutor como alguém que fez uma suposição errada ou que nada sabe. Isso pode ser verificado na condicional através da inferência conversa, em que, ao se interpretar " p implica q ", admite-se a forma inversa " $\sim p$ implica $\sim q$ ", e na restritiva, em que, a partir de "*aqueles que X*" admite-se "*aqueles que $\sim X$* ". Justamente essa forma inversa $\sim p$ e *aqueles que $\sim X$* é a que emerge quando o interlocutor não se vê entre aqueles a que o sujeito discursivo se refere. Logo, é como se esse sujeito dissesse *suponho isto (p) ou aquilo ($\sim p$)*, sabendo que, de qualquer forma, estaria fazendo uma suposição correta. Tem-se, assim, o funcionamento do "mecanismo de antecipação", por meio do qual o sujeito discursivo prevê o lugar ideológico ocupado

pelo interlocutor, supondo que, se não é aquele da formação discursiva veiculada no enunciado condicional, é aquele da forma inversa. É, então, desse modo que se dá a interpelação do sujeito interlocutor, pois ou ele se identifica com o grupo dos que se enquadram na primeira suposição do bispo, ou com os da segunda.

Vale lembrar-se que é a possibilidade de inferência conversa que faz com que os enunciados condicionais apresentem heterogeneidade discursiva, pois, ao enunciar a forma p e ter suscitada a forma $\sim p$, o sujeito discursivo, embora oriente o dizer conforme os saberes de sua formação discursiva, apresenta uma outra, normalmente, oposta. No caso das restritivas, o que causa a heterogeneidade discursiva é o fato de que quando se aplica uma restrição a um grupo (aqueles que X), há outro grupo referido (aqueles que $\sim X$) ao qual essa restrição não se aplica. Nas SDs 5 e 6, a heterogeneidade dá-se a partir do momento em que o sujeito, falando a partir de uma perspectiva discursiva correspondente à sua formação discursiva "aquele que deseja servir a Deus" e "quando alguém se propõe a seguir o Senhor Jesus", traz ancorado, em seu enunciado, um outro, referente a uma formação discursiva diferente da sua: "aquele que não deseja servir a Deus" e "quando alguém não se propõe a seguir o Senhor Jesus". Assim, os enunciados condicionais presentes nessas duas SDs possuem uma força persuasiva um pouco menor que os enunciados condicionais do tipo implicativo pelo fato de, na conclusão do enunciado que veicula a formação discursiva diferente da do sujeito discursivo, desobrigarem o interlocutor, permitindo-lhe que siga o caminho de sua escolha.

Convém observar-se, na SD5, que, ao se referir à vontade de Deus, através da expressão "Sua vontade", o sujeito discursivo resgata, no intradiscurso, um saber pré-construído, correspondente à antítese Deus/Diabo, segundo o qual ou se faz a vontade

de Deus, ou se faz a vontade do Diabo. Esse saber chega a ser expresso por esse sujeito no enunciado que antecede o enunciado condicional, o de que "ninguém pode querer ser liberto de satanás e dos demônios e continuar fazendo a vontade deles".

As duas seqüências discursivas mostram que o sujeito religioso deve seguir Jesus, obedecendo Suas regras, o que reforça o assujeitamento desse sujeito tanto ao Sujeito (Deus), nesse caso Jesus, como à ideologia religiosa em questão, uma vez que as vontades e as regras estabelecidas por Jesus são, na sua maioria, apresentadas, aos fiéis, pelos líderes da Igreja. Aqui, faz-se muito presente a questão do poder, pois os sujeitos só seguem e só obedecem àqueles que exerçam um determinado poder sobre eles, o que é exatamente o caso de Jesus e de Deus e também dos líderes religiosos, os quais são unguídos pelo poder divino. Neste último exercício de poder, está, mais uma vez, presente o que, na AD, se chamam relações de forças, expressas no fato de que, por possuir autoridade sobre seus fiéis, o líder religioso consegue fazer com que suas palavras sejam aceitas por eles.

4.4 O pecado

SD7

Estar na Graça é estar livre de toda condenação?

Estar sob a Graça é usufruir dos méritos do Senhor Jesus Cristo. ***Quando nos tornamos cristãos, arrependidos sinceramente, não podemos mais ser condenados por nenhum pecado que tenhamos cometido.*** Observe o texto bíblico abaixo:

"Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus." (Romanos 8.1) (Macedo, 1999, p.30). (Grifo nosso)

SD8

Qual é o único caminho capaz de nos livrar da maldição do pecado?

É a constante fé no Senhor Jesus Cristo acompanhada de arrependimento.

Essa fé não é tão somente acreditar no Senhor Jesus ou mesmo ter um sentimento de pesar pela Sua morte na cruz, não! A qualidade da fé no Senhor Jesus que salva, tem que ser acompanhada do sacrifício até da própria vida (Mateus 10. 37-39).

A pessoa que quer se ver livre do espírito do pecado tem que se esvaziar de si mesma através da humilhação diante de Deus, e viver uma vida totalmente afastada do pecado e se possível, daqueles que vivem no pecado. (Macedo, 1998b, p.71). (Grifo nosso)

Nessas seqüências discursivas, é abordada a questão do pecado, o qual é entendido, pelos cristãos, como uma desobediência a Deus, ou melhor, como qualquer transgressão às leis de Deus. Segundo a doutrina cristã, todas as pessoas cometem pecados, uns mais graves, outros menos, mas, se elas se arrependerem verdadeiramente, seguindo uma vida justa, e se não medirem os sacrifícios para comprovarem sua fé, serão perdoadas. A SD 7 mostra que aquele que se arrependeu "sinceramente" dos pecados está livre de qualquer condenação.

No enunciado condicional "quando nos tornamos cristãos, arrependidos sinceramente", surge algo novo em relação às SDs anteriores, que é a ocorrência do pronome "nós", uma vez que, até aqui, os sujeitos haviam sido "aquele(s)", "o homem", "as pessoas", funcionando, de certo modo, como indeterminados. Assim, observando-se atentamente todas essas seqüências, percebe-se que a ocorrência alternada dessas formas indeterminadas e de "nós", na formulação, mostra um sujeito que ora ocupa seu lugar no enunciado, ora mantém-se fora dele. Analisando-se os casos em que as formas indeterminadas ocorreram, nota-se que estes apontavam atitudes inconcebíveis para um líder religioso, como "rejeitar o Senhor Jesus" ou "desejar uma libertação completa", uma vez que um representante de Deus jamais O rejeita e que também não necessita de libertação, já que não é passível de sofrer possessão demoníaca. Na realidade, se o

sujeito discursivo, representante de Deus e exemplo de conduta para os fiéis, construíse enunciados do tipo "se nós rejeitamos a soberania do Senhor Jesus, somos presas fáceis para os espíritos demoníacos", ou ainda "se nós desejamos uma libertação completa, não podemos deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja", ele estaria assumindo um lugar ideológico diferente do seu e, sobretudo, admitindo não ser merecedor do respeito dos fiéis, uma vez que estaria sujeito a falhas como rejeitar a Deus ou ser possesso pelos demônios. Se assim o fosse, a doutrina que prega cairia por terra. Por outro lado, na seqüência onde há a ocorrência do pronome "nós", observa-se que o sujeito não se priva de fazer parte do grupo de sujeitos a que se refere (os que se arrependem sinceramente), justamente porque esse fato não contradiz sua formação discursiva. Colocando-se entre os que pecaram e se arrependeram, o sujeito discursivo está apenas assumindo sua condição humana, ou seja, admitindo que já pecou, mas que, em função do seu arrependimento, não mais responderá por seus pecados. Aos olhos da Igreja, o único homem que nunca pecou neste mundo foi Jesus, e, se o líder religioso dissesse nunca ter pecado, estaria concorrendo com Ele. Conclui-se, então, que a ocorrência da forma pronominal "nós", marcando posicionamentos do sujeito, só ocorre quando não há comprometimento por parte desse sujeito, de modo a não ameaçar a sua postura exemplar e, por conseguinte, sua autoridade sobre os fiéis.

Analisando-se a SD7, em cuja asserção conclusiva o sujeito discursivo afirma não haver condenação para os arrependidos, percebe-se que há a emersão de um já-dito, um pré-construído, o de que todo pecado tem condenação³³, além daquele que afirma que alguns pecados são de difícil remissão. Verifica-se, nesse enunciado, não só

³³ É preciso esclarecer-se que, apesar de a Bíblia fazer referência ao perdão em face do arrependimento, esse pré-construído continua funcionando no discurso cristão. Talvez isso ocorra justamente pelo fato de o cristianismo ressaltar muito mais as conseqüências dos pecados e a condenação para os pecadores do que a possibilidade de remissão dos pecados.

o resgate de um já-dito, mas também sua imediata negação, pois, ao veicular um conteúdo que afirma a remissão de **qualquer** pecado, o enunciado nega esse pré-construído. A palavra "pecado" resgata ainda saberes pré-construídos, como matar, roubar, enganar, fazer mal, além de todos aqueles específicos da doutrina cristã, como luxúria, blasfêmia, falta de caridade, etc. Sendo assim, ao veicular esse saber já-construído, em seu discurso, o bispo consegue, através de sua formação discursiva, interpelar outros sujeitos, justamente aqueles que se consideravam impedidos de salvação, pela gravidade de seus crimes (pecados), como ladrões e assassinos. Essa interpelação e conseqüente assujeitamento confirma-se na prática, uma vez que a Igreja Universal do Reino de Deus orgulha-se de ter como membros, inclusive entre obreiros e pastores, ex-presidiários (condenados por crimes, assassinatos, assaltos, etc.). Percebe-se, assim, que o sujeito discursivo, além de possuir autoridade (falar de um lugar privilegiado) junto ao interlocutor, exerce um domínio sobre ele por mostrar, diante de uma situação (arrependimento dos pecados), que conhece o seu resultado (não haver condenação).

Na SD8, o sujeito discursivo refere-se a um possível desejo do interlocutor (livrar-se do pecado) e tendo em vista que o enunciado "ordem condicional" envolve um desejo, e que, normalmente, a realização de todo desejo tem um preço, eis o que a pessoa precisa para realizá-lo: "tem que se esvaziar de si mesma através da humilhação diante de Deus, e viver uma vida totalmente afastada do pecado e se possível, daqueles que vivem no pecado". Essa proposição conclusiva estabelece a condição para a realização daquilo que seja desejado. Tal proposição pode ser dividida em duas partes. A primeira orienta o sujeito a esvaziar-se de si, o que, na Igreja, significa nascer de novo através do batismo nas águas, e humilhar-se diante de Deus. Aqui, recorre-se ao

que foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho sobre o Sujeito e os sujeitos, uma vez que é o momento em que o sujeito volta-se para o Sujeito (Deus), admitindo ser inferior, impotente, dependente e pronto a se subordinar. Disso, nasce um sujeito que abre mão de suas vontades³⁴ para fazer a vontade do Sujeito, o que nada mais é do que se deixar interpelar pela ideologia religiosa. A segunda parte da proposição refere-se ao afastamento do pecado e daqueles que vivem no pecado. Percebe-se aí, em primeiro lugar, uma certa tendência sectária (ainda que a IURD não se enquadre no pentecostalismo sectário), pois, ao advertir o sujeito a se afastar totalmente do pecado e daqueles que vivem no pecado, o bispo está induzindo o sujeito a afastar-se do mundo, uma vez que este está cheio de convites ao pecado, principalmente aos pequenos pecados, que também estão expressamente proibidos através da palavra "totalmente", a qual não abre ponto algum de fuga ao sujeito. Desse modo, se o mundo está tão repleto de pecados, o único lugar onde o pecado não está presente é a Igreja, daí o motivo pelo qual ela está sempre repleta de fiéis, freqüentando-a, às vezes, em mais de um horário, em vários dias da semana. Vale, ainda, lembrar-se que, ao se afastar dos sujeitos que vivem no pecado, o fiel deve afastar-se, principalmente, dos fumantes, dos alcólatras, dos que bebem em bares, ainda que socialmente, e dos homossexuais, uma vez que, segundo a doutrina da IURD, todos esses sujeitos estão em pecado ou, em outras palavras, compõem o grupo dos maus sujeitos. Sendo assim, só resta, ao fiel, buscar as companhias dentro da igreja, pois é lá que estão os bons sujeitos, ou seja, aqueles que partilham da mesma ideologia religiosa.

³⁴ Quando se diz que o ser humano abre mão de suas vontades, alguém pode se perguntar por que, então, ele vai à igreja pedir cura, emprego, resolução de problemas? A resposta é simples. Porque, segundo a ideologia religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus, a vontade de Deus é de que todos os sujeitos sejam prósperos, felizes e saudáveis, portanto, se isso não está ocorrendo, é porque a vontade de Deus não está sendo feita. Por isso, há os sacrifícios (ofertas) sem medida, uma vez que eles influem na vontade de Deus, e os rituais de libertação para se afastar do Diabo. Além disso, as vontades do sujeito às quais se está se referindo dizem respeito ao desejo, o qual a igreja procura conter.

Com relação às SDs 7 e 8, vale dizer-se que, em ambas, o sujeito fala de sua perspectiva enunciativo-ideológica, porém, no enunciado condicional resultante da inferência conversa, há o deslize para uma posição diferente, através da admissão de uma FD que diverge da sua. No entanto, assim como em outras seqüências já analisadas, embora admitindo a existência de uma posição diferente da sua, o sujeito discursivo trabalha os saberes de sua formação discursiva. Ao admitir "quando não nos tornamos cristãos arrependidos sinceramente..." e "a pessoa que não quer se ver livre do pecado...", ele busca impor saberes, o de que deve existir o arrependimento sincero dos pecados e o de que toda pessoa deve desejar a libertação do pecado. Além disso, tanto a forma direta como a forma inversa da proposição condicional da SD7, embora apresentem posições de sujeito diversas, referentes a diferentes filiações sócio-históricas, possuem conclusões voltadas para aquela que determina o sujeito discursivo, qual seja, "se arrependido não há condenação" e "se não arrependido, há condenação". Na SD8, isso não ocorre, por se tratar de um enunciado "ordem condicional", em que, ao admitir uma FD diferente da sua, o sujeito discursivo abstém-se de concluir o enunciado impondo aquela que o determina.

Importa, novamente, estabelecer-se uma diferença entre os enunciados condicionais do tipo implicativo e aqueles do tipo "ordem condicional". Nos primeiros, tem-se um sujeito que, embora experimentando, seja na proposição primeira ou na inversa, uma posição enunciativa diferente daquela de sua FD, conclui o enunciado com base nos saberes admitidos por aquela a que se encontra filiado. Já nos segundos, a posição enunciativa diversa é resgatada através da inferência conversa, sendo que o sujeito a conclui voltado também para a FD diversa. Através dessa constatação, pode-se dizer que os enunciados condicionais do tipo implicativo são mais coercitivos do que os

do tipo "ordem condicional", pois, naqueles, há um sujeito assujeitado por uma formação discursiva que tenta assujeitar a outro, procurando fechar qualquer possibilidade de escape para um campo ideológico diferente.

4.5 A oferta e o dízimo

SD9

O dízimo significa os primeiros dez por cento de tudo o que vem às nossas mãos; é as primícias da nossa renda ou os primeiros frutos da nossa colheita. ***Se o cristão não considerar o dízimo dessa forma, corre o risco de perder os seus inúmeros benefícios e herdar as maldições de sua desobediência.***

O dízimo demonstra a fidelidade do reconhecimento do servo para com o Senhor de todas as coisas. (Macedo, 2000c, p.1). (Grifo nosso)

SD10

A Bíblia explica em Malaquias 3.10 haver um espírito devorador, causador de toda miséria, desgraça e caos na vida daqueles que roubam ao Senhor nos dízimos e nas ofertas.

(...)

Se formos fiéis a Ele, o criador de todas as coisas, Ele certamente será fiel a nós e jamais deixará faltar o nosso sustento; nem tampouco permitirá a atuação dos espíritos devoradores em nossa vida. (Igreja Universal do Reino de Deus, 2000a, p.4). (Grifo nosso)

As seqüências 9 e 10 referem-se à oferta e ao dízimo, dois dos temas mais abordados pelos pastores e bispos da IURD, sendo os motivos da vitória ou do fracasso de um sujeito. Segundo os líderes religiosos, quanto maior a doação financeira, maiores serão as graças recebidas. Ao contrário, caso alguém se negue a doar alguma quantia para Deus ou O engane, doando menos do que possa ou do que tenha prometido, pagará muito caro por seu ato, tornando-se vítima de todo tipo de infortúnio, bem como será presa fácil para os demônios.

Na seqüência discursiva 9, é exposto que o sujeito tem que dar, a "Deus", os dez por cento de tudo o que ganha, para não ser castigado. No enunciado condicional "se o cristão não considerar o dízimo dessa forma", o sujeito constrói o enunciado a

partir da perspectiva do mau sujeito, daquele que não partilha de sua formação discursiva, apresentando, na oração principal, a consequência dessa postura. Vale observar-se que, nessa perspectiva, o sujeito está também alertando aqueles que, partilhando de sua FD, não estejam agindo em conformidade com ela. Ao falar na perda de benefícios, o sujeito discursivo veicula, no intradiscurso, um pré-construído, pois, à palavra "benefícios", estão associadas todas as aspirações de um sujeito, como saúde, prosperidade, sucesso profissional, família feliz, amigos, paz, enfim, tudo o que alguém considere importante para desfrutar de uma vida plena. Além disso, ao dizer que o sujeito herdará "as maldições de sua desobediência", o sujeito discursivo resgata outro pré-construído, este envolvendo doenças e problemas financeiros, pessoais e familiares, ou seja, tudo aquilo que o sujeito procura manter afastado de sua vida. Essa é, pois, uma forma de se assujeitar o interlocutor, fazendo-lhe perceber não haver outra forma de conquistar a vitória que não sendo um bom sujeito, submetido às regras do Sujeito. É importante salientar-se que, ao mencionar desobediência, o sujeito discursivo também está trabalhando um pré-construído, uma vez que, quando se fala em obediência/desobediência, subentende-se haver uma regra, ordem ou lei a serem seguidas, as quais já foram estabelecidas por algum sujeito. Se há um sujeito que dá ordens, há, então, um outro que as obedece e, nesse jogo de ordenar e obedecer, existe o estabelecimento de lugares, em que aquele que manda ocupa um lugar privilegiado na estrutura social, no processo interlocutivo, exercendo um certo poder sobre aquele que obedece, o qual ocupa um lugar inferior e a quem cabe apenas obedecer. Assim, ao reconhecer sua pequenez na relação homem/Deus ou, ainda, fiel/líder religioso, o indivíduo acaba por sucumbir aos apelos e exigências desses sujeitos.

Vale observar-se, na asserção conclusiva do enunciado, o uso da expressão "corre o risco", a qual impede que a proposição seja uma afirmação categórica. Parece que, nesse caso, o sujeito discursivo busca precaver-se contra uma eventual contestação ou perda de credibilidade diante dos fiéis, pois, assim, o seu prestígio não ficará ameaçado se houver, entre os interlocutores, alguém que tenha deixado de dar o dízimo ou a oferta e que, no entanto, não tenha recebido punição alguma ou, ainda, que conheça alguém que sempre tenha enganado o Senhor nas doações e que também nunca tenha sido punido. No entanto, o uso de tal expressão não reduz a força persuasiva do enunciado, pois dificilmente um fiel deixará de fazer suas doações para "correr o risco" de ser castigado.

A SD10, ao se referir às ofertas, fala em fidelidade, mostrando a recompensa conseguida através desse gesto. O enunciado condicional "Se formos fiéis a Ele", formulado a partir de uma perspectiva correspondente à FD do sujeito discursivo, veicula também um pré-construído, já que fidelidade implica honra, cumprimento das obrigações, reconhecimento. Ao mesmo tempo, o termo fidelidade remete ao seu contrário, à infidelidade, sendo aquele que a pratica considerado desleal, traidor. Novamente, por trás da questão da fidelidade está também a do assujeitamento, pois um sujeito só é fiel àquilo ou àquele a quem esteja assujeitado, a quem entenda estar obrigado. Vale lembrar-se, também, que um sujeito, ao se ver obrigado com relação a outro, está, igualmente, sob o exercício de um certo poder. Analisando-se a conclusão do enunciado condicional "Ele certamente será fiel a nós e jamais deixará faltar o nosso sustento; nem tampouco permitirá a atuação dos espíritos devoradores em nossa vida", encontra-se a consequência da ação (fidelidade) do sujeito, a qual compreende a fidelidade divina através do amparo e da proteção contra os demônios. É interessante

observar-se a expressão "Ele certamente será fiel a nós", a qual, retomando-se o exposto acerca de fidelidade, indica que Deus também tem obrigações com relação ao sujeito religioso. Assim, é como se, entre esse sujeito e Deus, houvesse um compromisso, um reconhecimento de ambas as partes. Ao conceber que entre Deus e ele há um certo comprometimento, o sujeito tem a "ilusão da reversibilidade", pois entende também exercer um certo poder sobre Deus.

Convém ainda observar-se o fato de que, nessas SDs, também poderiam ocorrer enunciados imperativos do tipo "Sejamos fiéis a Ele" e "Considere o dízimo dessa forma", mas, desse modo, o objetivo do líder religioso, a persuasão, não seria alcançado, pois somente uma ordem não é suficiente para que se convença alguém; por isso, o uso do enunciado condicional, já que ele sugere um comportamento, referindo-se à sua consequência, oportunizando, ao sujeito, prever o resultado de seus atos.

Na SD 10, assim como na SD 7, há a ocorrência do pronome "nós", uma vez que, apesar de se inserir no grupo dos sujeitos a que se refere, o sujeito discursivo não se compromete, mas serve de exemplo para os interlocutores, mostrando, de certa forma, que continuará sendo fiel ao Criador para que tenha direito à sua fidelidade. Desse modo, os sujeitos interpelados perceberão que as bênçãos de Deus desfrutadas pelo líder religioso são frutos da fidelidade talvez de uma vida inteira.

Nas seqüências 9 e 10, assim como em todo enunciado condicional, ocorre a heterogeneidade discursiva, pelo fato de esse tipo de construção suscitar a sua forma inversa. Sendo assim, a partir da proposição condicional "Se o cristão não considerar o dízimo dessa forma", tem-se a forma inversa "Se o cristão considerar o dízimo dessa forma", e, da condicional "Se formos fiéis a Ele", tem-se a forma "Se não formos fiéis a Ele". Tendo-se em vista que, através de **um** enunciado condicional, é possível, ao

sujeito, posicionar-se de dois lugares distintos, abrangendo, normalmente, duas formações discursivas diferentes, entende-se que o poder de interpelação dos enunciados condicionais é muito forte, uma vez que o interlocutor vê-se impelido a identificar-se com uma ou outra. Além disso, como já se mostrou, nos enunciados condicionais, salvo na "ordem condicional", o sujeito discursivo sempre orienta a conclusão para sua formação discursiva, o que faz com que esse tipo de construção tenha também um grande poder de persuasão e assujeitamento.

4.6 A prosperidade

SD11

É claro que a vontade de Deus é que seus filhos sejam abençoados e prósperos. O Senhor Jesus disse certa vez que veio ao mundo para que nós tivéssemos vida, e a tivéssemos em abundância. Verdadeiramente, um Pai rico só poderia ter filhos ricos. *Se você não está vivendo uma vida abundante, se está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-O em lugares errados, ou porque não quer se apossar da herança que lhe pertence.*

Se você, por outro lado, deseja viver a real vida que Deus lhe tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a receber tudo aquilo que ele tem prometido. Busque-O e O achará. (Macedo, 2000d, p.2). (Grifo nosso)

SD12

Bispo: - ... o senhor tem condições de estar muito bem de vida...

Senhor - é... justamente... eu fico em altos e baixos direto... então... trabalho...trabalho... trabalho... e meu trabalho não... não... cresce

Bispo: - mas olha... eu vou dizer uma coisa pro senhor... *se nós colocarmos as mãos na cabeça do senhor e se o senhor colocar em prática as escrituras sagradas... eu vou dizer uma coisa pro senhor... num futuro bem próximo o senhor... além de estar bem vai poder dar emprego a muitas pessoas...* o senhor já pensou que coisa bacana o senhor ter uma fábrica e saber que algumas pessoas estão ali e estão tendo o privilégio de ter um pão... uma carne em casa porque o senhor lhe deu condições de trabalho... isso não é bonito? (Romualdo, 2002a). (Grifo nosso)

A Igreja Universal do Reino de Deus prega, entre seus fiéis, a prosperidade.

Segundo os pastores e bispos, é ela a prova de que um crente está seguindo

corretamente a palavra de Deus. Na doutrina da IURD, todo sujeito está destinado, por Deus, a ter uma vida abundante e feliz, portanto, se isso não está acontecendo, é porque a vontade de Deus não está sendo feita. Por conseqüência, se a vontade de Deus não está se concretizando, é porque o Diabo está agindo, impedindo o sujeito de se apossar do que Deus tem-lhe prometido. Sendo assim, cabe, ao sujeito, desvencilhar-se das garras do Diabo, seguindo completamente a doutrina da igreja, e correr ao encontro das dádivas que Deus lhe reserva.

Na SD11, o sujeito discursivo expõe, para o interlocutor, quais são os planos que Deus tem para a vida dos seus filhos, o que inclui bênçãos, prosperidade e saúde. Sendo o interlocutor um filho de Deus, este poderia, então, se perguntar por que não estaria usufruindo de tais benefícios; porém, imediatamente, o sujeito discursivo suplanta esse questionamento na mente do interlocutor, através do enunciado "Se você não está vivendo uma vida abundante, se está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-o em lugares errados, ou porque não quer se apossar da herança que lhe pertence". Nessa SD, ocorre novamente o que Pêcheux (1997a) denomina "antecipação", a qual compreende a capacidade que o sujeito tem de se colocar no lugar do seu interlocutor e perceber o sentido produzido por suas palavras. Sendo assim, através do "mecanismo de antecipação", o sujeito discursivo controla o seu dizer de forma a produzir, no interlocutor, o efeito de sentido pretendido.

O tipo de construção condicional que compõe essa formulação difere de todos aqueles analisados até agora, sendo denominado *se-inversivo*, pelo fato de realmente conter uma inversão, qual seja, a proposição iniciada por *se* expressa a conseqüência, enquanto a causa é expressa na outra parte do enunciado. Através da

formulação, pode-se perceber o total domínio que o sujeito discursivo exerce sobre seu interlocutor, pois, além de imaginar os problemas pelos quais este esteja passando, ainda conhece suas causas. Ao mostrar os motivos que impedem o sujeito de ser próspero, o bispo coloca a supremacia da IURD, apresentando-a como o **único** lugar onde se pode encontrar Deus, pois a busca por Deus em lugares errados à qual ele se refere significa a participação em outras religiões, o que ilustra a "guerra santa" travada pela IURD. Aqui, fica evidente a questão do proselitismo, uma vez que é afirmado, ao sujeito, não ser possível encontrar Deus em nenhuma outra igreja. Ao dizer que a busca por Deus em outros lugares é o que está impedindo o fiel de encontrá-Lo e de receber Seus benefícios, o sujeito discursivo poderia parecer equivocado caso esse fiel fosse um assíduo freqüentador da Igreja e, enquanto tal, jamais tivesse empregado outro recurso para buscar a Deus. Sendo assim, antes que o fiel o considere como alguém que não sabe o que diz e passe a ignorar suas palavras, ou ainda duvidar das doutrinas da Igreja, o sujeito discursivo afirma que, se não é isso o que impede o sujeito de prosperar, então é o próprio sujeito o culpado, por não querer se apossar da herança que lhe pertence. Assim, tem-se, mais uma vez, o uso do "mecanismo de antecipação", pois dizendo, então, que o sujeito não quer tomar posse do que lhe pertence, o bispo resguarda a Igreja de ter sua infalibilidade comprometida, passando toda a responsabilidade para o sujeito, o qual se torna o único responsável pelas suas desventuras. Cabe, pois, a ele fazer um retrospecto de sua vida e ver de que forma está recusando a posse de sua herança, se é por falta de fé, ou por falta de ofertas mais audaciosas.

Do enunciado já analisado, é possível, ao interlocutor, depreender um outro, do tipo "Se você quer uma vida abundante, sem problemas financeiros, nem enfermidades ou problemas espirituais, não se afaste de seu verdadeiro lugar diante de

Deus, procure-O em lugares certos e queira se apossar da herança que lhe pertence", o que inverte a relação consequência-causa, que passa a ser de causa-consequência. Sendo assim, nesse tipo de enunciado condicional, a persuasão é reforçada, pois não só o sujeito discursivo conhece o problema do interlocutor, além de sua causa, como também sabe o que fazer para mudar essa situação. A insistência em convencer o interlocutor é tão intensa, que o sujeito discursivo ainda profere o enunciado "Se você, por outro lado, deseja viver a real vida que Deus lhe tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a receber tudo aquilo que Ele tem prometido". Dessa forma, a partir de um possível desejo do interlocutor, o líder religioso diz o que ele deva fazer para realizá-lo. Ao sugerir que o interlocutor comece imediatamente a buscar e receber o que a ele está destinado, o sujeito discursivo está, de certa forma, dizendo que o interlocutor deve analisar sua vida e descobrir onde estão as falhas, uma vez que se sabe que não basta se dizer eu quero receber, mas deve-se fazer aquilo que seja necessário, segundo a doutrina da Igreja, para obter-se uma vida próspera e feliz. Convém salientar-se que, nos dois enunciados condicionais dessa seqüência discursiva, parece que, no intradiscurso, está sendo veiculado o dizer do senso comum "o que é teu está guardado", o qual faz com que as pessoas, mesmo diante das dificuldades, tenham esperança de viver dias melhores. No caso dos enunciados analisados, a idéia de que Deus tenha algo guardado para o sujeito faz com que, diante de toda e qualquer dificuldade, este não perca as esperanças, a fé e nem a confiança que deposita na Igreja Universal, uma vez que há algo de muito bom aguardando-lhe, e que o sucesso da busca só depende dele.

Na SD12, tem-se um diálogo em que um fiel lamenta, ao bispo, a própria situação financeira, dizendo que, por mais que trabalhe, não consegue progredir. Porém, segundo o líder religioso, a vida desse sujeito pode mudar como num passe de mágica, e

ele pode se tornar um próspero empresário. No enunciado condicional, o sujeito discursivo cria duas situações hipotéticas: a de o pastor colocar as mãos na cabeça do sujeito e a de este sujeito praticar as escrituras. Em se realizando essas hipóteses, o bispo afirma que o sujeito não só melhorará de vida, como tornar-se-á um grande empregador. Tem-se, desse modo, a presença de uma outra formação discursiva atravessando o discurso do bispo, a qual pode ser identificada como uma FD capitalista, uma vez que o sujeito é estimulado a crescer financeiramente, abrindo uma empresa, tornando-se um grande empregador. Ainda que o bispo afirme que, tornando-se empresário, o sujeito estará ajudando outras pessoas, sabe-se que é a prosperidade pessoal um dos principais objetivos dos membros da Igreja. Nesse sentido, cabe se destacar que essa FD capitalista é muito presente no discurso dos líderes iurdianos, pois estes estão sempre estimulando o fiel a acumular bens materiais, a abrir seu próprio negócio, a ser empreendedor e a deixar de ser empregado, uma vez que, no sistema capitalista, aquele que vende sua mão-de-obra enriquece o patrão e não a si mesmo. Além disso, quanto mais rico for um membro da Igreja, mais lucros para os cofres desta instituição e mais testemunhos de vitória, aos fiéis, ele propiciará, reforçando o proselitismo.

Nessa SD, pode-se notar que a persuasão começa já no momento em que o sujeito é alertado para o fato de que pode mudar de vida, pois quem, estando numa situação problemática em que talvez não veja saída alguma, não vai atentar para um aceno de vitória? A partir do momento em que esse sujeito vê-se interpelado, é que o sujeito discursivo começa o processo de assujeitamento, materializando, no intradiscurso, os saberes de sua própria formação discursiva. Nessa seqüência, a questão do poder está também muito presente, primeiramente, devido ao fato de o bispo

conhecer a solução para os problemas do sujeito e, depois, por, através da imposição das mãos, conseguir resolvê-los. Diante de alguém com tanto poder, só resta, ao sujeito, baixar a cabeça e dizer sim.

É preciso destacar-se ainda, no que tange à persuasão, que este enunciado condicional também poderia ser substituído pelo enunciado imperativo "Coloque em prática as escrituras sagradas", mas, justamente por esse enunciado ser menos persuasivo, não mostrando a consequência de um comportamento adverso, ele foi ignorado inconscientemente pelo sujeito.

No que concerne às seqüências 11 e 12, ainda é preciso abordar-se a questão da heterogeneidade discursiva, que, como já foi visto, caracteriza os enunciados condicionais. Na SD 11, o sujeito, em função da "antecipação", inicia a formulação do enunciado a partir de uma perspectiva enunciativa diferente daquela apresentada por sua formação discursiva, mas esta, ainda que esteja num segundo plano, funciona interpelando os sujeitos que dela partilham, ou seja, aqueles que estão vivendo uma vida abundante, que não estão passando por dificuldade financeira, nem por enfermidades ou problemas espirituais, justamente por não se encontrarem afastados de Deus e por já terem tomado posse do que lhes estava destinado. É preciso esclarecer-se que o fato de o sujeito discursivo enunciar a partir de uma perspectiva diferente da sua, não quer dizer somente que o interlocutor não partilhe de sua FD, mas que também possa não estar agindo em total conformidade com ela, o que poderia ser entendido como uma tentativa de escapar ao assujeitamento. Ainda no segundo enunciado condicional da SD11, o sujeito já muda sua posição enunciativa, formulando o enunciado a partir de uma perspectiva correspondente à da sua formação discursiva, imaginando que o interlocutor já tenha cedido à sua interpelação ideológica, assimilando todos os saberes

correspondentes à sua FD. Porém, caso o interlocutor realmente não partilhe da formação discursiva do sujeito do discurso, não desejando "viver a real vida que Deus lhe tem preparado", há um outro enunciado, correspondente a uma FD diferente da desse sujeito (se você não deseja viver a real vida que Deus lhe tem preparado), com a qual o interlocutor identificar-se-á. Na SD12, por sua vez, o sujeito discursivo enuncia de um lugar correspondente à sua formação discursiva, provavelmente por entender que, na situação em que está o fiel, ele certamente estará apto a assimilar os saberes veiculados no discurso que lhe é apresentado. Na proposição condicional "se nós colocarmos as mãos na cabeça do senhor", tem-se a forma inversa "se nós não colocarmos as mãos na cabeça do senhor", a qual é associada a uma FD diversa, pelo fato de subentender-se que isso só não acontecerá se o sujeito não permitir, o que seria a indicação de que ele não partilha da FD do líder religioso. A segunda proposição condicional "se o senhor colocar em prática as sagradas escrituras", a qual também está sendo enunciada a partir de uma perspectiva correspondente à FD do sujeito discursivo, suscita uma forma inversa, veiculando uma FD que diverge da dele (se o senhor não colocar em prática as sagradas escrituras). Isso comprova o fato de que, caso o sujeito não partilhe da formação discursiva do sujeito do discurso, estará sempre funcionando a forma inversa da condicional, apresentando-lhe a FD com a qual se identifica, embora, na maioria dos casos, a conclusão negue os saberes referentes a ela e reafirme os da FD do sujeito discursivo. Nessa seqüência discursiva, por se tratar de um diálogo entre os interlocutores, fica claro que o sujeito que procura o bispo quer partilhar de sua formação discursiva, o que faz com que não se identifique com a diversa veiculada através da forma inversa da condicional. No entanto, tratando-se de um programa de

televisão, de alcance nacional, entende-se que haverá muitos sujeitos que possam não partilhar da FD do sujeito discursivo, identificando-se, então, com a contrária.

Nessas duas seqüências, ocorrem três tipos de enunciados condicionais: "se-inversivo", "ordem condicional" e "implicativo", sendo o primeiro e o último mais persuasivos, ou ainda, mais coercitivos, pois tanto sendo enunciados a partir de uma perspectiva correspondente à FD do sujeito discursivo, como de uma perspectiva contrária a ela, a conclusão direciona para os saberes admitidos pela FD desse sujeito, simulando uma liberdade de escolha ao interlocutor. Já o segundo é um pouco menos coercitivo, justamente por dar, ao sujeito, a liberdade de, ao identificar-se com uma formação discursiva diferente da do sujeito discursivo, ficar desobrigado de assimilar seus respectivos saberes e de seguir condutas que lhes correspondam.

4.7 A solução dos problemas

SD13

Fiel: ele perdeu tudo o que tinha... perdeu a sapataria que ele tinha... perdeu a sapataria que ele tinha e depois ela não quis mais ele né... ela não quis mais ele devido assim ao esfriamento que houve né... no casamento em casa... ele se desesperou porque ele ficou impotente e... largou a esposa e ficou sozinho nem... nem a esposa e nem a amante...

Bispo: cê tá vendo, minha amiga... tudo por causa de uma... uma aventura... porque a partir do momento que ele fala pra amante que queria voltar à casa por causa da saudade que tinha dos garotos e da mulher claro que havia um sentimento de amor, mas a amante foi uma aventura... aventura que lhe custou a perda de tudo... a perda da família... *se você está nessa situação... indo de mal a pior na vida sentimental... querendo morrer... acabar com tudo... você se sente pesado... com dores no corpo... dores de cabeça... angustiado... olha... nessa terça-feira dia vinte e seis nós vamos fazer uma grande campanha de fé contra os encostos em geral...* você vai colocar ao pé da cruz.... todos os seus pedidos... (Romualdo, 2002b) (Grifo nosso)

SD 14

Quero ajuda.

A minha vida está como se tivesse estourado um vulcão em erupção, estou cheio de problemas em todos os aspectos e sentidos, os mais diversos possíveis, tais como: financeiro, familiar e sentimental. Faço uso da mentira para me manter no engano, pois os meus negócios são feitos à base de enganação, são inescrupulosos, são práticas de corrupção. Enfim, considero a mim mesmo uma pessoa perdida. Ajude-me a encontrar Deus. Eu sei que só Ele pode me erguer. Bispo, eu o vejo como um homem de Deus, sempre que posso ouço as reuniões pelo rádio.

Peço que mande uma resposta para essas palavras.

Cordialmente,

Erasmio.

Caro amigo:

Se quer que sua vida seja mudada, deve se preocupar em praticar a Palavra de Deus. Permita que ela entre em seu coração através das mensagens que tem ouvido no rádio. Participe das reuniões na igreja; aos poucos, a Palavra penetrará em sua alma e fará sentir-se arrependido dos seus erros; sentirá ódio do seu pecado e então encontrará forças para mudar. (Silva, 2002, p.3A). (Grifo nosso)

Nessas duas seqüências, é abordada a questão da solução dos problemas, o que, como já foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, faz parte de uma busca incessante do fiel. Assim, todo aquele que ocupa um lugar nos bancos da Igreja Universal do Reino de Deus está ali com o propósito de encontrar uma solução para seus problemas, o que é prometido pela própria Igreja, uma vez que sua doutrina não contempla apenas o culto descompromissado à religião, instigando ainda o sujeito religioso a agir sempre visando a obter algo em troca da fé.

Na SD13, tem-se um diálogo entre o bispo e uma fiel, a qual está contando a ele a situação de "derrota" em que se encontra um determinado homem. Segundo a devota, esse homem, ao envolver-se com uma amante, perdeu a família, todos os bens que possuía e a própria amante. A partir desse depoimento, com cuja história muitos homens e mulheres podem se identificar, o bispo volta-se para os telespectadores, os quais passam, nesse momento, a ser seus interlocutores, e diz "Se você está nessa situação, indo de mal a pior na vida sentimental, querendo morrer, acabar com tudo, [se]

você se sente pesado, com dores no corpo, dores de cabeça, angustiado...", fazendo com que, então, não só aqueles que se identificaram com a história sintam-se chamados, mas também todos aqueles que enfrentam problemas dessa natureza. Esse tipo de enunciado funciona sob dois ângulos diferentes, pois, para o bispo, traz a suposição de que alguém esteja enfrentando esses problemas, enquanto que para essas pessoas mostra a certeza de que alguém conhece as suas adversidades. Nesse enunciado, é o uso de "você" que permite esse duplo funcionamento, pois, para o bispo, esse pronome refere-se a qualquer sujeito que, através de seu discurso, ele vise a interpelar, enquanto que, para o sujeito interpelado, é como se o bispo estivesse se dirigindo exclusivamente a ele.

Após interpelar o sujeito, o sujeito discursivo lança a contraparte enunciativa de seu discurso, apresentando uma solução: "olha... nessa terça-feira dia vinte e seis nós vamos fazer uma grande campanha de fé contra os encostos em geral, você vai colocar ao pé da cruz... todos os seus pedidos". Nessa parte do enunciado, por se tratar de um discurso oral, não fica explicitado que, se o telespectador fizer o que o líder religioso sugere, os problemas serão resolvidos, mas isso fica perfeitamente subentendido, pois, se não fosse com tal fim, o bispo não diria ao interlocutor que fosse à reunião na terça-feira. Ainda nessa parte do enunciado, existe a presença de um pré-construído, os encostos, remetendo a todas as legiões de demônios, os quais, dentro da doutrina da IURD, são os responsáveis pelos problemas enfrentados pelos fiéis. Desse modo, livrando-se dos encostos, o sujeito estaria, então, liberto de qualquer problema.

Na proposição condicional desse enunciado, o sujeito do discurso enuncia a partir de uma posição discursiva diferente da sua, pois sua formação discursiva não concebe que um sujeito que dela partilhe, regulando suas práticas conforme os saberes a ela correspondentes, passe por tais dificuldades. Contudo, se o "você" a quem o bispo se

dirige não está enfrentando problemas, há um segundo enunciado, como já se disse, oculto e dependente do primeiro, referente à formação discursiva do bispo, com a qual o sujeito pode se identificar. Porém, ao se identificar com a formação discursiva do bispo (quem frequenta a Igreja não deve estar possesso), o sujeito interpelado sente-se desobrigado de fazer a campanha contra os demônios (ele pode e, provavelmente, irá à reunião para precaver-se, mas não há uma situação concreta que o obrigue). É preciso salientar-se que, nessa SD, ao contrário de em todas as outras analisadas até aqui, o sujeito que fica desobrigado de agir conforme sugere o sujeito discursivo é justamente aquele que partilha de sua formação discursiva. Nesse caso, o sujeito talvez nem se sinta desobrigado, uma vez que, habitualmente, para precaver-se de todos os males, vai à igreja por sua "livre" vontade. O que se passa neste enunciado condicional que, em princípio, classifica-se como "se-implicativo" é diferente do que ocorre com os demais classificados nesse mesmo grupo e analisados até agora, pois, nesses enunciados, tanto na proposição condicional que veicula elementos da formação discursiva do sujeito do discurso, como na que veicula uma FD diferente, o interlocutor é persuadido a agir conforme os saberes que determinam aquele sujeito, o que aqui não acontece. No enunciado condicional em questão, ocorre o mesmo que na "ordem condicional", ou seja, há sujeitos que ficam desobrigados de seguir certas regras, o que, nesse caso, são justamente os que partilham da FD do sujeito discursivo, uma vez que estes provavelmente não sejam possessos. A explicação para esse fato é que, observando-se atentamente, percebe-se que o enunciado condicional da SD13 é realmente do tipo "ordem condicional", estando a parte que supõe o desejo do sujeito oculta no enunciado. Assim sendo, o enunciado seria "Se você está nessa situação (...) e **deseja** melhorá-la ... olha...". Com isso, fica explicado por que, na conclusão da proposição inversa "se você

não está nessa situação (...)", o sujeito fica desobrigado de agir conforme as determinações do bispo. Resta, ainda, comentar-se o fato de que, nessa seqüência discursiva, o líder religioso formulou o enunciado a partir de uma perspectiva diferente da sua formação discursiva, justamente para interpelar ideologicamente aqueles sujeitos que dela ainda não compartilhem, uma vez que ainda não fazem parte da IURD.

A SD14 corresponde à resposta à carta de um sujeito que está passando por grandes dificuldades, o qual pede, ao bispo, que o auxilie a encontrar Deus, pois entende que este seja o único caminho para resolvê-las. Essa seqüência difere das demais pelo fato de que, aqui, o sujeito já está assujeitado ideologicamente, tendo já assimilado os saberes correspondentes à ideologia religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus. No entanto, sua prática e sua vida ainda não condizem com as dos fiéis plenamente assujeitados, fato que é reconhecido pelo próprio sujeito, e, assim, ele pede o auxílio do bispo para que este o ajude a solucionar os problemas e lhe mostre como deva agir a partir de então. Diante dessa predisposição do sujeito para o assujeitamento, o trabalho de persuasão do bispo torna-se mais fácil, pois ele sabe, com certeza, que o interlocutor deseja assimilar completamente os saberes de sua formação discursiva. Nesse caso, a argumentação do sujeito discursivo não teria por finalidade inculcar um saber no interlocutor, mas reforçar aquele da FD à qual o sujeito já se encontra filiado ou em processo de filiação.

A partir do momento em que conhece os anseios do interlocutor (querer que a vida seja mudada), o sujeito discursivo assenta a porção seguinte do enunciado que porta a condição para que o desejo do sujeito se realize, ou seja, "deve se preocupar em praticar a Palavra de Deus". Ao fazer essa afirmação, ele sugere que o sujeito mude o seu modo de vida, pois a forma com que vinha agindo, enganando, sendo desonesto,

não condizia com os ensinamentos de Deus. Além disso, ele faz um apelo para que o sujeito continue cada vez mais assujeitado à ideologia religiosa iurdiana, pois, se assim não o fosse, apenas pediria a ele que lesse a Bíblia e a seguisse. Porém, o que o sujeito discursivo faz, através do enunciado que sucede o enunciado condicional, é mostrar, a esse sujeito, que a palavra de Deus é transmitida pelos pregadores da IURD, através do rádio e das reuniões da igreja, procurando fazer com que o sujeito só assimile os ensinamentos divinos, selecionados e interpretados de acordo com a ideologia iurdiana. Assim, o objetivo do líder religioso é que esse sujeito não só continue a apreender os saberes de tal ideologia religiosa através do rádio, mas que passe a ser mais um fiel a ocupar os bancos do templo e a realizar negócios audaciosos com Deus.

Convém lembrar-se que aqui, apesar de o sujeito do discurso ter um referencial do interlocutor, sabendo que este não se opõe à sua formação discursiva, há sempre a ocorrência de heterogeneidade discursiva, pelo fato de toda proposição condicional remeter a uma outra, que funciona de modo oculto e que corresponde a uma perspectiva discursiva diferente. Num primeiro momento, parece que o enunciado que corresponde a uma FD diferente daquela já aceita pelo interlocutor não faz sentido, uma vez que este não tem por que se identificar com ela. No entanto, essa perspectiva diferente serve para reforçar a atitude persuasiva do sujeito discursivo, uma vez que, diante da confissão do interlocutor de que deseja mudar de vida através da IURD, o enunciado "se você não quer que sua vida seja mudada..." funciona de modo irônico, fazendo com que este sujeito diga, a si mesmo, que quer realmente mudar de vida e empenhe-se ainda mais para cumprir as condições impostas pelo bispo, no intuito de provar que seu desejo era sincero. Além disso, não se pode esquecer que a forma inversa da proposição condicional que, nesse caso, corresponde a uma formação

discursiva diferente daquela do sujeito do discurso, pode funcionar para sujeitos (leitores da *Folha Universal*) que, eventualmente, venham a se tornar interlocutores nessa seqüência discursiva e que, diferentemente deste sujeito, ainda não partilhem da mesma formação discursiva que o determina.

É preciso falar-se ainda que, nessa SD, evidencia-se uma relação de poder, pois há um sujeito que ocupa uma posição inferior na estrutura social religiosa, a quem cabe obedecer e se deixar conduzir e que reconhece o poder que o outro sujeito exerce sobre ele, uma vez que este representa o sujeito dotado de poder supremo “eu o vejo como um homem de Deus” e que é capaz de encontrar uma solução para seus problemas. O sujeito a quem é conferido um estatuto de poder sente-se, então, autorizado a ditar as regras que tal sujeito deva seguir. Mais uma vez, confirma-se o que escreve Foucault (1999), para quem o poder se exerce onde haja um certo grau de liberdade, pois percebe-se, de forma clara, um sujeito que, livremente, deseja o exercício de um poder sobre si e que, conseqüentemente, deseja o assujeitamento.

4.8 A salvação

SD15

Se você, leitor, deseja na verdade a salvação, não admita nenhuma ligação com o diabo. Ande de cabeça erguida, sem ter de que se envergonhar; seja submisso a Deus, por sua livre e espontânea vontade. (Igreja Universal do Reino de Deus, 2000, p.2) (Grifo nosso).

SD16

O ser humano só poderá voltar a ter a imagem e a semelhança de Deus e poder ter comunhão com Ele através do Senhor Jesus Cristo que é a Única Porta! Sem ele não há nem perdão nem salvação.

Ainda que as pessoas sejam boas, honestas, sinceras e caridosas, mesmo assim, se elas quiserem a vida eterna, terão que aceitar e viver de acordo com a

palavra do Senhor Jesus. O Espírito Santo convence o pecador, mas é o Senhor Jesus que o perdoa e o salva. (Macedo, 1998b, p.32) (Grifo nosso).

As seqüências 15 e 16 dizem respeito à salvação, a qual é um dos três pilares da ideologia iurdiana. A salvação faz parte de uma busca intensa do fiel, não só porque os salvos já começam a colher os frutos dessa conquista ainda nesta vida, mas também porque, no retorno de Cristo, estes instaurarão, com Ele, o "verdadeiro" Reino de Deus. Para conquistar a salvação, o fiel precisa seguir a Deus, o que engloba submeter-se a Sua vontade, ter fé, afastar-se do Diabo e ser fiel nos dízimos e nas ofertas, entre muitas outras coisas.

Na SD 15, o líder religioso dirige-se ao interlocutor, imaginando que este deseje a salvação, mas, como esta não é conseguida gratuitamente, ele expõe a condição para tanto, através da asserção conclusiva "não admita nenhuma ligação com o Diabo". Aqui, se encontra, mais uma vez, a alusão que, freqüentemente, é feita ao Diabo no discurso da IURD. Sendo esse ser maligno o grande oponente de Deus, é expressamente proibido, ao sujeito, praticar qualquer ato que possa aproximá-lo dele. A postura antitética sob a qual é vista a relação entre Deus e Diabo é que faz com que, aos sujeitos religiosos, seja vedado qualquer tipo de atitude que não agrade a Deus, uma vez que, logicamente, estarão agradando ao Diabo. Assim sendo, por medo de vir a satisfazer ao Diabo, o sujeito esmera-se no intuito de fazer a vontade de Deus. Desse modo é que vai se dando o assujeitamento do sujeito religioso ao Sujeito e à ideologia da igreja que se diz Sua representante legítima nesse plano. É importante fazer-se referência, ainda, ao enunciado que sucede o enunciado condicional, o qual diz que o sujeito religioso deve "ser submisso a Deus por sua livre e espontânea vontade", o que confirma o fato de que, no uso de sua liberdade, o sujeito busca a submissão, ou seja, o assujeitamento.

Na proposição condicional "Se você, leitor, deseja na verdade a salvação", parece que o sujeito discursivo está fazendo uso de uma formação imaginária, ou seja, está supondo que o interlocutor partilhe de sua formação discursiva. Isso pode ser evidenciado através da expressão "na verdade", a qual dá a entender que os sujeitos discursivos já partilhavam dessa idéia. No entanto, como se trata de uma suposição, o sujeito discursivo não pode garantir que o seu interlocutor possua a mesma formação discursiva que ele, sendo, portanto, muito conveniente o funcionamento da forma inversa do enunciado condicional, a qual, nesse caso, corresponde a uma formação discursiva diversa, uma vez que não há como se ter certeza de que todo sujeito que tiver acesso a esse discurso partilhará da mesma FD do sujeito discursivo.

Na SD16, a proposição condicional é antecedida por uma proposição concessiva, a qual, como já se viu, possui um significado contrário ao que é presumido, ou seja, espera-se que quem seja bom, honesto, sincero e caridoso conquiste a salvação (senso comum), mas descobre-se que só isso não basta, sendo necessária a obediência ao Senhor Jesus (FD iurdiana³⁵). O que seria, então, essa obediência a Jesus, se o que ele pede, na Escritura, é basicamente amor, bondade, honestidade e caridade? As SDs indicam que a palavra de Jesus que os fiéis devem seguir é aquela apresentada pelo líder religioso, porta-voz de Deus, cuja interpretação é por ele dirigida em função de sua formação discursiva. É importante ressaltar-se que o discurso do pastor ou do bispo é aceito pelos crentes devido à relação de forças que envolve o processo interlocutivo, ou seja, ao papel ideológico que é atribuído a cada sujeito. Nesse caso, quem fala é um sujeito (bispo) dotado de certo poder, o qual lhe é atribuído por um ser de imensurável

³⁵ Em geral, esse saber corresponde a uma FD religiosa cristã, mas, como se está trabalhando no âmbito da ideologia religiosa iurdiana, optou-se por identificá-la como uma FD iurdiana.

poder, e quem escuta é um sujeito ao qual não é dado poder algum, a não ser o de estar ali para receber as instruções de como agir para ter direito às dádivas divinas.

Nas proposições condicionais "se você, leitor, deseja na verdade a salvação" e "se elas quiserem a vida eterna", tem-se, mais uma vez, a presença da heterogeneidade discursiva, já que essas proposições projetam as proposições inversas "se você, leitor, não deseja na verdade a salvação" e "Se elas não quiserem a vida eterna". Esses enunciados apresentam um desejo (a salvação) e a condição para que esse desejo se realize, sugerindo que, se essa condição expressa na forma de ordem for aceita, o desejo irá se realizar. Na SD15, a conclusão corresponde a manter-se afastado do Diabo e, na SD16, ela compreende aceitar e viver de acordo com a palavra do Senhor Jesus. Esses enunciados condicionais que envolvem desejo, ou seja, a "ordem condicional", dão a entender que o sujeito discursivo conhece os anseios, as aspirações do seu interlocutor, o que favorece a persuasão, e, por isso, indica o que este deva fazer para alcançar o que almeje. Assim, o líder religioso, ao proferir a proposição q , está dando uma ordem ao fiel, a qual não soa como tal para este último, pelo fato de vir atrelada a um desejo, funcionando como conselho, como condição para a sua realização. Ao se afirmar que o sujeito discursivo conhece os anseios do seu interlocutor, está-se dizendo que ambos partilham da mesma formação discursiva, funcionando esse discurso para reforçar um saber. No entanto, se se tratar de um interlocutor que se oponha aos saberes ideológicos do sujeito discursivo, o discurso continuará funcionando, fazendo sentido para esse interlocutor em função de sua forma inversa "Se você, leitor, não deseja na verdade a salvação, admita qualquer ligação com o Diabo" e "Se elas não quiserem a vida eterna, não terão que aceitar viver de acordo com a palavra do Senhor Jesus". Conforme visto anteriormente, nas proposições que não veiculam a sua FD – embora veiculem um pré-

construído de que a salvação deve ser desejada e de que Jesus deve ser seguido – o sujeito discursivo desobriga aquele que com elas se identifica. Reportando-se a Althusser, lembra-se que só há prática através de uma ideologia, então, se o sujeito não concebe determinados saberes ideológicos, não tem por que agir como se os concebesse.

5 CONCLUSÃO

Fazer análise de discurso é, para o analista, uma tarefa reveladora e prazerosa, porém complexa, uma vez que ele precisa atravessar o discurso e compreender como se dá, em seus domínios, a constituição dos sujeitos e dos sentidos, apreendendo a dispersão do sujeito e desvendando o modo como se constituem os sentidos, o qual é apagado pela ideologia. Espera-se, neste trabalho, ter-se alcançado tal propósito e também terem-se encontrado as respostas que serviram de impulso para o estudo aqui apresentado. Sabe-se que o caminho escolhido foi apenas um entre tantos que a Análise de Discurso oferece, uma vez que, como já foi mencionado, ela não trabalha com um modelo de análise pré-concebido, mas com aquele estabelecido pelo analista. As possibilidades de análise oferecidas por um discurso e as portas que ele abre para outras análises mostram que o discurso é um horizonte inesgotável de sentido. Em função disso, um outro pesquisador, diante do mesmo *corpus* talvez seguisse um outro caminho; no entanto, parece que o dispositivo analítico empregado foi o que melhor poderia ter respondido às inquietações provocadas pelo *corpus* referente ao discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus.

Ao se estudar o discurso da IURD, descobriu-se um discurso persuasivo, negador da pobreza, da doença e da infelicidade, voltado, principalmente, para a camada mais pobre e sofrida da população. Esse discurso vai ao encontro daquilo que as pessoas buscam e não encontram, daquilo que elas precisam e não lhes é oferecido, daquilo com que elas sonham e que nunca se realiza, enfim, de tudo aquilo que a vida lhes nega. Por

isso, antes de se entender o discurso da IURD como um discurso de submissão, alienador e coercitivo, é preciso percebê-lo segundo a visão daqueles que por ele se deixam envolver, como um braço estendido a oferecer auxílio àqueles que, muitas vezes, já não encontram forças para seguir em frente. Esse discurso mostra, às pessoas, que a solução para todos os seus problemas está em Deus, ainda que não gratuitamente, uma vez que é preciso seguir-se um determinado tipo de comportamento para que se seja merecedor do auxílio divino. Assim, apesar de seu caráter amparador e sanativo, não se pode ignorar o funcionamento coercitivo desse discurso, uma vez que a adesão dos fiéis é conseguida não só através de promessas de felicidade, como também de ameaças de infortúnio para aqueles que se recusarem a seguir o que a Igreja determina. Os fiéis são instigados a pensar, a agir e a viver de acordo com as normas impostas pela IURD **se quiserem alcançar o que desejam**. A adesão dos fiéis é atingida através de um discurso do pré-construído que cala o desejo e envolve-os numa teia ideológica, assujeitando-os e conduzindo-os, na maioria das vezes, a um fanatismo que os impede de qualquer questionamento, impulsionados todos numa mesma direção, compondo uma massa manipulável.

No funcionamento do discurso da IURD, tem-se um sujeito – bispo – que tenta usar de todos os argumentos possíveis para convencer o seu interlocutor. Esse sujeito, embora controle a situação discursiva, não tem domínio sobre o que diz, uma vez que se encontra assujeitado, ou seja, filiado a uma rede de sentidos que o determinam. Suas palavras fazem sentido não porque ele o atribui a elas, mas porque estão inscritas na sua formação discursiva. Sendo assim, a persuasão que esse sujeito atinge através do discurso é não uma imposição sua, mas da formação discursiva que regula o seu dizer.

Uma das formas "escolhidas" pelo sujeito para expor seus argumentos foi a construção condicional, a qual traz, na prótase, uma suposição e, na apódose, normalmente, uma conseqüência ou conclusão. Com essa construção, ele permite que o interlocutor imagine-se numa situação ou noutra e conheça o resultado ou as obrigações de sua escolha. As construções condicionais veiculam, ainda, normalmente na prótase, conteúdos pré-construídos, os quais, funcionando como um saber de domínio coletivo, do senso comum, emergem do sujeito interpelado (bispo) para, então, interpelar outros sujeitos (fiéis). O funcionamento das construções condicionais é marcado, também, pelo duplo posicionamento do sujeito discursivo, pois a prótase traz ancorado, em si, um dizer inverso, o que resulta na veiculação de FDs diferentes ou, mesmo, antagônicas. Desse modo, a interpelação do interlocutor é mais forte, pois, de algum modo, ele se identificará com o dizer do sujeito que o está interpelando, seja por partilhar de sua formação discursiva, seja por inscrever-se na FD diversa. O fato de o discurso do líder religioso apresentar heterogeneidade discursiva não indica que ele possua uma formação discursiva contraditória, mas que emergem, de seu discurso, FDs diferentes da sua, o que, na prática, funciona como uma antecipação ao sujeito interlocutivo, admitindo, "aparentemente", uma FD contrária, seja na proposição primeira ou na inversa, o que faz com que conquiste a confiança do interlocutor. Contudo, essa aceitação da formação discursiva do interlocutor é apenas aparente, pois, na maioria das construções condicionais, a porção conclusiva do enunciado é voltada para a FD do sujeito discursivo, seja qual for a opção oferecida ao interlocutor. O único tipo de enunciado condicional que, diante de uma formação discursiva diferente da do sujeito do discurso, não apresenta uma conclusão voltada para a sua própria FD é a ordem condicional, em que, ao admitir uma formação discursiva diversa por parte do interlocutor, o sujeito

discursivo desobriga-o de determinados comportamentos que seriam obrigatórias para aqueles filiados à sua FD. No entanto, isso não quer dizer que os saberes referentes à formação discursiva desse sujeito tenham sido, neste caso, suplantados, pois a grande maioria das prótases dos enunciados condicionais presentes no *corpus* já encerram um conteúdo ideológico referente à sua formação discursiva, inclusive no dizer relativo a uma formação discursiva diversa. Desse modo, embora a conclusão não reforce a sua FD, esta já foi colocada e está em evidência em função da prótase. Contudo, há que se admitir que as construções do tipo implicativo e inversivo são mais persuasivas que as do tipo ordem condicional, por reforçarem, até na conclusão, os saberes referentes à formação discursiva do sujeito do discurso. Além disso, é necessário dizer-se que a conexão entre o que é dito na prótase e o que é dito na apódose já orienta o discurso para a formação discursiva do sujeito do discurso, uma vez que é com base nela que ele estabelece uma relação entre o conteúdo veiculado pelas proposições. Isso prova que, embora o sujeito experimente os domínios de outra formação discursiva, ele consegue impor e fazer imperar os saberes daquela que o determina.

O discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus tem, então, seu funcionamento baseado em um sujeito interpelado que desconhece o modo como as palavras passaram a fazer sentido nele e que, pensando ter domínio sobre o que diz, tenta – e consegue – interpelar milhares de outros sujeitos que, cansados de viver à mercê do Diabo, buscam lançar-se nos braços de Deus. Assim, estes procuram, escutam e aceitam as palavras daquele que diz ser um dos representantes de Deus. Esse sujeito discursivo já tem, a seu favor, a posição que ocupa no processo interlocutivo, o lugar privilegiado de onde fala, ou seja, existe uma relação de forças que faz com que o seu dizer tenha poder e seja aceito pelos interlocutores. Para reforçar o poder de persuasão

de suas palavras, esse sujeito faz uso, em seu discurso, de construções condicionais, as quais permitem que tenha um maior domínio sobre o interlocutor, dada sua força argumentativa e, ainda, persuasiva, ou seja, pelo fato de, nas condicionais, ser possível simular a aceitação da formação discursiva do interlocutor quando esta se opõe à sua e assim fazer com que este, sentindo-se livre, aceite suas palavras, o que sinaliza o início de uma entrega voluntária à coerção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA Revista e Corrigida da Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BOEHMER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: vozes, 1988.
- CALIMAN, Cleto. *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- CORTEN, André. La glossolalie dans le pentecôtisme brésilien: une énonciation protopolitique. *Revue Française de Science Politique*, Paris, v. 45, n. 2, p.259-281, 1995.
- _____. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Tradução de Mariana Nunel Ribeiro Echalar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DROGUETT, Juan Guillermo. *Desejo de Deus: diálogos entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística*. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Cultrix, 1972.
- _____. *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. Tradução de Maria aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.
- _____. Os topoi na "Teoria da argumentação na língua". Tradução de Rosa Attié Figueira. *Revista Brasileira de Letras*, v. 1, n.1, p.1-11, 1999.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- _____. *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FERREIRA, Ana Beatriz F. *A variação posicional das orações condicionais: uma análise funcional-discursiva*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O lugar da sintaxe no discurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 60 - 66.

FONTANNA, Mônica G. Zoppi. Leitura, silêncio e memória: leituras urbanas e práticas de exclusão. In: LEFFA, Vilson J.; Pereira, Aracy E. *O ensino da leitura e produção textual*. Pelotas: EDUCAT, 1999. p.51-68.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.67-99.

GAARD, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Tradução de José Maria de Almeida. Petrópolis: vozes, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

GERALDI, João W. *Se a semântica fosse também pragmática... ou para uma análise dos enunciados condicionais*. 1978. (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.225-270.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 2001.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, p.43-62, 1990.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Dez passos rumo à salvação. Disponível em: <<http://.igrejauniversal.org.br/site10passos.sntmi>>. Acesso em: 26 set.2000. 2000.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1995.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Tradução de Aluísio Pereira de Menezes, M. D. Magno e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Colégio Freudiano, 1983.

MACEDO, Bispo [Edir Macedo]. *O discípulo do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

_____. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro, Universal, 1998a.

_____. *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 1998b. V.1.

_____. *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 1999. V.2.

_____. *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 2000a. V.3.

_____. A fé e o sacrifício. Disponível em: <http://www.bispomacedo.com.br/site/artigos_9.html>. Acesso em 13 ago. 2000. 2000b.

_____. O dízimo. Disponível em: <http://www.bispomacedo.com.br/site/artigos_44.html>. Acesso em: 13 ago. 2000. 2000c.

_____. Um pai amoroso. Disponível em: <http://www.igrejauniversal.org.br/site/ora_pai.html>. Acesso em: 26 set. 2000. 2000d.

MACHADO, Márcia B. *Deus vence o Diabo: o discurso dos testemunhos da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2000. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS FILHO, Miguel; LIBANEO, João Batista. *A busca do sagrado*. São Paulo: FTD, 1991.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1965.

MOURA NEVES, Maria Helena. As construções condicionais. In: _____ (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. V.7.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NÓBREGA, Mônica. Professor: lugar de poder. In: CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst. *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas: EDUCAT, 2001. p.65-85.

OLIVEIRA, Flávio M. de. *A experiência de Deus*. Pelotas: EDUCAT, 1997.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, Eni et alii. *Sujeito e texto*. São Paulo: EDUC, 1988.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996a.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996b.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Paulo: Imprensa Metodista, 1995.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et alii. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet, Françoise; Hak, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Bethania S. Mariani et alii. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b. p.61-252.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997c.

PEREIRA, Aracy Ernst. *Na inconsistência do humor, o contraditório da vida: o discurso proverbial e o discurso de alterações*. 1994. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994. Porto Alegre.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RABUSKE, Edvino A. A linguagem religiosa: algumas considerações introdutórias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 17, n.2, p.145-158, 1984.

_____. *Filosofia da linguagem e religião*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ROLIM, Francisco C. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROMUALDO, Bispo [Romualdo Panceiro]. Diálogo por telefone entre o bispo e um senhor trabalhador autônomo. Programa Ponto de Luz, Rede Mulher, 02 fev. 2002. 2002a.

_____. Diálogo por telefone entre o bispo e uma senhora convertida da umbanda para a Igreja Universal. Programa Ponto de Luz, rede Mulher, 21 fev. 2002. 2002b.

SAMUEL, Albert. *As religiões hoje*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Bispo Adilson. Os bispos respondem. Folha Universal, Rio de Janeiro, 17 fev. 2002.

VAZ LEÃO, Ângela. *O período hipotético iniciado por se*. 1961. Tese (Mestrado) - Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ZANOTELLI, Jandir João. *América latina e o estado de cristandade*. Pelotas, RS: EDUCAT, 1998.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. Considerações conclusivas do Prof. Urbano Zilles. In: RABUSQUE, Edvino. *A linguagem religiosa: algumas considerações introdutórias*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.17. n.2, p.157-8, 1984.

ANEXOS

ANEXO 1

Orixás, caboclos e guias

Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios?

o tal espírito com o estalido dos dedos. A provocação foi aceita e cada estalo era completado no mesmo instante por uma pancada. Assim, os espíritos ganharam a confiança da família e a notícia se espalhou rapidamente.

Muitos acreditaram que eram espíritos sem corpos, de pessoas que haviam falecido, quando na realidade eram os anjos decaídos, mensageiros de satanás, estabelecendo contato com o mundo físico, demônios...

Essas irmãs passaram a ser habitadas por aqueles espíritos que se utilizaram dos seus corpos para espargir a mais sórdida e destrutiva doutrina que o mundo já conheceu, que mais tem levado pessoas aos manicômios, cemitérios, etc. Não é de admirar que as meninas que serviram de vasos para estes demônios morressem embriagadas, numa vida miserável.

Os espíritos demoníacos ganharam fama e se utilizaram de vários métodos para se apossar de um corpo. No espiritismo científico, ou no "alto" espiritismo, eles se apresentam como um ente querido que já tenha falecido à procura de comunicação com seus familiares.

Fazem-se passar por maridos, esposas, filhos ou parentes. Muitas vezes, pessoas são aconselhadas

a invocar seus antepassados para resolverem um "problema". É a maior farsa existente em nosso mundo. Os demônios atuam desde as scitas mais primitivas vindas da África, até os salões da sociedade moderna. Atuam também nas religiões orientais e nas ocidentais ligadas ao secretismo.

Vivem procurando penetrar até mesmo nas religiões cristãs onde têm conseguido algum resultado. Perturbam, destroem ou se apossam das pessoas, causando os maiores malefícios possíveis, pois são demônios, mensageiros de satanás.

Espíritos revoltados

Imagine uma pessoa que ocupa um lugar relevante na sociedade; tem um cargo invejável, possui um excelente status e é respeitada por todos. Agora, pense o leitor nessa pessoa que após ter tido essa posição se vê na miséria, com a perda dos amigos, dos títulos, do prestígio, das posições, etc.

Assim aconteceu com os demônios, que depois de serem ministros, mensageiros de Deus, o Altíssimo, com toda beleza e esplendor, se viram destituídos de tudo.

Tornaram-se espíritos revoltados; querem fazer o possível e o impossível para verem as ou-

Quem são os demônios?

tras criaturas de Deus perdidas e sem a imagem do seu Criador. Eles (os demônios) não podem fazer nada contra Deus, mas podem tocar nas Suas criaturas.

Movidos por uma inveja muito grande pelos seres humanos, que foram criados menores que eles e acabaram por tomar suas posições, os demônios desencadeiam uma feroz luta contra os homens desejando aproveitar-se destes e levá-los à destruição, a fim de cumprir seus intentos malignos, o que, quase sempre, implica em um total afastamento de Deus, e a conseqüente submissão a eles.

Alguns estão servindo como cavalos, aparelhos ou vasos. Que Deus exerça Sua misericórdia sobre essas pessoas.



Irmãs Fox e sua casa de Hydesville: primeiro "contato" com um espírito

Deus usa os demônios?

Nunca! Eles foram criados para serem mensageiros de Deus, para servirem a Deus, para serem usados por Deus, entretanto, se rebelaram e Deus deixou de se utilizar deles. Como pode alguém servir a outrem, se a este não se submete? Assim, também os demônios não podem servir a Deus. Da mesma maneira, todos os que se rebelam contra Deus não podem ser usados por Ele, pois a rebelião é pecado.

Existem pessoas que freqüentam os terreiros de Umbanda, Quim-banda, Candomblé e similares, e acreditam que estão servindo a Deus. É impossível considerar tal coisa, pois a feitiçaria e todas as suas práticas, como consulta aos mortos, mediumismo, intercessão através de guias, outros deuses como os orixás e os caboclos são pecados contra Deus (1 Samuel 15.23).

Muitos hoje em dia querem servir a Deus e pensam que podem fazê-lo ainda que suas vidas sejam verdadeiras catástrofes; vivem no erro, fazem o que bem querem sem dar a mínima importância à Palavra de Deus, e ainda querem servir ao Todo-Poderoso. Assim, os demônios também não podem servir a Deus. Pode uma árvore má produzir bom fruto?

O fato de muitas vezes, Deus aproveitar oportunidades nas quais, a pessoa está envolvida pelo demônio para abençoá-la não quer dizer que Ele usou o demônio. Na realidade, o demônio foi afastado e a pessoa recebeu a bênção de Deus pela misericórdia do Senhor.

Relação entre o homem e os demônios

- O homem foi criado à imagem e semelhança do Altíssimo e tem essa imagem restaurada pelo poder de Jesus Cristo.

- Os demônios foram criados perfeitos, mas sua perdição é eterna. Estão destinados ao inferno.

- O homem é uma trindade, tem corpo, alma e espírito.

- O demônio é somente um espírito que anda à procura de corpos para se expressar através deles.

- O homem pode arrepende-se dos seus pecados e ser salvo por Jesus Cristo, o demônio não.

- O homem é um ser inteligente e dotado de livre-arbítrio.

- Os demônios não são tão inteligentes quanto o homem, pois lhes é vetada a sabedoria de Deus. Servem cegamente ao diabo porque escolheram assim.

- O homem, por menor que seja, se erer no Senhor Jesus Cristo pode todas as coisas. Os demônios, por maiores que sejam, nada podem para quem tem Jesus.

Por que Deus permite a atuação dos demônios

O ser humano é dotado de livre-arbítrio. Para que o homem escolha, há necessidade de algo para prová-lo ou testá-lo. Quando foi criado, Deus colocou no meio do Jardim do Éden uma árvore - e do mal - para que o homem não provasse dela, demonstrando assim a sua fidelidade ao seu Criador.

Hoje, da mesma maneira como o diabo usou a serpente, ele usa os demônios para enganarem o ser humano. Deus permite a atuação dos demônios porque também dessa maneira a fidelidade do homem em relação a Si é provada.

Não é que os demônios existem para isso, e são usados por Deus para provar o homem: porque Deus para testar a nossa fidelidade pode usar uma árvore ou qualquer outra coisa.

Acontece é que os demônios existem e vivem arrebanhando quem acredite neles. Esse também não deixa de ser um modo pelo qual o homem se torna infiel a Deus. Além do mais, há um plano divino sobre todas as coisas, que está sendo cumprido. Haverá um dia em que os demônios serão lançados para sempre no lago de fogo juntamente com o diabo, seu chefe.

"O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos."

Apocalipse 20.10

ANEXO 2

Dez passos rumo à salvação

Orientação Espiritual

Dez passos rumo à salvação

Há passos a seguir que, levados seriamente em conta, poderão levar a pessoa sincera ao caminho da salvação. Não considere, amigo leitor, a ordem na qual são apresentados, mas creia que milhares de pessoas estão sendo libertas de todo o poder do diabo em nossas igrejas, graças a esses passos.

Temos recebido em nossas reuniões pessoas antes envolvidas com os tóxicos, o demonismo, perdas no mundo e sem esperanças. Hoje, depois de frequentarem nossas reuniões de libertação, estão totalmente libertas e modificadas, cheias da presença do Espírito Santo e colaborando fielmente na Obra do Senhor.

1. Aceitar de fato o Senhor Jesus como único Salvador

Aceitar a Jesus como Senhor e Salvador inclui mais que uma simples resolução mental. "Aceitar", no sentido bíblico, significa crer, confiar e seguir. Muitos dizem que aceitam a Jesus; trocam, entretanto, Seu nome por outros e não depositam sua fé totalmente nEle. Falam que aceitam a Jesus mas afirmam que "todos os caminhos levam a Deus". Submetem-se às entidades e aos "santos" e neles depositam sua confiança. Anunciam até que "Deus é bom, mas o diabo não é mau", fazendo assim a vontade de satanás.

Tais pessoas não podem ser libertas se procedem dessa maneira, pois Deus não é de confusão. O verdadeiro seguidor de Jesus não pode ficar entre o sim e o não; não pode coxear entre dois pensamentos. Isso aos olhos de Deus é absurdo. Ninguém pode estar na luz e nas trevas ao mesmo tempo, porque ou a luz dissipará as trevas, ou as trevas abafarão a luz.

Aceitar o Senhor Jesus significa abandonar a vida antiga; virar as costas ao erro; submeter-se a Jesus pela Sua Palavra; negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e ir após Ele. Se assim for, a pessoa está pronta para tudo. Se tiver de enfrentar mil e uma barreiras, ela o fará; ainda que tenha de resistir ao mundo inteiro, isto não será difícil.

Imagine agora um mar tempestuoso, onde o seu barco está afundando, e não há em volta nada em que possa segurar. De repente aparece alguém em um barco forte e lhe estende a mão. É claro que você irá segurá-la, mesmo sem conhecer o dono da mão estendida. Será sempre grato à pessoa que, na hora da aflição, quando a morte o estava rodeando, o recuperou salvando a sua vida. Assim também faz o Senhor Jesus por nós. Mesmo que alguém não O conheça bem, Sua mão está estendida para livrá-lo da

morte. Aceite-O por Salvador, pois Sua mão está estendida para livrá-lo de todo o mal; para libertá-lo completamente.

2. Participar das reuniões de libertação

A participação nas reuniões de nossa igreja é um fator muito importante para aquele que sinceramente deseja ter uma nova vida, afastada da influência dos demônios.

Há demônios que não se manifestam em uma ou outra reunião; há aqueles que apanham as pessoas quando estas saem à rua, ou mesmo em seus lares, por estarem estes "carregados". Há também casos em que a pessoa é desejada por centenas de demônios e eles lutam para possuí-la.

Saiba que o diabo nunca se dará por satisfeito ao perder uma batalha; ele procurará sempre se reabilitar e essa é uma das principais razões pelas quais aquele que deseja uma libertação completa não pode deixar de participar efetivamente das reuniões da igreja.

3. Buscar o batismo com o Espírito Santo

O homem foi destinado por Deus para ser templo do Espírito Santo. Pela sua rebelião, deixa que os espíritos demoníacos dominem seu corpo, sua mente e sua alma; o Senhor, entretanto, ainda concede o Seu Espírito àquele que O busca.

O batismo com o Espírito Santo é considerado tal qual a segunda bênção, pois deve vir logo após a salvação. Após a entrega e a libertação, a pessoa deve buscar ardentemente esse batismo.

4. Andar em santidade

A palavra "santo" significa na sua expressão mais simples "separado". Ninguém pode querer ser liberto de satanás e dos demônios e continuar fazendo a vontade deles. Aquele que deseja servir a Deus precisa andar segundo a Sua vontade. Segundo o apóstolo João, aquele que está em Cristo deve andar também semelhantemente a Ele. Há necessidade de uma conduta santa e irrepreensível por parte daquele que deseja seguir a Jesus.

Se você, leitor, deseja na verdade a salvação, não admita nenhuma ligação com o diabo. Ande de cabeça erguida, sem ter de que se envergonhar; seja submisso a Deus, por sua livre e espontânea vontade.

Lembre-se: não basta apenas se separar de algumas coisas. É necessário também se separar para outras.

5. Ler a Bíblia diariamente

<http://www.igrejauniversal.org.br/site/10passos.shtml>

26/09/00

"Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos". (Salmos 119.105)

Não pode haver perfeita comunhão com Deus sem o conhecimento da Sua santa vontade. Quando Jesus venceu o diabo, Ele o fez usando a Palavra de Deus. Ela é a espada do Espírito Santo. Quando a usamos com fé, nada há neste mundo capaz de nos derrotar, pois ela penetra no mais íntimo de nosso ser, ao ponto de dividir a alma e o espírito, as juntas e medulas. Quando pronunciada por um servo de Deus, em nome do Senhor Jesus, produz efeitos extraordinários.

Todo aquele que deseja vencer satanás deve conhecer bem a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada. O centurião disse para o Senhor Jesus enviar apenas uma Palavra e o seu servo seria curado. Dito e feito! A Palavra chegou até o servo do centurião e realizou o milagre. É por meio desta maravilhosa Palavra que os maiores milagres têm acontecido. Ela produz fé em nossos corações para resistirmos ao diabo; logo, a necessidade de conhecê-la se faz obrigatória.

6. Evitar as más companhias

Nossa experiência nos leva a crer que um dos pontos fundamentais para a libertação e salvação está no fato da pessoa se desligar totalmente das companhias que não professam a mesma fé. Já diz o velho ditado: "Dize-me com quem andas e te direi quem és". Realmente, temos razões suficientes para colocar esse item na categoria de suma importância para a salvação de alguém.

Temos visto pessoas que começaram uma caminhada gloriosa na igreja e, pouco tempo depois, levadas por más companhias, acabaram por se desviar da sua comunhão.

Procure amizade com pessoas que tenham a mesma fé e evite a todo custo conversas, discussões ou contatos que possam colocar em jogo a sua salvação.

7. Ser batizado

Todas as bênçãos de Deus são prometidas àqueles que crerem e forem batizados, e isto deve acontecer imediatamente após se ter aceitado a Jesus Cristo por seu Salvador pessoal. O batismo nas águas é a mortificação dos feitos da carne; é o sepultamento do velho "eu" e o ressurgimento de uma nova criatura limpa e lavada para uma novidade de vida.

Quando aceitamos Jesus por nosso Salvador, não podemos deixar que as manias, os maus costumes e quaisquer feitos da carne atrapalhem nosso relacionamento com o Senhor. Aquele gênio terrível, o orgulho, as vaidades, etc, são produtos da

<http://www.igrejauniversal.org.br/site/10passos.shtml>

carne e precisam ser abandonados. Como nascer de novo, se não morrermos? Não podemos ficar com duas naturezas, uma pecaminosa e outra convertida. Morrer com Cristo significa não permitir mais os frutos da carne. Temos de viver segundo o Espírito Santo, em novidade de vida.

8. Frequentar reuniões de membro

Não resta a menor dúvida que alguém, ao se converter a Cristo, necessita de maiores esclarecimentos para poder trilhar o caminho cristão. As reuniões da igreja, onde os membros se encontram para louvar ao Senhor e aprender Sua Palavra, são verdadeiras águas de refrigério para o cristão sedento. Precisamos alimentar a nossa fé com a Palavra da verdade, a qual nos arma contra as ciladas de satanás.

9. Ser fiel nos dízimos e nas ofertas

Quando alguém se propõe a seguir o Senhor Jesus, tem de andar segundo as normas por Ele estabelecidas. Somos nós quem acompanhamos o Senhor e, por isso, devemos dar ouvidos à Sua voz.

A Bíblia explica em Malaquias 3.10 haver um espírito devorador, causador de toda miséria, desgraça e caos na vida daqueles que roubam ao Senhor nos dízimos e nas ofertas.

Quando Deus criou o homem, o fez perfeito e o colocou sobre a Sua criação. Deus concedeu-lhe o direito e o privilégio de administrar todos os bens na Terra; com a organização do culto, porém, exigiu a décima parte de todo o trabalho do homem. Ele fez isso para, dentre outros motivos, O reconhecermos por Senhor de todas as coisas e, automaticamente, nos considerarmos servos.

Se formos fiéis a Ele, o Criador de todas as coisas, Ele certamente será fiel a nós e jamais deixará faltar o nosso sustento; nem tampouco permitirá a atuação dos espíritos devoradores em nossa vida.

Assim, Deus é glorificado com as primícias de toda a nossa renda e os 90% com Ele valerão muito mais do que os 100% sem a Sua proteção. Dar dízimo e ofertas significa realmente amar a Obra de Deus e estar preocupado em levá-la adiante.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o

<http://www.igrejauniversal.org.br/site/10passos.snuni>

Senhor dos Exércitos".

(Malaquias 3.10,11)

10. Orar sem cessar e vigiar

Talvez você pense que tal passo seja difícil, embora importante, para a sua completa libertação. Orar sem cessar é estar sempre em espírito de oração; sempre em contato com Deus. Quantas vezes estamos falando com alguém e, ao mesmo tempo, orando para que o seu problema seja solucionado? Nossas mãos podem estar amarradas, porém nosso espírito pode estar ligado ao de Deus. É claro que nesse mandamento estão também incluídas as orações silenciosas a sós, as orações comunitárias, junto a outros irmãos, as orações de joelhos, etc. Enquanto estivermos em oração, vigiando sempre para não sermos enganados, satanás não encontrará brecha para entrar em nossa vida.

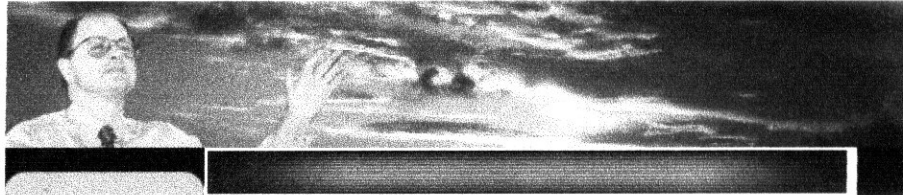
A Bíblia declara que o diabo vive nos rodeando, rugindo feito leão, procurando ceifar aqueles que estão dormindo espiritualmente. Quando estamos orando e vigiando, o diabo não somente se afasta de nós como também se dobra diante da nossa geração. Não há demônio que resista ao poder existente na vida daquele que tem uma existência de oração e vigilância na presença de Deus.

● **Opções**

Seguir

ANEXO 3

A fé e o sacrifício



- Home
- Vida
- Obras
- Palavras
- Canções
- Imprensa
- Links

Artigos

A fé e o sacrifício

Segundo o texto bíblico, "...a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem." (Hebreus 11.1). Em outras palavras, fé é certeza, é convicção de que Deus irá fazer exatamente aquilo que Ele prometeu!

A fé não pode ficar apenas na base da teoria; dizer que se crê em Deus pura e simplesmente não evidencia de fato a fé. Há algo mais que se tem de fazer para essa fé ficar caracterizada, uma vez que a fé sem obras é morta. É exatamente aí que entra o sacrifício: ele identifica a fé de quem o realiza, e ninguém é capaz de fazer um sacrifício sem que esteja convicto dos frutos dele.

A Bíblia mostra que os heróis da fé fizeram sacrifícios em razão da crença que tinham no coração. É o caso de Abel que, por causa do calor da sua fé, ofereceu mais excelente sacrifício que Caim, seu irmão. O mesmo ocorreu com Abraão: quando posto à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Por quê? Simplesmente por causa da qualidade de sua fé.

Obviamente Deus conhecia muito bem a qualidade de fé de Abraão; entretanto, provou sua fé no sacrifício de Isaque, que Ele mesmo acabou impedindo de acontecer, providenciando um carneiro como substituto (Gênesis 22.11-13), para deixar como exemplo de fé que Ele deseja e quer de cada um de nós.

Ninguém, em sã consciência, pode duvidar da atitude de fé de Abraão, porque ele teve que caminhar três dias consecutivos, com Isaque, até o monte determinado por Deus para o sacrifício do filho. Essa longa caminhada caracterizou sua fé consciente.

Quando a fé não é usada com inteligência, então ela se torna cega, e uma fé cega jamais pode trazer benefícios; pelo contrário, a pessoa passa a ser escrava da religião que professa.

A fé cega tem conduzido as pessoas aos desequilíbrios emocionais, tais como as paixões religiosas, os entusiasmos e sentimentos enganosos, provocando afinal as decepções com a própria fé. Daí a razão por que tanta gente crê em Deus e vive uma vida nos limites da miséria e do fracasso.

Há uma multiplicidade incrível de deuses e religiões neste mundo; os povos, no entanto, continuam cada vez mais carentes de vida. Por quê? Porque as religiões têm cegado e escravizado os povos, impondo-lhes uma fé cega.

O Senhor Jesus disse: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8.32). O acesso à verdade só é possível pelo conhecimento da Palavra de Deus, e isso somente é possível com o

auxílio do intelecto. A meditação na Palavra de Deus (inteligência) somada à crença na mesma (fé) resulta no conhecimento da verdade que liberta.

As religiões e doutrinas humanas não têm poder para libertar as pessoas dos seus medos e dúvidas, principais causas de depressões; somente a verdade que procede da boca de Deus tem o poder de iluminar o interior humano e fazê-lo entender as razões de seus fracassos. A partir de então ele passa a saber como deve lutar para vencer.

A fé sobrenatural é um dom de Deus e vem pelo ouvir a Sua Palavra. A fé vem de Deus, mas, para exercitá-la e conquistar seus benefícios, é preciso ter coragem para sacrificar.

O sacrifício é o preço da conquista, porque no sacrifício há a ação da fé. Nenhum trabalhador teria coragem de sacrificar oito horas por dia durante todo o mês sem que estivesse convicto de receber, no final do mês, o salário referente àquele trabalho.

Assim também acontece com o lavrador! Ele não sacrificaria as sementes na terra se não tivesse fé para colher muitas vezes mais. De fato, a fé exige o sacrifício para trazer à existência aquilo que não existe.

Deus é um Ser inimaginavelmente inteligente. Da Sua inteligência e poder nasceu a Criação. Obviamente o culto que Ele espera tem que ser racional e inteligente. Aliás, é justamente o que o Espírito de Deus nos ensina através do apóstolo Paulo, quando diz: "Rogovos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional." (Romanos 12.1).

Clique aqui

<<Anterior | Topo | Títulos | Próximo>>

[\[Home\]](#) [\[Vida\]](#) [\[Obras\]](#) [\[Palavras\]](#) [\[Canções\]](#) [\[Imprensa\]](#) [\[Links\]](#)

Informando sobre problemas no website, webmaster@bispomacedo.com.br

ANEXO 4

Doutrinas 2

Estar na Graça é estar livre de toda a condenação?

Estar sob a Graça é usufruir dos méritos do Senhor Jesus Cristo. Quando nos tornamos cristãos, arrependidos sinceramente, não podemos mais ser condenados por nenhum pecado que tenhamos cometido. Observe o texto bíblico abaixo:

"Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus."

Romanos 8.1

Imagine alguém com uma enorme dívida, tendo todos os seus cartões de crédito suspensos e seu nome no Serviço de Proteção ao Crédito que, subitamente, receba de presente o cancelamento de todas as pendências. Embora não tenha pago o que devia, também não é mais devedor e, portanto, não pode ser condenado. Da mesma forma acontece com o cristão nascido de novo. Ele é considerado justo diante de Deus, mas apenas por causa dos méritos do Senhor Jesus Cristo.

"Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz."

Colossenses 2.14

O que significa ser salvo pela Graça mediante a fé?

Significa ser salvo por uma iniciativa de Deus e não por nossos próprios méritos.

"Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores."

Romanos 5.8

Muitas pessoas acham que merecem ir para o Céu porque são muito boas, fazem caridade, não devem a ninguém e até praticam alguma religião. Todos nós, no entanto, por mais inocentes que nos consideremos, já nascemos sob a herança maldita de Adão. Com o pecado original, todos nós fomos considerados reprovados por Deus, não havendo sequer um justo (Romanos 3.10). Nada do que fizéssemos poderia satisfazer a justiça divina, nem mesmo as boas obras. Por isso Deus tomou a iniciativa de nos salvar, dando Ele mesmo o Seu próprio sangue por nós.

"Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus."

Romanos 3.23

"Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados."

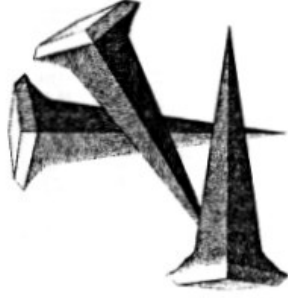
Isaias 53.5

ANEXO 5

Doutrinas 1

ter comunhão com Ele através do Senhor Jesus Cristo que é a Única Porta! Sem Ele não há nem perdão nem salvação.

Ainda que as pessoas sejam boas, honestas, sinceras e caridosas, mesmo assim, se elas quiserem a vida eterna, terão que aceitar e viver de acordo com a palavra do Senhor Jesus. O Espírito Santo convence o pecador, mas é o Senhor Jesus quem o perdoa e o salva.



O Senhor Jesus Cristo veio e satisfaz todas as condições da Lei de Deus!

Além de transgredir a Lei de Deus e entristecê-Lo qual é o grande mal que o pecado faz ao próprio pecador?

O pecado não somente ofende a Deus, mas além disso se volta contra o próprio pecador da seguinte forma:

a) Anula a fé do pecador, pois uma vez concebido o pecado, imediatamente, dá origem a dúvida e esta, por sua vez, neutraliza a ação da fé;

b) O pecado concebido sempre é como uma semente plantada, cedo ou tarde, dará os seus frutos, por exemplo, o consumo de bebida alcoólica, cigarros e tóxicos causam doenças incuráveis, acidentes no trânsito, distúrbios emocionais, etc. Muitas crianças estão morrendo de câncer por culpa do cigarro usado pela mãe quando na gestação delas;

c) O pecado escraviza o pecador de tal forma que este passa a viver em função daquele. É o caso das pessoas que são presas aos vícios e não conseguem reunir forças para se livrarem deles. De fato, todo o pecado tem um espírito, oriundo de satanás, que obriga o pecador a fazer sua vontade;

d) O pecado obscurece a mente humana e impede o discernimento. O espírito do pecado

sempre leva o pecador a uma má escolha. O pecador torna-se cego espiritualmente e passa a viver nas trevas. Ele fica impedido de compreender a vontade de Deus para a sua vida;

e) O pecado é uma herança maldita que os pais deixam para os filhos;

f) O resultado do pecado é a morte eterna (Romanos 6.23).

Qual é o único caminho capaz de nos livrar da maldição do pecado?

É a constante fé no Senhor Jesus Cristo acompanhada de arrependimento.

Essa fé não é tão somente acreditar no Senhor Jesus ou mesmo ter um sentimento de pesar pela Sua morte na cruz, não! A qualidade da fé no Senhor Jesus que salva, tem que ser acompanhada do sacrifício até da própria vida (Mateus 10.37-39).

A pessoa que quer se ver livre do espírito do pecado tem que se esvaziar de si mesma através da humilhação diante de Deus, e viver uma vida totalmente afastada do pecado e se possível, daqueles que vivem no pecado.

O pecado somente pode ser removido pela substituição, isto é, alguém que não tenha pecado tem que morrer com o pecado de quem pecou, substituir o pecador e morrer com o seu pecado. Esse é o único caminho de se remover

ANEXO 6

O dízimo



Artigos

O dízimo

O dízimo significa os primeiros dez por cento de tudo o que vem às nossas mãos; é as primícias da nossa renda ou os primeiros frutos da nossa colheita. Se o cristão não considerar o dízimo dessa forma, corre o risco de perder os seus inúmeros benefícios e herdará as maldições de sua desobediência.

O dízimo demonstra a fidelidade do reconhecimento do servo para com o Senhor de todas as coisas. O cristão fiel não paga o dízimo por imposição ou obrigação, mas por livre e espontânea vontade, e com todo o prazer; isso porque ele reconhece, no mais profundo de sua alma, o Senhor Jesus Cristo como sendo seu único Senhor e Salvador. Os ímpios não são assim; eles não têm nenhum compromisso de fé com quem quer que seja. Qualquer que seja a sua religião, não se comprometem de verdade com os seus deuses; nem a eles são fiéis.

O dízimo demonstra fidelidade a Deus, mas em amor. Podemos avaliar e compreender isso melhor comparando com o casamento: uma pessoa pode casar e ser fiel ao seu marido ou a sua esposa por uma questão de interesse próprio.

É o caso de pessoas de certa projeção social, como políticos, executivos de grandes empresas, e outros, que têm de aparentar um casamento bem sucedido, ou mesmo o caso do presidente de uma nação, que normalmente aparece em público com a sua esposa. Há também aquelas pessoas ambiciosas que se submetem a uma situação de aparente fidelidade apenas por interesse na herança do outro, uma fidelidade dependente das circunstâncias. Aliás, esse é o caso daqueles que são dizimistas fiéis apenas por imposição da própria consciência cristã, não motivada pela alegria ou pelo amor. Por outro lado, há aquela fidelidade no casamento movida pelo único e exclusivo motivo do amor. O líder cristão, por exemplo, é fiel à sua mulher não porque está imbuído de uma autoridade espiritual que o obriga a ser um exemplo para os demais, mas sim por causa do seu amor para com ela! Assim como, para ela, representa o Senhor Jesus, ela, por sua vez, representa a Igreja para ele. Então, há um vínculo muito forte entre o casal, e uma fidelidade alicerçada no amor.

Ora, assim deve ser o espírito do dizimista: ele não pode e nem deve ser fiel a Deus apenas por uma obrigação moral ou eclesiástica, mas pelo profundo sentimento de amor e consideração com Deus, e pela sua vida de comunhão com Ele.

Aqueles que são dizimistas apenas porque cumprem a lei ou

glorifique.

Pense bem, quando vemos uma criança suja, doente e maltratada, o que pensamos dos seus pais? Você pode imaginar a satisfação de Deus em que sejamos limpos, sadios, prósperos e felizes?

Quando seus filhos vão à escola e são elogiados pelos colegas, vizinhos ou parentes, não é claro que você se sente gratificado pelo sacrifício que tem feito por eles? E quando seus filhos estão doentes, não vão bem nos estudos, não conseguem aprender nada, chegam em casa com a roupa suja ou o rosto inchado de apanhar dos colegas, quando só vivem chorosos, qual é a sua reação? Naturalmente você fica aborrecido. Não quer ver os seus filhos sofrerem e fará tudo o que puder para vê-los saudáveis e felizes.

É claro que a vontade de Deus é que seus filhos sejam abençoados e prósperos. O Senhor Jesus disse certa vez que veio ao mundo para que nós tivéssemos vida, e a tivéssemos em abundância. Verdadeiramente, um Pai rico só poderia ter filhos ricos. Se você não está vivendo uma vida abundante, se está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-O em lugares errados, ou porque não quer se apossar da herança que lhe pertence.

Se você, por outro lado, deseja viver a real vida que Deus lhe tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a receber tudo aquilo que Ele tem prometido. Busque-O e O achará.

"Cantem e alegrem-se os que amam a minha justiça e digam continuamente: O Senhor, que ama a prosperidade do seu servo, seja engrandecido."

Salmos 35.27

"Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem."

Salmos 103.13

"Serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso."

2 Coríntios 6.18

● Opções

Seguir

ANEXO 7

Um pai amoroso

Orientação Espiritual

A oração do Pai Nosso

Quando Jesus ensinou seus discípulos a orar, começou a oração com a expressão "Pai-Nosso". Tal expressão é mais que uma forma de tratamento que indica uma relação entre Deus e os homens – a relação pai-filho. Essa forma de tratamento é expressiva, em primeiro lugar, porque os judeus não estavam acostumados a tratar Deus assim tão intimamente.

Para eles, Deus era uma espécie de general que comandava as guerras; um senhor soberano e vigilante à procura de quem desobedecesse às suas leis para puni-lo, ou ainda uma espécie de vingador do povo contra quem lhe fizesse mal.

Tal compreensão fazia do Deus de Israel, um deus distante, apático e impessoal. Por isso, quando Jesus Cristo começou a chamar Deus de "pai" ou "paizinho" os judeus o chamaram de herege e blasfemo. Tinham muita dificuldade para entender como Deus, o criador de todas as coisas e dominador do Universo, poderia ter um relacionamento pai-filho com os homens. Davam tantas honras a Deus que não podiam aceitar tal intimidade com Ele.

Ao ensinar Seus seguidores a tratar Deus como pai, Jesus os estava levando a um relacionamento de intimidade, de comunhão e de perfeito amor. Na história do filho pródigo, por exemplo, o Mestre salienta essa relação, mostrando que, mesmo afastado, pecador e culpado, o ser humano é tido por Deus como um filho a quem muito se ama, a quem se deseja recuperar e dar a herança cabível, o seu devido lugar como filho.

Um Pai amoroso

Compreenda a Deus como um pai, e como bom pai que é, deseja dar aos Seus filhos o melhor. Todo o poder está em Suas mãos. Toda autoridade, riqueza, glória, e tudo o que existe no universo, pertence a Ele e, como filho, você é herdeiro de tudo isso.

Pense bem, se nós que somos falhos, injustos e ingratos gostamos de dar o melhor para os nossos filhos, quanto mais o nosso Pai que está nos céus, dará também as melhores coisas aos Seus filhos.

O grande desejo de Deus é que você seja a imagem do Seu Filho Jesus. Quer que você exale o perfume de Cristo e que seja neste mundo um verdadeiro cidadão do reino dos Céus.

Ele quer que você viva de tal maneira que a sua vida O
nup://www.igrejauniversal.org.br/sne/orapai.shtm

glorifique.

Pense bem, quando vemos uma criança suja, doente e maltratada, o que pensamos dos seus pais? Você pode imaginar a satisfação de Deus em que sejamos limpos, sadios, prósperos e felizes?

Quando seus filhos vão à escola e são elogiados pelos colegas, vizinhos ou parentes, não é claro que você se sente gratificado pelo sacrifício que tem feito por eles? E quando seus filhos estão doentes, não vão bem nos estudos, não conseguem aprender nada, chegam em casa com a roupa suja ou o rosto inchado de apanhar dos colegas, quando só vivem chorosos, qual é a sua reação? Naturalmente você fica aborrecido. Não quer ver os seus filhos sofrerem e fará tudo o que puder para vê-los saudáveis e felizes.

É claro que a vontade de Deus é que seus filhos sejam abençoados e prósperos. O Senhor Jesus disse certa vez que veio ao mundo para que nós tivéssemos vida, e a tivéssemos em abundância. Verdadeiramente, um Pai rico só poderia ter filhos ricos. Se você não está vivendo uma vida abundante, se está passando por situação financeira difícil, por enfermidades ou problemas espirituais é porque ou está afastado do seu verdadeiro lugar diante de Deus, procurando-O em lugares errados, ou porque não quer se apossar da herança que lhe pertence.

Se você, por outro lado, deseja viver a real vida que Deus lhe tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a receber tudo aquilo que Ele tem prometido. Busque-O e O achará.

"Cantem e alegrem-se os que amam a minha justiça e digam continuamente: O Senhor, que ama a prosperidade do seu servo, seja engrandecido."

Salmos 35.27

"Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem."

Salmos 103.13

"Serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso."

2 Coríntios 6.18

Opções

Seguir

ANEXO 8

**Diálogo por telefone entre o bispo e um senhor
trabalhador autônomo com problemas financeiros**

Programa Ponto de Luz - Rede Mulher - Bispo Romualdo - 02/02/2002

Diálogo por telefone entre o bispo e um senhor trabalhador autônomo com problemas financeiros.

Bispo - você quer conhecer o trabalho da igreja... quer uma orientação... pode passar um e-mail... está aí... nós vamos orientá-lo... Agora o senhor aqui... o senhor tem condições de estar muito bem de vida...

Senhor - é... justamente... eu fico em altos e baixos direto... então... trabalho... trabalho... trabalho... e meu trabalho não... não... cresce

Bispo - mas olha... eu vou dizer uma coisa pro senhor... se nós colocarmos as mãos na cabeça do senhor e se o senhor colocar em prática as escrituras sagradas... eu vou dizer uma coisa pro senhor... num futuro bem próximo o senhor... além de estar bem vai poder dar emprego a muitas pessoas... o senhor já pensou que coisa bacana o senhor ter uma fábrica e saber que algumas pessoas estão ali e estão tendo o privilégio de ter um pão... uma carne em casa porque o senhor lhe deu condições de trabalho... isso não é bonito?

Senhor - é lindo... poxa... eu procuro isso o tempo todo

Bispo - é... mas é preciso que o encosto saia (...)

ANEXO 9

**Diálogo por telefone entre o bispo e uma senhora
convertida da umbanda para a Igreja Universal**

Programa Ponto de Luz - Rede Mulher - Bispo Romualdo - 21/02/2002

Diálogo por telefone entre o bispo e uma senhora convertida da umbanda para a Igreja Universal.

Bispo - Dona coisinha, diga uma coisa... o que que a senhora tem pra nos contar?

Fiel - Eu lembro de uma... uma amante né... que nos procurou porque ela tinha um envolvimento com um senhor né... e um senhor... um empresário muito bem sucedido né... que tinha uma rede de sapatarias né... e ela começou com envolvimento com ele e ele... falava muito da esposa, falava dos filhos...

Bispo - Falava o que, hein?

Fiel - Falava que tava com saudade... queria ir logo embora e ela... agoniada devido a ouvir aquilo tudo começou com a inveja né... ela começou com uma inveja e através dessa inveja ela nos procurou e pediu pra fazer um trabalho pra destruir o casamento dele, mas sendo que primeiro a vida... e o casamento... ela primeiro queria destruir a vida financeira dele né... aí eu pedi a ela que trouxesse uma garrafa de cachaça, um vidro de óleo de rícino e sete qualidade de pimenta né... a cachaça é pra causar ardor né... pra deixar o relacionamento bem ardido né... e a pimenta é pra causar brigas... contendas... e o óleo de rícino pra causar nojo né... e fiz aquela mistura toda...

Bispo - Qual foi o efeito disso, hein?

Fiel - começou a acontecer no relacionamento do casal... bom... primeiro começou... começou as brigas dentro de casa... começaram as brigas dentro de... e depois das brigas foi vindo o esfriamento conjugal e depois do esfriamento conjugal ele perdeu tudo o que tinha... perdeu a sapataria que ele tinha... perdeu a sapataria que ele tinha e depois ela não quis mais ele né... ela não quis mais ele devido assim ao esfriamento que houve né... no casamento em casa... ele se desesperou porque ele ficou impotente e... largou a esposa e ficou sozinho nem... nem a esposa e nem a amante...

Bispo - Cê tá vendo, minha amiga... tudo por causa de uma... uma aventura... porque a partir do momento que ele fala pra amante que queria voltar à casa por causa da saudade que tinha dos garotos e da mulher claro que havia um sentimento de amor, mas a amante foi uma aventura... aventura que lhe custou a perda de tudo... a

perda da família... se você está nessa situação... indo de mal a pior na vida sentimental... querendo morrer... acabar com tudo.... você se sente pesado... com dores no corpo... dores de cabeça... angustiado... olha... nessa terça-feira dia vinte e seis nós vamos fazer uma grande campanha de fé contra os encostos em geral.... você vai colocar ao pé da cruz... todos os seus pedidos... eu queria que vocês fizessem um pedido e trouxessem para colocar ao pé da cruz... poxa vida você já fez pedido a tantos, você já fez pedido a tantos é ou não é? você já pediu a A já pediu a B... eu estou pedindo a você para fazer um pedido ao Senhor Jesus ao Pai das luzes (...)

ANEXO 10

Folha Universal

Os bispos respondem



Prezado bispo:

Estou em busca de uma orientação. Pertencço a uma família evangélica e membros da Igreja Universal. No aspecto financeiro, tudo o que desejo através das correntes obtenho êxito, no entanto, sou namorada de um rapaz, já faz quatro anos, e ele possui um grau de escolaridade avançado, fala três idiomas pertence a uma família de classe média. O pai possui uma loja de autopeças em frente à Catedral. Para casarmos, ele argumenta que precisa de um emprego e que não quer trabalhar com o pai. Sua mãe é evangélica de outra denominação e vive pedindo a todos da igreja que pertence para orar pelo filho, que precisa de um emprego. Ele possui 26 anos e toda entrevista que faz as pessoas gostam, inclusive do seu currículo; dão a entender que ele irá ocupar a vaga, mas tudo desanda. Isso ocorre há cinco anos. Causas que seriam ganhas na justiça ele perdeu. Há um ano, fiz a terapia do amor, e por eu discordar das "profecias" que a mãe dele prega, deixou de querer frequentar a Universal e quer visitar outras igrejas. Não sei o que fazer para ajudá-lo e me ajudar. Tudo o que ele faz dá errado.

Aguardo orientações.

Luciene.

Cara amiga Luciene:

Por causa desse tipo de problema é que não aconselhamos pessoas de denominações diferentes se casarem. Reveja se realmente essa união não vai, ainda no futuro, enfraquecê-la na fé, pois, se agora que ainda não estão casados tudo dá errado com esse rapaz, como será no futuro, quando ele tiver a responsabilidade de uma casa. E depois de casados, no domingo, irão separados cada qual para sua Igreja? Uma casa dividida? A Bíblia diz que "não subsistirá" (Mateus 12,25).

A decisão é sua. Se você o ama, revolte-se diante de Deus, peça a Ele uma solução, que esse rapaz venha a mudar a vida dele e que venham buscar, desde já, a Deus, juntos. Dizer que somos de Deus é fácil, frequentar uma denominação é fácil, precisamos é ser nascidos de Deus. O nascido de Deus vence tudo.

Que Deus a abençoe, em nome do Senhor Jesus. (Bispo Eduardo Mullich)

Quero ajuda.

A minha vida está como se tivesse estourado um vulcão em erupção, estou cheio de problemas em todos os aspectos e sentidos, os mais diversos possíveis, tais como: financeiro, familiar e sentimental. Faço o uso da mentira para me manter no engano, pois os meus negócios são feitos à base de enganação, são inescrupulosos, são práticas de corrupção. Enfim, considero a mim mesmo uma pessoa perdida. Ajude-me a encontrar Deus. Eu sei que só Ele pode me erguer. Bispo, eu o vejo como um homem de Deus, sempre que posso ouço as reuniões pela rádio.

Peço que mande uma resposta para essas palavras.

Cordialmente,

Erasmoo.

Caro amigo:

Se quer que sua vida seja mudada, deve se preocupar em praticar a Palavra de Deus. Permita que ela entre em seu coração através das mensagens que tem ouvido na rádio. Participe das reuniões na igreja; aos poucos, a Palavra penetrará em sua alma e fará sentir-se arrependido dos seus erros; sentirá ódio do seu pecado e então encontrará forças para mudar. A princípio, o mais importante é que você já tenha um desejo sincero de mudar e encontrar a Deus, isso é o suficiente para que Ele comece a agir em sua vida. Quanto ao mais, procure o pastor da IURD e peça uma orientação, pessoalmente. (Bispo Adilson Silva)

Caro bispo:

Sou membro da Igreja Universal e estou passando pelo seguinte problema: minha avó tem 78 anos de idade e serve aos encostos há 59. Meu pai, minha irmã e minha prima também seguiram os passos dela. Minha mãe se denomina uma "bruxa", faz previsões e adivinhações. Eu nasci e cresci dentro deste ambiente, mas graças a Deus, hoje, encontrei a luz e me converti ao Senhor Jesus. Bispo, eu preciso, urgente, de uma palavra sincera sua.

O que posso fazer para que eu venha mudar essa situação, pois só eu e meu irmão estamos na igreja? Quero muito sua orientação, pelo amor de Deus, me responda com toda sinceridade.

Obrigado, amigo Nicólas.

Olá Nicolas!

Pelo que pude perceber, você deseja uma orientação com respeito a sua família. Na verdade, é que se você e seu irmão são pessoas de Deus, então ambos têm a responsabilidade de orar pelos demais membros da família. Enquanto eles estiverem vivos, vocês devem ter a certeza de que eles não irão morrer sem ter a oportunidade de conhecerem o Senhor Jesus. Nós não temos, constantemente, o clamor de Deus na igreja? Então, temos que ter certeza de que a justiça de Deus já se manifestou na vida dos seus familiares. Não desista de lutar contra esses encostos que querem fazer de sua família um instrumento nas mãos dele. Saiba que se você lutar com toda a sua fé, então todos eles, independente de idade ou circunstância, irão se converter ao Senhor Jesus. Que Deus o ilumine sempre! (Bispo Celso Rebequi - IURD do Japão)

* Se você deseja tirar suas dúvidas, envie nome completo, endereço, e-mail e CEP para: Estrada Velha da Pavuna (Estrada Ademar Bebiano, 3.610, Inhaúma - Rio de Janeiro, CEP 20.766-720. Os esclarecimentos serão feitos também através de cartas ou pela internet.